



Stella



Universidade de Évora

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Família e População

Mensagens Poéticas para a Infância

Manuais Escolares do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Dissertação apresentada por:

Maria Dulce Damas da Cruz

Orientador:

Professor Doutor Francisco Martins Ramos

Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri

UE
159
536

Évora - 2006



Universidade de Évora

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Família e População

Mensagens Poéticas para a Infância

Manuais Escolares do 1.º Ciclo do Ensino Básico



159 536

Dissertação apresentada por:

Maria Dulce Damas da Cruz

Orientador:

Professor Doutor Francisco Martins Ramos

"Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri"

Évora - 2006

Agradecimentos

À viagem pelo «País da Infância»,
ao reencontro
de memórias e brincadeiras,
aos jogos do esconde-esconde,
à rua, às flores, às rãs e ao pinhal,
à Calau, à Janeca e à Lurdete,
à partilha de aventuras.
Às histórias sábiamente contadas
pelo avô João e avó Antónia.
À dedicação e presença
do pai António e mãe Lídia.
À Joana Sara e outros «pequeninos»,
exemplos de força e delicadeza.
À Clau,
a excelência da gramática
Ao Kau,
as fundamentadas opiniões,
e aos dois
a cegonha e sua «Joaninha».
À Dulcineia e ao David,
as castas e filosofias.
Ao João e à Elsa
as gerências exímias.
Ao Nuno da Isabel
as merecidas migas.
Aos companheiros do mestrado
os cházinhos e as tertúlias.
À Pia e companhia
as poesias vivas.
À Zaio, à Stella e ao Lourenço
os lápis de cor e as pipocas.

Ao Professor
Francisco Ramos
as sugestões e incentivo.

A todos e a muitos outros,
Obrigada.

RESUMO

Mensagens Poéticas para a Infância Manuais Escolares do 1.º Ciclo do Ensino Básico

O tema que motiva a presente dissertação de Mestrado em Sociologia, área de especialização Família e População, «mensagens poéticas para a infância», pretende ser um reflexo da riqueza e das potencialidades do texto poético enquanto documento social. Tem por objectivos caracterizar os manuais escolares de Língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Básico - ano lectivo 2005/2006, o assumir de uma posição crítica face às mensagens poéticas hoje veiculadas e a sua respectiva contextualização. Seleccionaram-se os dez manuais mais escolhidos pelas escolas, a nível nacional e por grau de ensino, considerados como sendo os mais abrangentes e representativos junto das crianças. Pela análise de conteúdo definiram-se categorias de mensagens e temáticas que sobressaem dos poemas. Outras fontes de informação foram os estudos efectuados por outros autores relativos aos conteúdos dos manuais escolares nos períodos da Primeira República, Estado Novo e pós-25 de Abril, que permitiram detectar as diferenças mais significativas. De uma educação cultural republicana, para uma ideologia oficial do Estado Novo, «Deus, Pátria, Família», até à democratização do ensino e da sociedade.

Abordam-se o respeito, a tolerância, a igualdade e a diversidade. A educação para a cidadania, o civismo e a protecção do ambiente, são algumas das novas preocupações. Novos mistérios se revelam, ainda que timidamente, o valor da própria vida e da morte. Alguns aspectos da vida quotidiana, nomeadamente o trabalho e as brincadeiras, constituem elos com um passado não muito distante.

SUMMARY

Poetic messages for Childhood School books from Elementary Education

The subject that motivates the present master's dissertation in Sociology, *Poetic Messages for Childhood*, in the area of specialization of "Family and Population", intends to approach the wealth and the potentialities of the poetic text as a social document. This dissertation will characterize Portuguese Language school books from Elementary school (year 2005/2006) and it will also assume a critical position, as far as those propagated poetic messages are concerned – contextualization will also be taken into account. Ten school books have been chosen - the most common in schools, according to the national curriculum and the specific grade, considered as the most representative to children. To what concerns the thematic content analysis, the most noticeable message categories and subjects present in the poems have been defined . Other privileged sources of information, particularly studies done by other authors related to the contents of school books in the periods of the First Republic, *Estado Novo* (Salazar) and After-25 of April, allowed us to detect the most significant differences. From a republican cultural education, to an official ideology of *Estado Novo*, "God, Motherland, Family", and to the democratization of education and society.

Respect, tolerance, equality and diversity are approached. Education for the citizenship, civics and the environmental protection are some of the new concerns. Although shyly, new mysteries are disclosed - the value of life itself and death. Some aspects of daily life, namely the work and the games / tricks, constitute links with a not very distant past

ÍNDICE

	f.
INTRODUÇÃO	8
a) Palavras prévias	8
b) Justificação e definição do problema	9
c) Metodologia	10
CAPÍTULO 1: A Literatura Infantil em Portugal, sua evolução e conteúdos	13
1.1. Breve história da literatura para crianças	13
1.2. A educação e os conteúdos dos manuais escolares	22
1.2.1 – Da 1. ^a República ao Estado Novo	22
1.2.2 – Do Estado Novo à revolução de Abril	24
1.2.3 – O I Governo Constitucional e a Lei de Bases do Sistema Educativo	28
1.2.4 – A Educação para a Cidadania, a Língua Portuguesa e outras áreas curriculares	31
1.3. A poesia e a educação	33
CAPÍTULO 2: Temáticas actuais da poesia para as crianças em Portugal	38
a) Considerações iniciais	39
2.1. A família	41
2.2. A criança	53
2.3. A escola	57
2.4. A sociedade	65
2.4.1 Educação para a Cidadania	65
2.4.2 Identidades	80
2.4.3 A vida quotidiana	85
2.5 Quadro descritivo	92
2.6 Tendências e evoluções das mensagens poéticas na sociedade contemporânea.....	96

	f.
CONCLUSÕES	99
BIBLIOGRAFIA	102
Bibliografia específica – Corpus de Análise	111
ANEXOS	114
Anexo I - Mensagens poéticas por categoria, ano lectivo e manual escolar...	115
<u>Quadro I:</u> N° de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar, para o 1° ano do ensino básico.	116
<u>Quadro II:</u> N° de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar, para o 2° ano do ensino básico.	117
<u>Quadro III:</u> N° de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar, para o 3° ano do ensino básico.	118
<u>Quadro IV:</u> N° de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar, para o 4° ano do ensino básico.	119
Anexo II - Tabelas de identificação de poemas e respectiva localização, por categoria	120
<u>Tabela I:</u> Identificação dos poemas relativos à categoria «Família» e respectiva localização.	121
<u>Tabela II:</u> Identificação dos poemas relativos à categoria «Criança» e respectiva localização.	129
<u>Tabela III:</u> Identificação dos poemas relativos à categoria «Escola» e respectiva localização.	132
<u>Tabela IV:</u> Identificação dos poemas relativos à categoria «Sociedade – Educação para a Cidadania» e respectiva localização.	139
<u>Tabela V:</u> Identificação dos poemas relativos à categoria «Soceidade - Identidades» e respectiva localização.	148
<u>Tabela VI:</u> Identificação dos poemas relativos à categoria «Sociedade – Vida Quotidiana» e respectiva localização.	152

SEQUÊNCIA DE QUADROS

f.

Quadro n.º 1: Distribuição dos poemas por categoria e ano de escolaridade. 92

INTRODUÇÃO

a) Palavras prévias

Bem vinda a Primavera! Finalmente, ao fim de tantos meses e de algumas leituras, consigo sentar-me e escrever¹. Começar a escrever com e sobre a poesia...não é fácil. Não pode, por isso, ser um começo simples e convencional. Também não é fácil esquecer escritas e esquemas de apresentação de trabalhos já «entranhados». Acredito, no entanto, na imaginação e luzinha de criança, que dizem habitar em nós, para melhor agarrar esta aventura.

Não sou professora, pelo que não foi nesse papel que me interessei por este tema, foi na condição de enfermeira de pediatria, área a que me dedico, talvez... Por saber que também há um lado saudável por detrás das crianças doentes, agarrei este tema como sendo uma âncora que me liga a um lado da vida, que nós profissionais de saúde muitas vezes esquecemos, o estar bem. As histórias e os poemas poderão ser, e são, uma forma de nós adultos chegarmos às crianças e uma forma, creio eu, ainda a explorar, de levar a criança, mesmo em situação vulnerável, a chegar até nós. Importa que paremos e que consigamos «ler» as suas linguagens, as suas liberdades de expressão.

Estou aqui também no papel de socióloga, como observadora de um objecto, o poema, como descodificadora de mensagens... creio que sim.

Tentarei no decurso desta escrita, para não me perder, seguir as palavras de Sophia de Mello Breyner Andersen:

Recordo-me de descobrir que num poema era preciso que cada palavra fosse necessária.

As palavras não podem ser decorativas, não podem servir para ganhar tempo até ao fim do decassílabo.

As palavras têm que estar ali porque são absolutamente indispensáveis.

Bem vinda a Primavera,

Porque fez nascer estas palavras primeiras.

¹ “...quando se está habituado a passar para o papel os pensamentos, eles acabam por suceder-se uns aos outros. Quando não se está habituado, andam ali embrulhados a pairar e só se conseguem ver pontas dispersas quando chega o momento de escrever” (Hughes 2002: 120).

b) Justificação e definição do problema

O tema em estudo, as mensagens contidas nos poemas para a infância, inseridas nos manuais escolares de Língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Básico, do ano lectivo 2005/2006, pretende ser um reflexo da riqueza e das potencialidades significativas do texto poético enquanto «documento social», enquanto retrato de uma sociedade “pelo assunto que trata (...) a escolha dos vocábulos que utiliza, a sua ordenação formal, o seu ritmo ou falta dele, a sua intencionalidade” (Carvalho 1995: VII).

As obras literárias revestem-se de “um certo significado histórico-cultural, em conexão directa com a sua capacidade para dialogarem com a História, com a Sociedade e com a Cultura que as envolvem e que enviesadamente as motivam” (Reis 1997: 21). Podemos sobre elas efectuar estudos e considerá-las um «corpus privilegiado de informação» de índole sociológica.

O tema que motiva esta investigação conducente à dissertação de Mestrado em Sociologia, variante Família e População, reflecte o reconhecimento do importante papel da escola como principal agente de socialização: “as escolas têm um envolvimento muito forte, mesmo que seja latente, na transferência de certos valores e atitudes” tal com referem Kohlberg, Dreenben, Jackson e Friendberg (Biggs 1979: 225).

Procurar analisar diferentes textos para crianças em diferentes períodos e reflectir como a posição cultural da literatura para crianças impõe certos padrões de comportamento é um desafio a alcançar. Tendo por base estudos de vários autores contextualizados na realidade portuguesa, pretende-se compreender parte da sociedade contemporânea, o pré e o pós Revolução 25 de Abril. Estudos anteriores, nomeadamente o de Sérgio Campos Matos, revelam os parâmetros a que deviam obedecer os conteúdos dos livros escolares, “a intenção de veicular valores nacionalistas” (Blockeel 2001: 39), no período de 1895-1939, “Noções de Pátria, de Heróis, de respeito pelos velhos e pelo pai, o elogio da maternidade ou da aldeia” (Almeida 1991: 248), no contexto histórico do Estado Novo. Os textos dos manuais escolares contêm “experiências sobre a vida, sobre a realidade social, representações simbólicas susceptíveis de serem transmitidas e adquiridas pelas gerações enquanto parte da sua formação social e pessoal” (Dionísio 2000: 18).

A escolha dos manuais escolares referentes ao primeiro ciclo deve-se ao facto de a criança, neste período, apresentar um crescimento biofísico, psicológico e sociológico com características especiais e determinantes.

Em cada estágio do desenvolvimento cognitivo, a criança desenvolve uma nova maneira de pensar e de responder ao ambiente. Aproximadamente na idade dos sete anos as

crianças passam para as operações concretas, como Piaget referiu, “Elas são menos egocêntricas e podem usar o pensamento (operações mentais) para resolver problemas concretos (reais)... Podem pensar logicamente, porque podem levar em conta vários aspectos de uma situação em vez de focalizar apenas um, como faziam no estágio pré-operacional. A maior capacidade de compreender os pontos de vista dos outros as ajuda a se comunicarem mais efectivamente e serem mais flexíveis em seus julgamentos morais” (Papalia e Olds 2000: 257).

O texto literário permite à criança conhecer mundos diferentes do seu, familiarizar-se “com formas de linguagem e de discurso mais complexas, o que lhe permitirá desenvolver as suas próprias competências” (Sousa 2005: 91). O texto poético reflecte “a delicadeza da percepção do mundo, a tal que torna visível o invisível (o essencial) porque exprime não a aparência do real mas as suas pulsões fundamentais e as suas leis mais secretas” (Magalhães 1999: 10). Há quem afirme que “A poesia abre para as palavras e com as palavras ‘paisagens’ onde apetece ficar” (Dionísio 2000: 24).

Falar de poesia envolve um certo mistério, a procura de algo desconhecido, que aparece de quando em quando e é entendido por nós de uma forma única, mas nesse momento, a forma verdadeira. Esta é uma descoberta pessoal que de entre muitos caminhos reuniu vários momentos e que, no seu conjunto, criaram esta versão possível.

c) Metodologia

Considerando o manual escolar uma «obra de cultura»², podemos nele encontrar um reflexo daquilo que nos rodeia. O manual escolar entendido como uma “grande narrativa do mundo advém, em grau muito significativo, das versões de mundo representadas pelos textos da antologia” (Dionísio 2000: 19). As versões possíveis de encontrar dependem dos textos seleccionados para cada manual. Este estudo recai sobre os poemas dos Manuais Escolares de Língua Portuguesa do 1º, 2º, 3º e 4º Ano do Ensino Básico, do ano lectivo 2005/2006. Importa pois questionar quais as mensagens poéticas actualmente transmitidas à criança e qual a evolução das suas significações, desde o primeiro quartel do século XX à actualidade.

Assim sendo, definem-se os seguintes objectivos:

Objectivo geral:

- Caracterizar os manuais escolares relativamente às suas mensagens poéticas.

² Definição de Manual Escolar como resposta ao inquérito do Bureau International d'Education “Lés Manuels de l'Enseignement Primaire” - XXII Conférence Internationale de l'Instruction Publique, por um ministro português da Educação Nacional, Genève, 1959. Acrescenta, ainda que tendenciosamente, que os manuais são “...especialmente elaborados pela Direcção-Geral do Ensino Primário, tendo em conta as necessidades culturais e profissionais dos meios populares” (Bívar 1975: 21).

Objectivos específicos:

- Contextualizar as mensagens poéticas na sociedade de hoje;
- Interpretar o texto poético;
- Assumir uma posição crítica face às mensagens veiculadas.

As fontes privilegiadas para esta investigação estão contidas em documentos escritos, pelo que se torna necessário proceder directamente à sua recolha. Para Saint-Georges “...a pesquisa documental pode, em certos casos, tornar-se uma técnica particular de recolha de dados empíricos quando se desenvolve de modo a considerar os documentos como verdadeiros factos de sociedade” (Saint-Georges 1997: 17).

O manual escolar é um “instrumento de trabalho, impresso, estruturado e dirigido ao aluno” (Decreto-lei n.º 369/90, de 26 de Novembro), tem um período de adopção válido por um período mínimo de quatro anos, no 1.º ciclo do ensino básico, não sendo permitidas alterações à lista dos manuais adoptados depois da sua fixação e durante o período referido. De acordo com estes critérios, as propostas de novos manuais por parte dos autores e das editoras, são efectuadas no decorrer do ano lectivo, e por nível de ensino, e adoptados pelas escolas no ano lectivo seguinte. Em 2005 estiveram em apreciação os manuais do 3.º ano de escolaridade.

Os manuais escolares de Língua Portuguesa, editados por treze editoras, para o ano lectivo 2005/2006, são no seu total de 47 para o 1.º ano, 36 para o 2.º ano, 37 para o 3.º ano, 16 dos quais com novo ISBN, e 21 para o 4.º ano. Seleccionaram-se os dez manuais mais escolhidos pelas escolas³, a nível nacional, por grau de ensino, considerados como sendo os mais abrangentes e representativos junto das crianças.

Trata-se de uma pesquisa interpretativa, normalmente caracterizada como investigação qualitativa. A abordagem qualitativa em ciências sociais consiste não só na descrição dos fenómenos em causa, mas ainda na sua explicação. O estudo considera-se como sendo descritivo e analítico, pois “... Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação” (Bogdan e Biklen 1994: 48).

Como técnica de interpretação de dados optou-se pela análise de conteúdo dos poemas inseridos nos manuais escolares, pois esta é uma técnica que “visa simplificar para potenciar a apreensão e se possível a explicação” (Vala 2003: 110). Passa-se para uma fase de «crítica interna do documento» que consiste em efectuar “...uma leitura atenta do texto, procurando

³ Informação cedida por Carlos Bouça, Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular – Ministério da Educação, 22 de Julho de 2005.

compreendê-lo em profundidade para apreender o seu sentido preciso” (Saint-Georges 1997: 42).

Segundo Bardin (2004), procede-se à identificação de categorias, através dos temas que sobressaem das frases, podendo o critério de categorização ser semântico (categorias temáticas), sintáctico (verbos, adjectivos, substantivos), lexical (classificação das palavras de acordo com o seu sentido e sinónimos) e expressivo, tendo sempre presente que “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros” (Bardin 2004: 112). A categorização temática é utilizada por ser a que mais se adequa aos objectivos do presente estudo.

Importa ter a consciência de que uma análise desta natureza poderá ter como risco o envolvimento emocional do observador, como aliás acontece em praticamente todas as investigações sociais.

CAPÍTULO 1 – A Literatura Infantil em Portugal, sua evolução e conteúdos

Entende-se por Literatura Infantil “toda a produção que tem como veículo a palavra com um toque artístico e criativo e como destinatário a criança...” (Cervera 1992: 15), supõe-se que é um acto de comunicação, entre um emissor adulto e um receptor criança, tem por objectivo a sensibilização do segundo e como meio a capacidade criadora e lúdica da linguagem, com o dever de responder às exigências e necessidades dos leitores.

Para chegarmos a esta definição, outras existiram, o próprio conceito de criança assumido pelas sociedades influencia a literatura a ela dirigida. Durante muitos anos a literatura infantil, foi ou ainda é, considerada um subproduto da pedagogia. Num primeiro ponto deste capítulo, pretende-se dar a conhecer a sua evolução e com um breve «Era uma vez...» contar a sua história. A este elenco pertencerá também, de quando em quando, a poesia para crianças.

O segundo ponto deste capítulo visa uma abordagem aos desenvolvimentos da educação na sociedade portuguesa e aos seus reflexos nos conteúdos dos manuais escolares. O manual escolar passa a ser um importante veículo e instrumento para a concretização das políticas educativas preconizadas. Por outro lado, segundo Durkheim, a educação perpetua e reforça a homogeneidade dos membros de uma sociedade, “fixando na criança, desde o princípio, semelhanças essenciais exigidas pela vida colectiva” (Arroteia 1991: 78). A educação assume uma função colectiva, uma função de socialização, cujo objectivo consiste em “adaptar a criança ao meio social em que vai viver” (Durkheim 1980: 58).

O último ponto deste capítulo pretende dar a conhecer a riqueza do texto poético e apelará aos sentidos, às emoções e ao clima propício para o desenvolvimento desta investigação.

1.1. Breve história da literatura para crianças

A história da literatura infantil é aqui contada por Maria Laura Bettencourt Pires, Natércia Rocha, José António Gomes, Regina Zilberman, Franscesca Blockeel, Esther de Lemos, entre outros.

Durante muitos séculos “a abordagem teológica dominante, bem como as condições de vida, não deixavam lugar para a extravagância da infância (...) Além disso, as condições de vida, incluindo uma elevada taxa de mortalidade infantil e uma curta esperança de vida,

contribuíam para reforçar a ignorância conceptual da infância: a infância era um período demasiado «frágil» (Shavit 1984: 24). Dieter Richter, conta-nos que “As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos contos, nos jogos” (Zilberman 1989: 44). Neste contexto, todas elas ouviam histórias contadas ao serão; grandes clássicos, para as mais nobres, e histórias de cavalaria, de aventuras, lendas e contos folclóricos, para as mais populares (Cunha 2003).

Raramente se escreviam livros especificamente para crianças, no entanto, é nos contos de tradição oral⁴, e na nova noção de infância, que encontramos uma génese para a literatura infantil. Tal como afirma Townsend: “Antes de poder haver livros para crianças, tinha de haver crianças – isto é, crianças que eram aceites como seres com os seus interesses e necessidades específicas” (Shavit 1984: 22).

No século XVIII as crianças começaram a ser diferentes das outras pessoas, os adultos. Até aí, eram somente vistas como «homens e mulheres em miniatura» (Shavit 1984: 22). As mudanças de mentalidade ocorridas precederam as mudanças das condições sociais relacionadas com o surgimento da classe burguesa e com a queda das taxas de mortalidade infantil, “Pela primeira vez, as crianças eram descritas como tendo características distintivas especiais, tais como inocência, doçura, e outras qualidades angélicas” (Shavit 1984: 25). Esta teoria, fundamentada por Ariés, levou a uma nova «interpretação cultural da infância», crianças que nasceram numa sociedade de ideologia burguesa e de ideias iluministas, difundidas um pouco por toda a Europa.

As crianças eram «inocentes e criaturas próximas de Deus», deviam por isso, ser afastadas da «companhia corruptora dos adultos». Deste modo, a nova percepção da sociedade quanto à infância criou, pela primeira vez, tanto a necessidade como a procura de livros para crianças (Shavit 1984).

⁴ “...a relação criança/livro é precedida pela relação criança/história contada, a oralidade precedendo o texto escrito” (Rocha 1984: 20). A audição dos contos populares constituía a única forma de distração numa sociedade em que apenas alguns sabiam ler. Embora na sua forma inicial os contos populares não fossem destinados exclusivamente às crianças, eles constituíram uma fonte inesgotável para os escritores de obras para a infância procurarem inspiração (Pires 1982: 28). A tradição oral foi durante séculos um veículo privilegiado para partilhar memórias e valores de uma comunidade. Ouvintes crianças ao lado dos adultos sabiam assim em que acreditar, como agir e que papéis desempenhar no grupo (Bastos 1999). Com o declínio da cultura oral durante o Renascimento e com a invenção da tipografia, as narrativas populares, que antes se transmitiam de boca em boca e de avós para netos, começaram a surgir sob forma impressa (...) aparecem uns «magros folhetos» chamados «de cordel». Esta «literatura de cordel» era constituída por histórias rimadas, para facilitar a fixação mnemónica, e eram vendidos por vendedores ambulantes (Pires 1982: 40).

O livro para crianças, o outro personagem desta história, aparece assim com um carácter essencialmente pedagógico. “(...) das leituras se tratava não de ir ao encontro das capacidades e peculiaridades da criança, mas sim de a levar a adoptar tanto quanto possível os padrões de comportamento e de pensamento do mundo adulto” (Lemos 1972: 9). Uma outra autora corrobora esta mesma ideia, “as primeiras obras explicitamente dedicadas às crianças nascem de intenções pedagógicas” (Rocha 1984: 35).

Surgem as primeiras «cartas de síbalas» ou «cartilhas», que eram abecedários, e os catecismos, aos quais se acrescentavam imagens e rimas para ajudar a aprender a ler. A primeira dessas cartilhas é da autoria de João de Barros e constitui “a primeira parte da Grammatica de Lingua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja publicada em 1539” (Pires 1982: 31).

João de Deus é o primeiro escritor que se dirige directamente ao público infantil com a obra «Para as Crianças». Em 1876 é da sua autoria um método de leitura intitulado a «Cartilha Maternal», considerado um clássico dos manuais para ensinar a ler crianças e adultos, e nela insere poemas para os mais novos: «Hino de Amor», «Maria da Graça», «Conto infantil», «Sonho Dourado», «Miséria», «Crucifixo», «Para crianças», entre outros (Vale 1994). Quase ao mesmo tempo, Antero de Quental publica o «Tesouro Poético da Infância» (1883). Nesta colectânea inclui o seu poema «As fadas» “feito para falar à imaginação infantil” (Coelho 1960: 363):

As fadas... eu creio nelas!
Umam são moças e belas,
Outras velhas de pasmar...
Umam vivem nos rochedos,
Outras, pelos arvoredos,
Outras, à beira do mar...

Nesta fase, no entanto, não se pensa propriamente em criar para a infância, procuram-se textos que pareçam acessíveis à mentalidade infantil. Obras para ajudar a “formar o carácter e o intelecto (...) Sem uma real intenção estética” (Gomes 1998: 12). A criança aqui ainda não é vista como um ser à parte, com problemas e interesses que diferem do adulto. Guerra Junqueiro é disso exemplo com «Contos para a Infância» (1887), e Gomes Leal com «História de Jesus para as Criancinhas Lerem» (1883), (Coelho 1960). As suas intenções expressas no prefácio à 4.^a edição mostram bem a sua missão e dedicação pedagógica. “Vai, pois, obrzinha singela e inofensiva, pequenina asa branca, viajante e virginal! (...) Vai, obrzinha simples e singela, também trinar, cantar, comover, consular todos os pequeninos, todos os tristes, todos os simples, todos os que desfiam as suas ladainhas mágoas às estrelas (...). Vai, asa branquinha modesta e mensageira de Jesus (...)” (Leal sd: 14). Em 1881, Eça de Queirós com as suas crónicas «Literatura de Natal», reunidas mais tarde num volume

intitulado «Cartas de Inglaterra», revelou-se um importante precursor da modernidade na literatura infantil. Considerava a criança portuguesa «imaginativa», «inteligente», «viva» e chamou a atenção para a necessidade de se desenvolver uma literatura “que lhe provoque emoções e lhe proporcione divertimento, sem sentimentalismos nem excessos de moralização” (Gomes 1998: 14). Também dizia que em Inglaterra, “mal o bebé começa a soletrar, possui logo os seus livros especiais: 10 ou 12 páginas, intercaladas de estampas, impressas em tipo enorme. Era quase sempre uma história em meia dúzia de frases (...). Quando a criança chegava aos 8 ou 9 anos, vinham histórias de viagens, de caçadas e naufrágios, de destinos fortes, a salutar crónica de triunfo, do esforço humano sobre a resistência da Natureza. (...) os livros para leitores de 12 a 15 anos, a popularização da ciência, a descrição dramática do universo, estudos cativantes do mundo das plantas, das aves, do mar, viagens e descobertas, a história, a vida social” (Pires 1982: 13-14).

Entretanto começavam a aparecer em Portugal as primeiras traduções⁵ de livros para crianças. A obra de Lewis Carroll⁶ é geralmente considerada como sendo um ponto de viragem na literatura para crianças, onde “o puro entretenimento, sem intenções moralizantes, passa a ocupar o lugar do didactismo, de cariz frequentemente religioso, característico das obras infantis até então” (Saldanha 2005: 16).

No final do século XIX, as crianças portuguesas são galardoadas com a “verdadeira génese de uma literatura para a infância” (Gomes 1998: 10). A chamada «Geração de 70»⁷ considerava que se devia ir mais longe, “estimular o prazer e o gosto pela leitura, usar uma

⁵ Hans Christian Andersen (1805-1875) «O cavaleiro da Dinamarca», «A Menina dos fósforos», «A Polegarzinha», «O João Pestana», «As roupas novas do Imperador»; os Irmãos Grimm (1785-1863), «Branca de Neve e os sete Anões» (1786-1859); e uma das personagens mais populares do mundo infantil, «Pinochio» de Collodi (1826-1890) (Gomes 1997; Diogo 1994). No campo dos contos oriundos da tradição oral, Perrault (1820) é o primeiro a ser traduzido «O Gato das Botas» (Bastos 1997: 24) e os seus outros contos tradicionais: a «Gata Borralheira», a «Bela Adormecida», o «Chapelinho Vermelho», o «Barba Azul» e o «Polegarzinho» (Pires 1982). Apesar do peso histórico das críticas relacionadas com a fabulística, entre elas a de Garrett (1829) “fábula quer dizer fingimento”, entre nós tiveram o seu auge no sec. XIX com nomes da poesia como Bocage, Curvo Semedo, João de Deus e Francisco Manuel do Nascimento, aparecendo versões e traduções de Esopo (sec. VII-VI a.C) «358 fábulas – em texto grego e em prosa»; Fredo, (c.15 a.C – 69 d.C) «135 fábulas – em texto latino e em verso»; de La Fontaine (1621-1695) «4 vol. num total de 242 poemas em francês»; Iriarte e outros, quase todas com uma moral no final (Gomes 1998 e Bastos 1999).

⁶ “As aventuras da pequena Alice são em muitos aspectos uma sátira contra os métodos vitorianos de educação. Em muitos pontos, Carroll retoma fórmulas de lições escolares ou os terríveis avisos que os contos morais faziam às crianças que esqueciam as regras do bom comportamento. Carroll parodiou também muitos dos poemas e rimas que as crianças aprendiam de cor e, em muitos casos, as suas versões sobrepujaram-se às originais, perdurando ao longo dos anos” (Babo 1986: 8).

⁷ A maior parte dos autores que escrevem sobre literatura infantil portuguesa consideram que foi no século XIX, e sobretudo com a geração de Antero, Eça e Junqueiro, que pela primeira vez surgiu entre nós uma literatura para crianças (Pires 1982: 71). Esta geração impulsionou a entrada da literatura para a infância numa nova era (Blockeel 2001). Esther de Lemos considera as transformações ocorridas na sociedade portuguesa da altura fundamentais para o nascimento de uma chamada literatura infantil, pois a “Cada nova revolução que triunfa, e sobretudo aquelas que procuram implantar uma ideologia e fazer respeitar uma ética, volta as suas baterias para a infância” (Lemos 1972: 19).

linguagem simples e bela, encantatória, sem conceder facilidades ao vulgar, despertando e satisfazendo a fantasia” (Barreto 2002: 303).

Esther de Lemos fundamenta esta gênese no “fervor dos estudos folclóricos, quando as teorias positivistas retomavam e procuravam sistematizar a ideia romântica do povo criador, do poema obra de arte colectiva. As velhas narrativas tradicionais, que desde sempre tinham servido para adormecer ou entreter as crianças, surgiam assim aos pioneiros da literatura infantil portuguesa como o primeiro, o mais natural dos alimentos espirituais que podiam ministrar-se à infância” (Lemos 1972: 15-16). Adolfo Coelho publica uma colectânea de «Contos Populares Portugueses» em 1879, considerados por ele importantes para as crianças aprenderem a língua pátria “por meio de feições transitórias de falar simplificado e impregnado de imaginação” (Pires 1982: 79).

Maria Amália Vaz de Carvalho, com a sua obra de educadora e a sua atenção voltada para os problemas infantis, ajudou a criar o ambiente propício ao desenvolvimento destes interesses. Ela própria prefaciou livros de jovens autoras que se estreavam na literatura infantil, como é o caso de «A Fada Tentadora» de Virgínia de Castro e Almeida.

Jacinto Prado Coelho revela que poucos foram os autores de literatura infantil, mesmo os de intuítos moralizantes e didácticos, que resistiram ao maravilhoso do Romantismo⁸, espalhando a ideia do povo criador da obra de arte genuína, ficando na moda os romanceiros e as colectâneas de contos populares. Quando Antero (1883), ainda incapaz de imaginar obras expressamente escritas para os pequenos, procurou poemas com que formasse a sua antologia «Jogos e Rimas», deparou-se com a poesia popular como sendo a mais acessível e mais própria para a criança (Coelho 1960).

Nos inícios do século XX transformações políticas e culturais ocorreram na sociedade portuguesa, repercutindo-se estas no percurso das renovadas personagens desta história, a educação da criança e o livro infantil.

Em 1910, a Monarquia deu lugar à República, o poder passa a ser delegado pela sociedade nos seus representantes. A literatura infantil enveredou pelo caminho dos novos ideais “Progresso, Trabalho, Instrução, Liberdade e Pátria” (Lemos 1972: 19). A criança passa a ser objecto de uma atenção especial e incrementa-se o desenvolvimento da imprensa periódica a ela destinada.

As obras de Ana de Castro Osório, Virgínia de Castro e Almeida, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e António Sérgio, a poesia de Afonso Lopes Vieira, nas três primeiras décadas

⁸ Também Natércia Rocha nos fala sobre este assunto: a tendência para a afluência de colectâneas de contos, nesta época e em cada país, tem por influências o Romantismo (Rocha 1984). O Romantismo, considerado um movimento artístico e intelectual, surgido em Inglaterra e na Alemanha no final do sec. XVIII e que depressa se espalhou pelo resto da Europa na primeira metade do sec. XIX (...), caracterizou-se pela liberdade formal e temática, pela ruptura com o classicismo, pelo predomínio dos sentimentos sobre a razão.

do século XX, contribuíram para a chamada «época de ouro da literatura portuguesa para a infância» (Gomes 1998: 22).

Afonso Lopes Vieira com o seu *Bartolomeu Marinheiro* (1912) procura pôr ao alcance das crianças a riqueza do material narrativo que a epopeia dos Descobrimentos proporcionou (Coelho 1960), inspirando-se na narração dos *Lusíadas* e no romance tradicional da *Nau Catrineta*⁹:

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma história de pasmar.
Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar. (...)

A influência da actividade marítima está presente em muitas formas de literatura infantil, como exemplifica Maria Laura Bettencourt Pires nas ladainhas, que acompanham os jogos:

Que linda falua
Que lá vem, lá vem
É uma falua que vem de Belém
Vou pedir ao Senhor barqueiro
Que me deixe passar
Tenho filhos pequeninos
Não os posso sustentar
Passará, passará
Mas algum ficará
Senão for a mãe da frente
É o filho lá detrás

Nas «Canções Portuguesas para as Escolas», colectânea de João da Rocha (1908) – poesias musicadas por Tomás Borba para serem cantadas nas escolas, mantêm-se temas patrióticos (o Santo Condestável, Camões), e outros assuntos acessíveis à compreensão infantil (Rocha 1980). Foi ainda no intuito de interessar as crianças portuguesas pela sua pátria que Raul Brandão escreveu, em colaboração com sua mulher, o *Portugal Pequeno* (1930), que pretendia ser uma espécie de visão panorâmica de Portugal, na sua história, nas suas lendas, ligadas às aventuras de um rapazinho.

Afonso Lopes Vieira e João da Rocha destacam-se pela grande variedade de temas utilizados, a escola-mãe, a natureza, os homens, o país, o valor do trabalho, os heróis

⁹ O romanceiro tradicional definido por Correia (1993) como sendo “pequenas histórias em verso, quase sempre episódicas, mas, algumas vezes, com pretensões a narrações completas, onde predomina o realismo dos agentes e das situações, de grande antiguidade” de que é exemplo «*Nau Cathrineta*». Era considerado o diminutivo de «*Santa Catarina*», o nome de um navio conhecido na época. O seu texto foi incluído no *Romanceiro* de Garrett. Almeida Garrett (1799-1854) contribuiu para que fossem aproveitados os romances da tradição oral como sendo histórias para a infância (Pires sd: 76), continuando ainda hoje a ser fonte de inspiração para muitos dos escritores de literatura infantil. Luísa Ducla Soares escreve «*Nau Mentireta*», Matilde Rosa Araújo «*Nau Laureta*» e António Torrado junta à «*Nau Catrineta*» a «*Donzela Guerreira*» (Bastos 1999: 93).

nacionais e a idealização da ruralidade (Gomes 1993). A criança também passa a ser motivo de arte pela “voga do psicologismo e do intimismo em literatura, o dadaísmo e conseqüente valorização da infância, a curiosidade freudiana pelos primeiros anos de vida, o prestígio que o método Montessori irradiava”, dando origem a uma certa literatura da criança e não para a criança de que é exemplo «O Mundo dos meus Bonitos» (1929) de Augusto de Santa Rita (Coelho 1960: 366).

Os animais são o tema preferido nesta época, quer vistos na sua humilde realidade, como fez Afonso Lopes Vieira em «Animais Nossos Amigos» (1911), quer “tocados de entendimento humano, revivendo as figuras das fábulas eternas”, como fez Aquilino Ribeiro em «O Romance da Raposa» (1924) e «Arca de Noé» (1936) (Coelho 1960: 366).

O livro infantil passa a ser uma vigorosa lição de coisas, dada a brincar, e representa um passo largo para a educação do gosto literário. As antologias de poesias populares para crianças continuam a ser organizadas, salientando-se as «Cantigas do Povo para as Escolas» (1914) de Jaime Cortesão; «Canções para as crianças» (1928) de Oliveira Cabral; «Fábulas» (1930) de Laura Chaves e «Meu Portugal Meu Gigante» (1931), «Caixinha de Brinquedos» (1937), «Tesouros Poéticos da Literatura Portuguesa» (1950) de Adolfo Simões Müller (Gomes 1993).

Com uma sociedade sempre em mudança, princípios tradicionalistas estruturaram “o edifício ideológico do Estado Novo: a resignação, a obediência, a exemplaridade e os temas nacionais” (Gomes 1998: 35), e são estes os fios condutores para os textos da altura. A censura então instituída pelo regime faz com que os próprios autores só escrevam o que era supostamente aceite (Blockeel 2001). As obras para crianças decresceram, as traduções são adaptadas, desenvolve-se o movimento Mocidade Portuguesa, com o intuito de “instilar toda a carga ideológica que constituíam os ideais nacionalistas que lhe eram subjacentes” (Blockeel 2001: 47).

Nas décadas pós Segunda Guerra Mundial, as mentalidades começaram a mudar lentamente. As zonas rurais desertificaram-se, houve um aumento significativo do fluxo migratório para as cidades e emigratório para outros países. No plano dos conteúdos da literatura para a infância, o conservadorismo de certas obras implica uma aceitação tácita dos princípios tradicionalistas, mas por outro lado, o humor e a crítica ganham espaço e assiste-se ao aparecimento de uma literatura questionadora das realidades sociais e difusora de novos modelos de conduta. Os autores abandonam temas como o patriotismo e a exaltação dos heróis nacionais, tendo por influência a escola neo-realista. No campo da poesia surgem novas obras e poetas: «Bichos, Bichinhos e Bicharocos» (1949) de Sidónio Muralha, «O Livro da Tila» (1957), de Matilde Rosa Araújo e «Joaninha Avôa Avôa» (1962) de Maria Rosa Colaço.

Uma das mais importantes obras publicadas nesta altura é da autoria de um poeta também ele do ideário neo-realista, Papiano Carlos (1963), «A Menina Gotinha de Água», apresentando novas tendências temáticas relacionadas com a ciência e o mundo da arte. Ao mesmo tempo, Alice Gomes evidencia as suas preocupações pelos problemas da educação e pela sensibilização da criança para o discurso poético, pelo que publica a antologia «Poesia da infância» (1966). O «Livro da Marianinha» (1967), de Aquilino Ribeiro, mostra a riqueza das historietas em verso e da poesia para a infância de origem popular, revelando esperança num futuro liberto de injustiças sociais. Alves Redol (1969), em pequenos livros protagonizados por «Maria Flor», lembra as lengalengas, os trava-línguas e todos os textos de rimas, marcados pelo insólito e pelo absurdo. Maria Alberta Menéres começa a revelar-se uma das mais regulares e importantes autoras da poesia para a infância, os seus poemas apresentam uma grande diversidade de temas, «Conversas com versos» (1968), e revela a necessidade de criar novos leitores de poesia, «O Poeta faz-se aos 10 anos» (1977) (Gomes 1993).

O livro de literatura infantil é galardoado com o seu Ano Internacional em 1974 e o Ano Internacional da Criança surge em 1979, acontecimentos que, “aliados às novas posturas face à criança e à sociedade, vão acarretar mudanças significativas no entendimento do livro e da educação infantil” (Bastos 1999: 46). Portugal, na Revolução do 25 de Abril de 1974, encontra uma importante «alavanca» para o reerguer da literatura para crianças. O Estado passa de um regime ditatorial para um regime democrático. Esta transformação histórica, política e social, leva à aprovação, a 2 de Abril de 1976, da Constituição da República Portuguesa. Muitos dos princípios consagrados na nossa Constituição, “a liberdade, a igualdade e a fraternidade”, têm por base a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948. Este clima de liberdade implicou para os autores de Literatura Infantil um aproximar de temas de que se encontravam arredados, “Revisita-se a História com um novo olhar. A emigração, a diferenciação social e a pobreza, o ante e o pós-25 de Abril, as problemáticas do meio ambiente e da discriminação racial”. Revelam-se novos temas como os conflitos familiares e as consequências das situações de divórcio, a solidão, a morte, a deficiência e a sexualidade (Gomes 1998: 45).

No entanto, Francesca Blockeel, no seu estudo «A Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea», referente ao período 1974-1994, conclui, relativamente à doutrinação do Estado Novo, que “as cicatrizes desse passado recente transparecem inconscientemente, mas assiduamente, na maioria das narrativas” (Blockeel 2001: 286). Raramente os temas abordam o «Outro», figuras ou acontecimentos histórico-culturais de outros países. “Em muitos casos, quem não é português é classificado, quer como estrangeiro, quer como turista, como se a nacionalidade não importasse muito” (Blockeel 2001: 314). A autora alerta para a necessidade

de se multiplicarem as publicações que abrem horizontes além-Portugal, “É uma evolução mais do que necessária, uma vez que para uma boa integração no mundo global de que tanto se fala agora é preciso conhecer os outros, é preciso interessar-se com uma mente aberta por culturas e comportamentos diferentes” (Blockeel 2001: 348).

Glória Bastos, acerca dos anos 70 e 80, descreve-os como sendo um novo período de «ouro» da nossa história da literatura para crianças, falando agora tanto em quantidade como em qualidade. O livro assume uma importância notável, aparecem diversos prémios literários¹⁰ e, mais recentemente, os prémios de ilustração e de tradução. Nos últimos anos, em Portugal, têm-se vindo a verificar três tendências: “a escrita de séries de tipo aventura-mistério, o incremento de livros para os mais pequenos (...) e o aparecimento, ainda que tímido, de algumas obras significativas na área do livro-documentário ou de informação” (Bastos 1999: 47). A diversidade impera, os livros assumem as mais variadas formas e as novidades articulam o texto/ilustração e música. O livro com o domínio da imagem ainda pertence ao domínio dos autores estrangeiros, destacando-se, no entanto, Manuela Bacelar com as suas maravilhosas obras e prémios de ilustração.

Bernardette Herdeiro evidencia as principais vertentes que a escrita para crianças tem assumido ao longo dos tempos: “uma reescrita da tradição e da oralidade e a reinvenção do maravilhoso; a exploração do humor, da imaginação, do fantástico e do «nonsense»; o percurso pelas vias da introspecção (...); uma intensificação da exploração das potencialidades poéticas e rítmicas da língua, em prosa ou em verso; uma experimentação da língua, o jogo com as palavras (...); o aparecimento de algumas experiências no domínio da conjugação de várias escritas e vozes e da articulação do escrito e do suporte áudio” (Bastos 1999: 49).

Por tudo isto, e pela História da Literatura Portuguesa para a Infância e para a Juventude, José António Gomes conclui que à produção literária cabe o papel de formar leitores, trata-se de “uma convicção, uma aposta e um desafio -, é o mesmo que dizer pessoas melhores, mais sensíveis e críticas, interiormente mais ricas e mais despertas para valores de ordem cultural e moral e, em última análise, cidadãos mais participantes e atentos ao mundo em que vivemos” (Gomes 1998: 71-72).

¹⁰ «O Prémio Ambiente na Literatura Infantil» da Secretaria de Estado do Ambiente (1976), o «Prémio de Teatro Infantil» da Secretaria de Estado da Cultura (1978), o «Prémio Calouste Gulbenkian» da Fundação Calouste Gulbenkian (1980), (Bastos 1999: 46). Um pouco mais à frente, na década de 90, ressurgiu a Secção Portuguesa do International Board on Books for Young People (1993), que promove actividades no domínio da divulgação do livro infantil e juvenil, nomeadamente a atribuição do Prémio Andersen (Bastos 1999).

1.2 A educação e os conteúdos dos manuais escolares

Não querendo aprofundar demasiado o percurso da Educação em Portugal, considero fundamental abordá-lo e enquadrar nele o Manual Escolar e os seus conteúdos.

A educação de um país pode definir-se¹¹ como sendo “um sistema estruturado de leis, de instituições, de programas, de métodos e de sistemas de avaliação, referidos a uma certa filosofia de educação, definida pelo poder político e aceite pela sociedade em geral” (Arroteia 1991: 10). Pretendo por isso, fazer uma breve abordagem às mudanças sociais ocorridas em Portugal desde a Monarquia aos dias de hoje, acompanhando os reflexos das reformas educativas no conteúdo dos manuais escolares.

O Livro de Leitura como o classifica Miguel Vale de Almeida, “material didáctico de largo alcance social escrito por um organismo do poder central do estado-nação” (Almeida 1991: 247), assemelha-se para ele à «leitura» de uma cultura. Importa aqui encontrar os vários ecos que as mensagens dos manuais deixaram ao longo dos tempos.

1.2.1 – Da 1.ª República ao Estado Novo

As primeiras escolas públicas do ensino primário, escolas de ler, escrever e contar, surgiram em 1772 com Marquês de Pombal, para impedir o florescimento de escolas particulares veiculadoras de doutrinas heterodoxas contrárias à Igreja Católica (Monteiro e Fernandes 1985). Em 1826 e 1844, respectivamente, regulamentava-se a liberdade de ensino e a educação obrigatória (Mónica 1985).

No campo da língua materna, as preocupações de então consistiam em “ensinar a ler e escrever correcta e perfeitamente e ainda em transmitir ensinamentos de ordem moral e pragmática” (Diniz 1993: 20). Os livros destinados ao ensino primário eram aprovados pelo Governo, tendo sido escolhido para a aprendizagem das primeiras letras, em 1903, o método de João de Deus¹², bem como noutras disciplinas os livros de João da Câmara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão, autores que continuariam a ser adoptados após a proclamação da República (Diniz 1993). João de Deus (1830-1896), considerado um dos maiores pedagogos, iniciou “aquilo que se pode considerar uma campanha de amor pelas crianças e de interesse em que elas tivessem todas, pelo menos, a instrução elementar” (Pires 1982: 82). O censo de

¹¹ Definição de Mialaret, 1979.

¹² A *Cartilha Maternal* ou *Arte de Leitura*, editada em 1876, propunha um novo método global de leitura, acompanhada de Quadros Parietais, a reprodução em maior escala das lições da *Cartilha Maternal* (Pires 1982: 82).

1878, que inclui pela primeira vez as taxas de analfabetismo, “chocou profundamente os sectores mais progressistas da classe dominante” (Mónica 1985: 483). No fim da Monarquia, a taxa de analfabetismo era de 76%, pelo que a política educacional dos republicanos se centrou na melhoria da qualificação do pessoal docente e na criação de escolas móveis (1897), com o intuito de combater o analfabetismo nos meios rurais (Pires 1982).

Na 1.^a República, proclamada a 5 de Outubro de 1910, rompe-se com os valores monárquicos e jesuíticos, o ensino da religião é substituído pelo culto da Pátria, a escola passa a ter por função produzir cidadãos e assegurar os valores da democracia. Num Estado neutro, uma escola neutra veicula valores republicanos e laicos contra os valores religiosos, a escola encarna a Razão, o Progresso e o Positivismo (Pedro 2002).

Um manual escolar editado em 1904¹³ faz referência a Deus e à religião católica, desaparecendo completamente na reedição de 1911. Esta atitude está descrita no Diário do Governo, de 29 de Março de 1911, “A religião foi banida da escola. Quem quiser que a dê à criança, no recanto do lar, porque o Estado respeitando a liberdade de todos, nada tem com isso. A moral das escolas, depois que a república se fundou, só tem por base os preceitos que regulam a justiça entre os homens e a dignidade dos cidadãos” (Diniz 1993: 83).

Numa perspectiva temática, nos manuais, Maria Augusta Diniz refere que é dada preferência aos textos de cariz doutrinário e de ciências físico-naturais, atitudes estas explicadas pelas características da época, pela preocupação pedagógica e pelo espírito positivista, valorizador dos “assumptos de natureza científica, como referem as instruções que acompanham o programa de 1903. A família, as relações entre os membros, os animais que vivem próximo da criança (...) a valorização do real sobre o ficcional” (Diniz 1993: 83).

Um impulso de intuito renovador, já lançado em 1870 por D. António da Costa, com a certeza de que “É facto averiguado que a instrução diminui os crimes e restringe a miséria” (Nóvoa 2005: 35), atinge o seu auge no projecto Camoesas, de 1923, tendo a liberdade por valor central e ponto de partida para a construção de uma sociedade nova.

Ao prever-se que a “Cultura moral e social [seja] fundamentada no estudo e no conhecimento da natureza psíquica da criança” (DG n.º 151, de 2 de Julho de 1923), observa-se o cuidado já existente de formar um aluno moralmente responsável, visando a preparação de um espírito, ética e civicamente, crítico para a vivência numa sociedade democrática e republicana. Tal inovação, ficou certamente a dever-se à influência de alguns pedagogos da Escola Nova em Portugal. Do ponto de vista da educação para os valores, as consequências da Escola Nova situam-se sobretudo, e segundo Santo, “ao nível do conceito de educação que

¹³ «O meu Livrinho» de João da Câmara, Maximiliano de Azevedo, Raul Brandão, Câmara Reys e Rodrigues Miguéis. Em 1904, editado pela Livraria Ferreirinha, e em 1911, edição da Livraria Bertrand (Diniz 1993: 82).

passou a perspectivar o processo educativo como essencialmente resultante da participação activa da criança centrada nos seus interesses e sistema de interacções com o meio ambiente” (Pedro 2002: 114), capaz de “formar espíritos inquisitivos e ágeis” (Mónica 1978: 323).

Os princípios e os valores que então passaram a ser defendidos pela nova moral, presentes no discurso pedagógico e que recebiam expressão nos manuais escolares, eram a “liberdade, respeito pelos direitos dos outros e respeito pela lei, liberdade de consciência, humanismo, tolerância, justiça, fraternidade, solidariedade” (Pedro 2002: 114).

O professor tinha por tarefa promover a adesão aos valores nacionalistas “em que se destaca a significação das palavras: cidadão, soldado, Pátria, república, lugar, freguesia, conselho, distrito, província, lei, justiça, força pública, liberdade, igualdade e fraternidade, solidariedade, previdência (3ª classe), quer pela necessidade, (...) da sociabilidade e da cooperação (...) o amor à terra e à Pátria (4ª classe), quer ainda pela necessidade de inculcar valores de uma sociedade igualitária e justiceira (5ª classe)” (Pedro 2002: 112-113).

As primeiras medidas restritivas no que respeita ao ensino primário aparecem logo após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, sendo criticada toda a política educacional até aqui desenvolvida, em virtude do exagerado racionalismo, positivismo e defesa da neutralidade religiosa da escola. Ordenou-se a abolição das escolas primárias mistas e a extinção das escolas móveis (Mónica 1985).

1.2.2 – Do Estado Novo à revolução de Abril

A partir de 1926, a Escola Primária passou a assumir os papéis de destruição da herança cultural republicana e de oferta da ideologia oficial do Estado Novo «Deus, Pátria, Família», não rejeitando o contributo da Igreja na tarefa de veiculação. O Estado Novo assumia a Igreja Católica como representativa da tradição da sociedade portuguesa para manter a necessária coesão social e política. A necessidade de salvaguardar o povo dos perigos do comunismo levou Salazar a mantê-lo em níveis significativos de ignorância. Os primeiros valores que o salazarismo procurava inculcar – obediência, resignação, caridade – constituíam as virtudes tradicionais que a Igreja vinha ensinando havia séculos (Mónica 1985: 287).

Maria Filomena Mónica, no seu estudo «A Escola Salazarista na década de 1930», e baseando-se na linha de pensamento de Gramsci e Althusser, de Bourdieu-Passeron e Bowles-Gints, considera a escola¹⁴ como “um instrumento de domínio de classe..., não como uma agência neutra, mas como uma instituição fundamentalmente conservadora, em que uma

¹⁴ Segundo Althusser a escola desempenha um importante papel na reprodução da ideologia “Os aparelhos ideológicos do Estado não produzem eles próprios a ideologia, mas apenas a elaboram e a inculcam, isto é, materializam-na” (Mónica 1978: 24).

das funções fundamentais é a perpetuação da hierarquia social através da inculcação da cultura das classes dominantes e da ideologia que legitima o seu poder” (Mónica 1978: 32). Neste contexto, “os filhos das classes trabalhadoras, ao entrarem na escola, não só sofrem de desvantagens culturais, como ainda são nela sujeitos à destruição da sua própria cultura. A finalidade da escola primária, ..., seria a de «ensinar a ler, escrever, contar e ser um bom menino»” (Mónica 1985: 486), «ser um bom menino», significava que o aluno deveria ser «obediente, silencioso e limpo». As novas pedagogias aplicadas visavam destruir o chamado movimento da Escola Nova, as suas ideias de democracia e do livre pensamento.

A forma como o Estado Novo via a criança teve implicações óbvias no processo educacional, “Assim como se modificam as plantas pela cultura, sendo preciso regá-las, podá-las, adubá-las, especá-las para lhes endireitar o caule e dar-lhes resistência contra os impulsos do vento, guiar-lhes e torcer-lhes os ramos que seguem em má direcção, processos semelhantes constituem a educação que se dá aos homens”¹⁵ (Mónica 1978: 310). Esta imagem apaga a do jardim de flores que se abre espontaneamente da Educação Republicana.

As relações entre o professor e o aluno são caracterizadas pelo autoritarismo, ao professor é concedido o papel primordial na modelação moral da consciência dos alunos e à inculcação de valores, hábitos, deveres e virtudes, “limpeza e ordem, pontualidade, delicadeza (1.ª classe); amor aos pais, aos irmãos, à família, ao professor e aos condiscípulos (2.ª classe); temperança, amor no trabalho, sinceridade, modéstia, coragem, tolerância, bondade, higiene, ordem, economia, fé, confiança em si próprio, prudência, honra, família, Pátria (3.ª classe); caridade, justiça e solidariedade, o culto da bandeira nacional, o valor material e moral das nossas colónias (4.ª classe)” (Pedro 2002: 117). Não havia estímulo para a inovação nem para um comportamento individual responsável, as crianças não aprendiam a reflectir sobre a realidade, mas sim a assimilar o que outros pensavam por elas (Mónica 1978).

O ensino directo dos valores recorria sobretudo às disciplinas de História e Língua Materna para atingir os seus objectivos. O Governo sublinhava que “a Língua é ainda o mais rendoso instrumento educativo, porque por ela se realiza o comércio das ideias e dos sentimentos” (Mónica 1985: 488), não só é um meio de ensinar como falar e escrever, mas também para ensinar o que dizer ou escrever. Em 1932, foram seleccionadas 113 frases curtas, fáceis de compreender e reter, para os livros de leitura da 1.ª, 2.ª e 4.ª classes do ensino primário. Algumas das frases eram da autoria do próprio Salazar, reveladoras da importância que para ele assumiam a autoridade e a obediência: “Na família, o chefe é o pai; na escola....” (Pedro 2002: 116). A concórdia social dependia igualmente de “uma salutar diferenciação dos sexos: cada classe e cada sexo no seu lugar «natural»” (Mónica 1978: 297), os ensinamentos e

¹⁵ Cunha Gonçalves (1931) – X Congresso de Protecção à Criança.



os valores a inculcar a rapazes e raparigas eram distintos; à rapariga competiam os trabalhos domésticos, ao rapaz, moldado à imagem do pai, os modelos de trabalhadores rurais, artesãos e pastores.

As práticas de doutrinação do Estado Novo manifestavam-se “tanto na obrigatoriedade de afixar certos pensamentos nas escolas e nos livros escolares, como na imposição do “livro único”, na organização física do espaço, na escolha do material didático e na atenção ao ambiente educativo” (Nóvoa 2005: 115).

As linhas fundamentais da política educacional, definidas em 1934, consistiam na “redução dos programas de forma a permitir uma concentração nos conhecimentos supostamente «fundamentais»; ênfase nos chamados «conhecimentos aplicados», isto é, intensificação dos cursos de desenho e trabalhos manuais e agrícolas, para os rapazes, e de actividades domésticas, para as raparigas” (Mónica 1985: 486).

Para formar a personalidade moral dos alunos e subministrar-lhes um grau elementar de cultura, criou-se, em 1936¹⁶, um «único compêndio de educação moral e cívica» (Pedro 2002: 118). Em 1940, «o novo livro de leitura», uniformiza os textos escolares de todo o País, dando uma ideia de unidade cultural. Salienta-se no entanto que embora a “base material ideológica fosse inegavelmente a mesma (...), as mensagens que ela veiculava não coincidiam. A sua leitura era condicionada pela posição social dos alunos (...) os valores são apresentados em bipolaridade, o que permite à criança identificar-se espontaneamente com um dos pólos”¹⁷ (Mónica 1978: 286-287).

Os textos de leitura eram usados para transmitir um conjunto de valores relacionados com o imperialismo, as relações sociais entre as classes, a família, a escola, o trabalho manual e a religião. Era considerado como objectivo essencial da escola primária a inculcação do valor do império ultramarino e «o renascimento da fé do Império» pelo que todos os manuais teriam obrigatoriamente de incluir artigos e fotografias das colónias, e slogans do tipo: “ «somos pequenos na Europa e grandes no mundo», «A bandeira portuguesa cobre homens de quase todas as cores e quase todas as raças»” (Mónica 1985: 489).

Com o intuito de valorizar determinados símbolos do espírito nacionalista, encontravam-se expostos nas escolas, a bandeira nacional, um crucifixo¹⁸ em cada sala de aula e a fotografia de Salazar (Pedro 2002).

¹⁶ Em 1936, com a Reforma Carneiro Pacheco materializa-se o princípio do «Deus, Pátria, Família». Com uma escolaridade primária obrigatória oficial reduzida (redução de 5 para 4 anos em 1927, e de 4 para 3 anos em 1930) aumentou, no entanto a «inculcação ideológica». Com esta Reforma foi criada a Mocidade Portuguesa, obrigatória para todos os portugueses dos 7 aos 11 anos (Stoer 1986:52).

¹⁷ A história da criança rica que dá um brinquedo a uma criança pobre como presente de Natal constitui um exemplo. Os valores propostos no texto não se limitam à caridade, incluem a gratidão (Mónica 1978: 287).

¹⁸ Em Abril de 1936, todas as escolas primárias foram obrigadas a colocar um crucifixo «por detrás e por cima da cadeira do professor», «Crucifixo como bandeira da civilização cristã» (Mónica 1985: 488).

D. Afonso Henriques é o elemento de referência dos textos¹⁹, Independência, Heroísmo e Fé são os seus valores. O período medieval é o mais abordado, os descobrimentos são sintetizados com a figura de Camões “venerado porque «canta a glória da Pátria»”, exige-se saber o Hino Nacional e dele se diz que «na tristeza dá coragem e fé, na alegria fortalece as almas» (Almeida 1991: 253-254). Não se fala em cidades, indústrias ou artesanatos, fala-se da aldeia, do campo e da família camponesa. A vivência nas aldeias manifesta solidariedade em torno do religioso: as janeiras, a procissão e o arraial.

Em 1952, Pires de Lima procurou extinguir o analfabetismo bem como Francisco Leite Pinto que o sucedeu no Ministério da Educação na formação de técnicos especializados, sendo poucos os seus reflexos, conseguindo no entanto elevar novamente a escolaridade obrigatória à 4ª classe (Diniz 1993). Na sequência de várias oposições ao regime de Salazar que se avolumaram na década de sessenta, e por convite de Marcelo Caetano, Veiga Simão (1973) na qualidade de dirigente da pasta da Educação apresenta o Projecto de Reforma do Sistema Escolar, do qual se salienta a institucionalização da educação pré-escolar e a extensão da escolaridade obrigatória de 6 para 8 anos.

De 1945 até às vésperas da revolução, as exigências feitas ao sistema educativo português começam a alterar-se. Terminada a II Guerra Mundial, Portugal vive num clima de expansão económica, estimulada essencialmente pelo exterior, assumindo por isso a educação um papel crescente na “formação de «capital humano»... Na preparação de trabalhadores tecnicamente especializados” (Stoer 1986: 51). No início dos anos 70, e com Veiga Simão, a educação é encarada como sendo fundamental para o crescimento económico e o desenvolvimento nacional. Há uma tentativa de aproximação à igualdade de oportunidades na educação e à passagem do ensino como “objecto de um planeamento «apolítico»” (Stoer 1986: 59). Portugal, a partir dos anos 50, faz com que “predomine na política educativa a perspectiva funcional da educação – educação como preparação para o mundo do trabalho” (Ambrósio 1985: 1028), inserida no contexto de uma economia subdesenvolvida, com cerca de 30% de analfabetismo na população activa, num sector financeiro-industrial em ascensão. Na década de 60, a guerra colonial e o aproximar do fim político de Salazar, origina expectativas de mudança que não se concretizam tão cedo mas que já estavam em curso, “defendia-se o conceito de democratização do ensino, enquanto igualdade de oportunidades de acesso à escola” (Ambrósio 1985: 1031).

¹⁹ Estudo de Miguel Vale de Almeida, baseado no Livro de Leitura da Terceira Classe (Ministério da Educação Nacional, Porto Editora, 1958, 4.ª edição) (Almeida 1991: 247).

1.2.3 – O I Governo Constitucional e a Lei de Bases do Sistema Educativo

De 1974 aos acontecimentos de 25 de Novembro de 1975 e à tomada de posse do I Governo Constitucional, em 1976, determina-se que “ «o Estado promoverá a democratização da educação e as condições para que a educação (...) contribua para o desenvolvimento da personalidade e para o progresso da sociedade democrática e socialista» (artigo 73., ponto 2)” (Ambrósio 1985: 1033).

Num Estado neutro e pluralista, a liberdade, a justiça, a educação, a participação cívica, a solidariedade, o património cultural e a tolerância, constituem um quadro de novos valores (Pedro 2002). Neste contexto, a nova política educativa implementa uma gestão democrática do funcionamento das escolas (com a participação de professores, alunos e funcionários), define um sistema de fases do ensino primário (anteriormente designado por classes) e cria o ensino unificado. Alteram-se os conteúdos programáticos definidos pela ideologia do regime ditatorial precedente, promove-se o desenvolvimento da criança tendo em conta “os aspectos físico, intelectual e moral” e encoraja-se a “pensar, sentir e executar”, a criança é vista como um ser “que tem necessidades específicas e direitos próprios” (Diniz 1993: 42).

De 1976 até 1980, definido por Stoer como um período de «normalização» do ensino, o Estado recupera e reafirma o controlo da educação, entregue, nos dois primeiros anos após a revolução, a grupos influentes e às escolas (Ambrósio 1985).

Bártolo Paiva Campos (1987) refere que “a Constituição da República Portuguesa definiu os princípios gerais pelos quais se deve reger a política educativa. Ficou assim caduca a Lei Veiga Simão, nunca regulamentada, e tornou-se necessária uma nova Lei de Bases do Sistema Educativo” (Orlando 2003: 95). De acordo com a Constituição, é da exclusiva competência da Assembleia da República legislar sobre as bases do sistema de ensino. Só passados 10 anos após a promulgação da 1ª Constituição da República é que a Lei de Bases do Sistema Educativo Português (LBSE) foi publicada no Diário da República, a 14 de Outubro de 1986. O modelo de sociedade portuguesa implícito na LBSE tende para a “unidade/identidade nacional com raízes históricas e culturais genuínas, mas que não pode permanecer voltada para si própria, uma vez que se reencontra num novo quadro de universalismo europeu e na progressiva independência e solidariedade entre todos os povos do mundo (art. 3.º - a) numa hierarquia crescente, Portugal, Europa, Mundo” (Pedro 2002: 133). A partir dos anos 80, predomina a ligação à Europa, referência esta estruturante para as políticas educativas (Nóvoa: 2005).

Considera-se que “A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de

opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram, e de se empenharem na sua transformação progressiva” (LBSE, n.º 46/86, de 14 de Outubro, Artigo 2.º). O ensino básico é universal, obrigatório e gratuito e tem a duração de nove anos. A obrigatoriedade de frequência aplica-se a crianças entre os seis e os quinze anos de idade. Dos objectivos deste nível de ensino, explícitos nos artigos 7.º e 8.º, salientam-se para este estudo: “a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano; g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas; i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária; n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral” (LBSE n.º 46/86, de 14 de Outubro). No âmbito do Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, o currículo para o ensino básico tem por princípios:

“- valorização do ensino e aprendizagem da língua materna, enquanto factor de intervenção de todas as componentes curriculares;

- valorização da formação pessoal e social, assegurada, em especial, pela área pluridisciplinar de Desenvolvimento Pessoal e Social;

- adopção de uma perspectiva interdisciplinar e integradora de saberes e competências, desenvolvidas por cada uma das disciplinas e pela área-escola;

- iniciação de uma língua estrangeira desde o 1.º ciclo, conferindo, assim, um ensino e aprendizagem estruturada e sequencial das línguas estrangeiras;

- integração de actividades de complemento curricular, visando utilizar de forma criativa e formativa os tempos livres dos alunos;

- adopção de um sistema de avaliação que pretende promover o sucesso de todos os alunos, de acordo com os diferentes ritmos de desenvolvimento e progressão” (Boal 1998: 34). Numa sequência de três ciclos, cada ciclo aprofunda e completa o anterior, numa perspectiva de unidade global, evidenciando-se no plano vertical, entre ciclos, e horizontal, na articulação das suas componentes.

Na área disciplinar de Formação Pessoal e Social, os alunos optam pela disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social ou pela disciplina de Educação Moral e Religião Católica. Na área curricular não disciplinar mas obrigatória, a Área-Escola, tem-se por objectivos o

“aprofundamento das aprendizagens através de actividades e projectos multidisciplinares, a sensibilização dos alunos para os problemas do meio em que se insere a escola e o desenvolvimento do espírito de iniciativa, de organização, de autonomia e de solidariedade” (Boal 1998: 35), sendo a sua organização da responsabilidade do Conselho Escolar ou Conselho Pedagógico. As actividades de complemento curricular, cuja organização é da responsabilidade da escola, são de frequência facultativa e de natureza lúdica e cultural.

De acordo com a LBSE e respondendo às exigências da entrada em vigor dos novos planos curriculares definidos pelo Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, impõe-se uma nova definição de uma política para os manuais escolares – Decreto-Lei n.º 369/90, de 26 de Novembro²⁰, com os seguintes objectivos:

- Garantir a estabilidade dos manuais escolares, de modo a respeitar os interesses das famílias com vários filhos em idade escolar, mediante a definição de um período de vigência dos programas de ensino e dos correspondentes manuais. Cada programa vigora por um período mínimo de quatro anos sendo a adopção dos manuais escolares válida pelo mesmo período.

- Assegurar a qualidade científica e pedagógica dos manuais escolares a adoptar.

- Reconhecer os benefícios da diversidade de iniciativas editoriais dos manuais escolares.

- Reconhecer a competência pedagógica dos órgãos de gestão das escolas na escolha e adopção dos manuais escolares que considerem mais adequados ao seu projecto educativo.

- Apoiar as escolas no processo de escolha dos manuais escolares facultando-lhes instrumentos de selecção.

Neste documento, entende-se por manual escolar “o instrumento de trabalho, impresso, estruturado e dirigido ao aluno, que visa contribuir para o desenvolvimento de capacidades, para a mudança de atitudes e para a aquisição dos conhecimentos propostos nos programas em vigor, apresentando a informação básica correspondente às rubricas programáticas, podendo ainda conter elementos para o desenvolvimento de actividades de aplicação e avaliação da aprendizagem efectuada” (Decreto-Lei n.º 369/90, de 26 de Novembro – Artigo 2.º).

Relativamente aos conteúdos abordados nos manuais, e abrangendo as três épocas mais representativas do sistema de ensino português – 1.ª República, Estado Novo e pós 25 de Abril, o estudo de Maria Augusta Seabra Diniz conclui que no livro de leitura «Livro Aberto»²¹, do pós 25 de Abril, não existem quaisquer textos sobre história de Portugal ou religião, constituindo esta uma grande diferença temática relativa aos manuais do Estado

²⁰ É revogado o Decreto-Lei n.º 57/87, de 31 de Janeiro.

²¹ Leituras para a 1ª Fase do Ensino Primário de Maria Alberta Menéres e António Torrado, Plátano Editora, 1975-76, com uma tiragem de 230 000 exemplares.

Novo. A inclusão neste manual de textos elaborados pelas crianças parece abrir caminho a uma escola que as considera agentes activos da sua própria aprendizagem (Diniz 1993).

1.2.4 - A Educação para a Cidadania, a Língua Portuguesa e outras áreas curriculares

A Língua materna é reconhecida como elemento mediador entre a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia. A sua restrição impede “a realização integral da pessoa, isola da comunicação, limita o acesso ao conhecimento, à criação e à fruição da cultura e reduz ou inibe a participação na práxis social” (Princípios Orientadores da Língua Portuguesa: 2001).

O programa de Língua Portuguesa apresenta três domínios: a comunicação oral, a comunicação escrita e o funcionamento da língua – análise e reflexão. Considera-se essencial que na aprendizagem da escrita e da leitura “se mobilizem situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estática da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever” (Princípios Orientadores da Língua Portuguesa: 2001). Esta perspectiva pedagógica permite que o aluno “construa a sua identidade e a sua relação com o mundo e se afirme como ser afectuoso e interveniente, autónomo e solidário” (Princípios Orientadores da Língua Portuguesa: 2001). Para Olívia Figueiredo, a Língua “serve para veicular conteúdos, mas o essencial é que ela também é mediadora na auto-estruturação do aluno. Este processo desenvolver-se-á na interacção social na sala de aula entre o aluno e os seus colegas, e também na interacção com as características específicas dos conteúdos que se dão a aprender” (Figueiredo 2004: 16). De acordo com o quadro conceptual do currículo e com as opções e linhas de orientação programáticas, concebe-se o aluno como agente activo na construção dos seus conhecimentos.

A partir de 2001, a Escola passa a sublinhar a necessidade de se assumir como sendo um espaço privilegiado na educação para a cidadania. Em conformidade com a legislação actual - Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, são inscritas três áreas curriculares não disciplinares, visando responder a necessidades identificadas no processo de formação e de desenvolvimento dos alunos e cujos objectivos são respectivamente:

“Área de projecto, visando a concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos.

Estudo acompanhado, visando a aquisição de competências que permitam a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de

Formar leitores exige da escola, e dos vários intervenientes no processo educativo, atitudes que estimulem o pensamento, o sentido crítico, que constituam desafios, apostando em objectos de leitura ricos e diversificados e numa postura de receptividade, diálogo e cooperação, desde o início da escolaridade. Uma sociedade que lê, que sabe e que gosta de ler, aproximar-se-á mais de uma sociedade de índole humanista, com cidadãos mais críticos, mais receptivos à diversidade, à aceitação dos outros e à construção do saber (Castro 1998), porque “a leitura é uma prática potencialmente capaz de nos fazer aceder a outros modos de ver o mundo e de conhecer os outros e, nesse sentido, capaz de possibilitar uma melhor compreensão de nós próprios e dos contextos sociais que nos cercam” (Sousa 2005: 100).

Uma ênfase excessiva dada ao raciocínio lógico e aos modelos científicos que os currículos apresentam poderá levar ao esquecimento de outras estratégias. “A verdadeira aprendizagem é sempre activa (...) pode acontecer de várias formas: quando se lê poesia ou textos informativos” (Roldão 1994: 78), englobando conceitos abstractos, imaginação e significado afectivo.

1.3 – A poesia e a educação

A literatura para crianças balança entre dois sistemas, o educativo e o literário, num processo dinâmico, «caindo» mais para um lado ou para o outro. O mesmo acontece com o texto poético, estamos a combinar razão e fantasia, enriquecendo a primeira e aprimorando a segunda.

A poesia é uma manifestação de expressão literária. É curiosa a afirmação de Octávio Paz, “a poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povo sem poesia, mas existem os que não têm a prosa. Portanto, pode-se dizer que a prosa não é uma forma de expressão inerente à sociedade, enquanto que é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas” (Carvalho 1989: 224). A prosa é racional e lógica enquanto que a poesia é emocional. Para Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1989) os símbolos, as imagens, as comparações que a poesia contém não constituem uma barreira para a escola. Além de desenvolver a memória pela facilidade que o ritmo, a harmonia e a cadência oferecem, a poesia sugere valores estéticos, possibilita o enriquecimento cultural e a expressão do valor emocional da palavra. Educa a sensibilidade, a arte de ouvir, dando à criança riqueza de linguagem e versatilidade.

As crianças “Entre os três e os seis, sete anos, acreditam nas maravilhas. E vivem com elas. Estão completamente disponíveis” (Magalhães 1999: 11). No universo da infância, sobretudo até aos seis anos, a actividade lúdica, a actividade simbólica, é o tapete mágico que

concebe a «humanidade inteligível», “A criança vive o agora, não adia, não espera. Respira pelo tacto, pelo cheiro, pelo olhar, pelo ouvido, pelo movimento, pelo gesto expressivo, pela palavra emotiva e pelo desejo. Respira pelo fio doce da palavra, pelo contacto com os corpos quentes, pelo rio forte da vida presente que a segura” (Marques 2000: 78).

Estimular a fantasia com aspectos da realidade próxima e vivenciada, como afirma P. Etchebarne, “... la literatura infantil, tal como nosotros la entendemos, no puede estar desligada de la vida misma” (Carvalho 1989: 224).

Ser criança é maravilhar-se com os jogos de palavras e com os ritmos. Em verso, como nos diz Alice Gomes, podemos contar e decorar muitas histórias, os versos são uma surpresa, no fim de cada estrofe pára-se com ar divertido, são as palavrinhas que respondem umas às outras, “o estilo até pode ser mais rico, porque a criança levada pelo ritmo não tropeça nas palavras desconhecidas” (Gomes 1972: 17).

Todas as palavras encantam e esse encantamento provém “do prazer físico que elas experimentam ao dizê-las. E a repeti-las incansavelmente” (Magalhães 1999: 10). Depreende-se aqui o importante papel da poesia na aprendizagem da língua. A poesia apresenta-se “pelo seu ar de doce cantinela, pelo seu ritmo, a permitir maior capacidade de memorização, como veículo ideal para as leituras infanto-juvenis” (Müller 1987: 5). No plano da expressão, a linguagem versificada identifica-se à soma: prosa + música.

É preciso captar a poesia da criança que lhe está inerente até aos onze anos, “se descrevermos «um bichinho de orelhinhas longas bem branquinho que pula... pula...» é mais sugestivo e a imagem se representa em sua mente com mais riqueza, do que se dissermos apenas: «vi um coelho»” (Carvalho 1989: 230). Esta é uma linguagem poética. A educação tem um caminho – do coração para a inteligência, e a poesia realiza esse trajeto.

Para Georges Jean (1989) as canções de berço levam desde muito cedo a criança para o país dos sonhos. Estas memórias permitem a quem as ouviu a faculdade de se encantar.

Começo por falar das rimas infantis, rimas estas ainda presentes no nosso imaginário, rimas que quando crianças aprendemos espontaneamente, dos mais velhos para os mais novos. Maria José da Costa (1992) dá-nos disso vários exemplos:

Sola / Sapata/ Rei/ Rainha/ Foi ao mar/ Buscar a sardinha/ Para o filho/ do juiz/ Que está preso/ Pelo nariz/ Salta a pulga/ Na balança/ Dá um salto/ Até à França/ Os cavalos/ A correrem/ as meninas/ A aprenderem/ Qual será/ A mais bonita/ Que se irá/ Esconder?

Desde muito cedo a criança e o adulto encontram nas rimas interação, movimento, integração e exploração. Ainda hoje, e ainda bem, é frequente vermos pais e avós a cantarolar as rimas, canções que também noutros tempos já foram nossas:

Abrindo a mão e fazendo com o indicador o gesto de uma galinha a picar na palma: A pitinha pôs o ovo/ A menina comeu-o todo,/ Ela o coze, ela o assa/ Ela o vai vender à praça.

O adulto, de pé com as pernas afastadas, e segurando a criança debaixo dos braços, faz dela sino e diz: Tão balalão/ Cabeça de cão/ Orelhas de gato/ Não tem coração.

Dedo mindinho/ Seu vizinho/ Pai de todos/ Fura bolos/ Mata piolhos.

A transição para rimas e jogos mais complexos faz-se de uma forma gradual, o número de participantes vai aumentando e na idade escolar as crianças jogam entre si. Jogam à «Cabra-cega»: - Cabra-cega, donde vens? – De Castela. – Que trazes para merenda? – Pão e canela²²; ao «Jardim da Celeste» e ao «Bom Barqueiro»: Eu fui ao jardim celeste/ Giroflé-flé-flá/ Tu que foste lá fazer?/ Giroflé-flé-flá/ Fui buscar um cravo branco/ Giroflé-flé-flá/ P'ra quem é esse cravo?/ Giroflé-flé-flá/ É p'ra Menina Zézinha/ Giroflé-flé-flá²³.

A escola propicia à criança contactos diversificados com os elementos literários da tradição, nos quais se integram as formas narrativas (as lendas, contos, fábulas) e as formas líricas (as canções populares, as rimas, os provérbios), que vão passando, através da oralidade, de geração em geração. O seu uso reveste-se de uma especial importância para o atingir de determinados objectivos pedagógicos e didácticos de várias disciplinas e em diferentes graus de ensino. No 1.º ciclo do ensino básico a sua utilização justifica-se preferencialmente na Língua Materna, quanto à aquisição da linguagem, leitura, escrita e poesia; na Língua Estrangeira; em Educação Musical e Educação Física.

A inclusão das rimas nos manuais escolares facilita a aprendizagem do domínio da respiração na leitura, treina a entoação, a expressão da criança e melhora a articulação das palavras (com a utilização dos trava-línguas). A repetição de sons com a presença de palavras homófonas é um auxiliar precioso para o estudo da ortografia. A presença das rimas infantis nos manuais “permite ao aluno fazer uma transição mais suave para os textos vulgarmente denominados de literários, nomeadamente a poesia” (Costa 1992: 154). Não se trata de reduzir às rimas a poesia para crianças, mas de as considerar um dos meios a utilizar na iniciação à poesia.

Ao lado das rimas mais antigas, que se mantêm com algumas variações, vão surgindo novas que se mantêm por períodos de tempo diferentes. Baucomont recorre aos critérios quantitativo e valorativo para explicar os critérios de frequência e qualidade poética: se a popularidade é uma das determinantes de sobrevivência das rimas, no critério de frequência pesa a opinião infantil, deixando para trás a opinião adulta relativa à qualidade do poema (Costa 1992).

²² In Etnografia da Beira, Jaime Lopes Dias (1942), Lisboa (Costa 1992: 91).

²³ Citado por Augusto César Pires de Lima (1943) [1916], Jogos e Canções Infantis, Colecção Folclore e Pedagogia, Porto: Domingos Barreira editor (Costa 1992: 95).

CAPÍTULO 2: Temáticas actuais da poesia para as crianças em Portugal

Quando o escritor julga que está sozinho em frente do papel em branco, ele não está de maneira nenhuma sozinho. Espreitando por entre as suas mãos, estão os dias mais ou menos longínquos da sua infância, a voz da mãe ou do avô ao serão, os receios das noites de tempestade, os risos das brincadeiras e o sangue dos joelhos esfolados. A tradição e a infância têm muita força. E também têm muita força o conhecimento do mundo e do tempo em que se vive. Que leituras para as crianças de hoje – tão diferentes das crianças de antigamente? Ou: que leituras para as crianças de hoje – tão iguais às crianças de antigamente?

Maria Alberta Menéres (1991)

a) Considerações iniciais

O Verão passou e com ele as leituras e as ideias. No Outono as andorinhas despediram-se, o vento rodopiou folhas e palavras. Agora, finalmente, posso dizer bem-vindo o Inverno!

Ao abrir os manuais escolares encontram-se poemas a espreitar nas primeiras páginas e a dar as boas vindas. Encontram-se um desfile de estações do ano, de quadras festivas, dias especiais, meninos, plantas, animais, estrelas e mar. Entra-se numa dança mágica e nos sonhos das crianças, numa leitura «flutuante» de textos, na poesia, que pelas suas características nos levam mais facilmente à descoberta de um novo mundo.

Com base num jogo de relações inter cruzadas, no papel atento de quem ouve todas as vozes, seleccionou-se os poemas, evidenciados pela forma, e dentro destes, os de dimensão mais valorativa. Procurou-se não perder a essência da poesia, como quando se vê um quadro demasiado perto, a sua textura, a tinta, a técnica, e se perde a noção de conjunto, a imagem, o sentido e a emoção (Gourévitch 1969).

Procedeu-se à identificação das categorias através dos temas que sobressaem dos poemas. Neste sentido, posteriormente, seleccionaram-se recortes do texto por «unidades de sentido»²⁴, e encontraram-se subcategorias enquadradas na área temática a estudar. A partir da categorização de mensagens, abaixo indicada, é possível, numa fase posterior, sistematizar cada ponto e apresentar uma análise final:

- A Família
 - Celebrações e tradições
- A Criança
- A Escola
 - A amizade
- A Sociedade
 - Educação para a Cidadania
Liberdade/ Paz e Amor/ Igualdade e Diversidade/
Educação para a Saúde e Educação Cívica/ Ambiente
 - Identidades
Identidade histórica e cultural/ Literatura Popular
 - Vida Quotidiana

²⁴ Por exemplo, na apresentação de uma categoria, são expressas as unidades de sentido que a caracterizam. Noutros casos essa enunciação não é apresentada, por se considerar repetitiva para a investigação. As unidades apresentadas correspondem a alguns versos dos poemas dos manuais escolares, embora, nalguns casos, se opte por apresentar a totalidade do poema que mantém o seu sentido.

Os autores dos poemas, considerados aqui como os porta-vozes da sociedade actual, também eles vão encontrar um lugar especial, havendo algumas notas acerca das suas obras²⁵ mais representativas.

Nas palavras reside o segredo do texto literário, “são elas quem criam o que designamos pela relação... entre o texto e o contexto sociocultural, entre o texto e as ideias políticas, sociais ou religiosas, do Eu que lhes deu vida” (Figueiredo e Belo 1993: 8).

Aqui e ali os manuais mais «velhinhos» falarão de um passado não muito longínquo, poemas que já foram dos pais e avós pertencem agora aos netos e bisnetos.

Embora os poemas tenham sido analisados primeiramente por manual e por ano de escolaridade, a sua categorização é conjunta. Pretende-se uma sistematização da informação recolhida de modo a facilitar a sua posterior análise.

²⁵ Os textos dos manuais escolares são em larguíssima maioria textos retirados de obras literárias da esfera da literatura destinada à infância e juventude. E aqui poderíamos ser levados a inferir que “entre os manuais escolares e a literatura (a literatura para a infância) existe uma relação positiva” (Sousa 2005: 92).

2.1 A Família

A família, elemento nuclear das sociedades, é a primeira e decisiva instituição de socialização da criança, na transmissão de informação, difusão de valores e expressão de comportamentos.

Na segunda metade do século XX, verificaram-se profundas alterações nos modos de ser mãe, ser pai e ser criança. O nascimento de um filho requer ajustamento e adaptação, há uma maior procura do bem-estar material e afectivo, em busca de uma felicidade que se quer activa e permanente. A criança é menos vista como recurso e mais como um projecto no seio de uma família. Novos desafios como a perda relativa do peso da família na educação dos filhos pela presença de outros meios e agentes de socialização, exigem um novo equilíbrio entre o tempo e o trabalho, a disponibilidade e a entrega, que não são apenas noções de carácter físico e temporal, mas sobretudo afectivo e intelectual. A queda da nupcialidade e as elevadas taxas de rupturas conjugais são, essencialmente, um fenómeno cultural em curso, o fenómeno da monoparentalidade e da família recomposta. A família moderna é a família conjugal, “(...) uma família pequena/ mas de grande coração”²⁶.

Os poetas, com suas palavras, cores e sentidos, transportam-nos para um núcleo de afectividade, relações e receios. Personagens de outrora, pertencentes a uma família alargada ficam como que adormecidos, o pai, a mãe, os filhos e de quando em quando, os avós, assumem o centro da tela e todas as mensagens mais directamente a eles se referem. A Salomé, num poema de Isabel Lamas, desenhou-os a todos, numa folha de papel... “Uma família de gatos/ E que bonita ficou! / A mãe com o bebé ao colo/ Perto do pai, a Gatita, / Entre o avô e a avó/ A Gatucha, tão bonita./ Toca flauta o mano Gui/ E violino o Gatom.../ Só é pena que o desenho/ Não possa aparecer com som!”. Nos poemas encontrados elementos físicos e psicológicos os caracterizam, o narrador do poema é em muitos casos a criança podendo esta neles «confessar» alguns dos seus sonhos e desejos. A Mãe foi a mais escolhida pelos manuais escolares com dezassete poesias para a presentear “Com três letrinhas apenas/ se escreve a palavra mãe./ É das palavras pequenas/ a maior que o mundo tem”²⁷. A mãe é bela, querida, linda, brilhante, rainha e grande como o mundo. É um anjo da guarda, uma estrela cadente, um sol, uma roseira, o girassol e a Primavera.

A mãe
é uma árvore
e eu uma flor.

A mãe
Tem olhos altos como estrelas
E os cabelos dela brilham ao sol.

²⁶ António Monteiro

²⁷ Quadra Popular

A mãe
Faz coisas mágicas:
Transforma farinha e ovos em
Bolos,
Linhas em camisolas,
Trabalho em dinheiro.

A mãe
tem mais força que o vento:
Carrega sacos e sacos
Do supermercado
E ainda me carrega a mim.

A mãe
Conhece o bem e o mal.
Diz que é bem partir pinhões
E partir copos é mal.
Eu acho tudo igual.

A mãe
à noite descasca batatas,
eu desenho caras nelas
e a cara mais linda
é a da minha mãe.

Luísa Ducla Soares

Aqui a mãe é uma árvore, a criança uma flor... num outro lado, a mãe é a flor e o sol e a criança a luz “(...) Mãe, gostava tanto de ser flor!/ Filha, eu então seria uma ave...”²⁸. Há sempre uma relação recíproca, o dar e o receber «dás-me o teu carinho» ao que o filho retribui com «uma rodela de batata», «todo o meu Amor!», «a Lua Cheia», e porque não a estrela mais linda encontrada na poesia de Campos de Oliveira, «Para a minha mãe» e um cestinho cheio de flores na de Matilde Rosa Araújo:

Eu queria uns sapatos
Com asas nos saltos.
Batia com eles no chão
Trás, trás...
Eu subia ao céu
Por cima das nuvens
Por cima das serras
Por cima do mar...
Não para lá ficar
Mas para pedir ao céu,
Que tem tantas,
A estrela mais linda
Para dar à minha mãe!

Campos de Oliveira

Eu queria um cestinho cheio de flores
Para tecer um xaile de muita cor, muito lindo!
E um retalhinho do Céu
Para fazer um vestido azul tão lindo!
E mais sete estrelas das mais brilhantes
Para armar um chapéuzinho de luz!
E mais ainda dois quartinhos de lua

²⁸ Matilde Rosa Araújo

Que chegassem para uns sapatos de saltos muitos altos...
E tudo isto, depois,
Eu dava à minha mãe
(...)

Matilde Rosa Araújo

A Mãe é alguém que dá o que sente no coração, amor, carinho, vida, ternura, doçura, beijos e abraços, “Se vires alguém/ Com a noite nos cabelos.../ Se vires alguém/ Com estrelas no olhar./ E se a voz desse alguém/ For como as ondas do mar./ Esse alguém é a minha Mãe!”²⁹. A mãe tem os cabelos brilhantes, “Tem flores nos olhos/ às vezes molhados// Luas brancas no peito/ Às vezes aflito/ Dez estrelas nas mãos/ Às vezes calejadas/ Que me abraçam/ E aquecem/ Com um cobertor de carinho.// Quando ouço o bater do seu coração/ Faço de conta/ Que sou pássaro pequenino/ De olhos fechados/ Dentro de um ninho.”³⁰ Neste e noutros poemas «o ninho» transmite a noção de refúgio, também apelidado de berço ou colo “(...) eu só tenho coragem/ Quando estou na minha casa/ Bem seguro, aconchegado/ No colinho da minha mãe”³¹. Representa a segurança, o amor materno incondicional, de alguém que satisfaz as necessidades do filho e que o aceita tal como ele é.

Ainda eu era pequena,
Mas recordo-me tão bem!
De estar com a minha mãe
Em certa noite serena,
Eu, aconchegada a ela,
Ela, aconchegada a mim,
Olhando pela janela
O firmamento sem fim.

António Gedeão

Quando o filho quer sair do ninho e viver e voar sozinho “(...) tu fazes como faz a mãe do passarinho,/ indicas-me o caminho.../ e é este o maior bem que o teu amor me deu:/ ensinar-me a voar, para alcançar o Céu!”³².

Os poemas para o Pai, num total de nove, descrevem-no como alguém grande, maior e forte. Ter um pai, nas palavras de Florbela Espanca “(...) É ter na vida/ Uma luz por entre os escolhos;/ E ter dois olhos no mundo, que vêm p’los nossos olhos!/ Pai .../ Nestas letras pequeninas/ Astros dum céu todo encanto!”. O Pai é amigo e bondoso, “É a almofada/ Onde encosto a cabeça./ E quando me abraças,/ Sinto-me tão pequenina/ Fecho os olhos/ E imagino/ Que os teus braços/ São cobertores de lã/ Que me aquecem e resguardam/ Nas noites geladas/ Até chegar a manhã”³³. Na figura do pai sobressaem os braços que tudo abraça. O Pai perdoa e dá o seu amor, mas em alguns poemas, o amor paterno, ao contrário do amor materno, é condicional. O pai é alguém que nem sempre está presente, todos os dias de casa sai para o trabalho... “Às vezes o meu Pai viaja/ Diz adeus e vai

²⁹ Helena Margarida Araújo

³⁰ António Mota

³¹ Pedro Bandeira

³² Esther de Lemos

³³ António Mota

embora./ Ou então vai para o trabalho/ Eu sei que ele não demora.// Mas inventei um barquinho/ Todo feito de saudade./ Navega devagarinho/ E chega a qualquer cidade (...)³⁴.

Pai, pára um bocado,
Brinca comigo ao pião...
Andas sempre tão cansado,
Vem, dá-me a tua mão...
 Olha eu sei que às vezes,
 Não estudo como querias,
 Não durmo como devia,
 Não como o que faz bem!
 Mas juro que nunca esqueço
 Aquilo que tu me dizes, aquilo que recomendas!
Pai, dá-me os teus braços.
Eles são o arco-íris
Que trago dentro de mim,
Belos, quentes, sem fim...

Conceição Marques

O pai é companheiro, modelo e referência “És o meu espelho./ Sofro com a tua ausência”³⁵. No dia do pai “(...) Trago-te amor e alegria./ Tu para mim és o maior/ E eu sem ti nada seria.../ (...) Quem é tão grande e tão amigo?/ Quem nos leva a passear?/ Quem nos ensina a jogar à bola?/ É o pai, por nos amar”³⁶. Tudo isto confirmado por Gaspar Cruz numa outra quadra: “Foi o avô que te ensinou/ Os valores que eu aprecio./ A ambos grato estou/ Por isso em vós eu confio”.

Preciso dos teus carinhos
E amparo, dia a dia,
De mim mereces beijinhos,
Muito amor e alegria.
É tão bom ver-te sorrir
Para esqueceres o cansaço!
Abraçar-te muito e subir,
À noitinha, a teu regaço.

Marques Portugal

Mudanças profundas ocorreram na distribuição dos papéis no seio da família, a profissionalização das mães é um traço estruturante da condição da infância contemporânea. “A esmagadora maioria das crianças no país (66%) possui mães activas empregadas; se a estas juntarmos as desempregadas, a percentagem atinge os 73%; a figura da mãe doméstica (18%) constitui, pois, uma excepção” (Almeida 2005: 588). As crianças de hoje têm uma mãe activa que recusa a exclusividade doméstica ou a exclusividade maternal na definição da sua identidade. Elas continuam no entanto a ser as responsáveis pelas tarefas caseiras, pelas tais «coisas mágicas» como fazer as compras, cozinhar, cuidar da roupa e arranjar a casa; «pena» que só no dia da mãe se vislumbra o seu merecido descanso, “Este é o dia da Mãe/ (...)/ E os filhos

³⁴ Maria Mazzetti

³⁵ Gaspar Cruz

³⁶ Luís Cruz

em segredo/ Vão mais cedo para a cozinha/ Para fazer bolo de noz/ / (...) A mãe chega do trabalho/ Que longe fica a cidade,/ Vem cansada da viagem// (...) Até o pai entrou na festa/ com um sorriso contente:/ «bem mereces a surpresa,/ toma o teu lugar na mesa/ que hoje é um dia diferente»³⁷.

Neste cenário e embora o pai assegure uma presença crescente e activa nas tarefas da educação infantil “o movimento de entrada das mulheres no espaço público não tem, portanto, contrapartida numa eventual entrada dos homens nos universos domésticos tradicionalmente femininos” (Almeida 2005: 588).

Os poemas escolhidos pelos autores dos manuais escolares são como que uma crítica ao que ainda não acontece em muitos lares, “Papá lê as notícias/ É bom/ É importante/ Mas não é tudo./ Por que não uma ajudinha?/ E os trabalhos da escola/ Do miúdo?/ Parece mal?/ Essa é boa!/ Vai uma seta no jornal/ E o jornal até voa”³⁸. No poema seguinte as diferenças de género são criticadas concluindo-se no final que “(...) os Direitos iguais/ Não tardam pela demora!”.

Sonhei...
Que o pai lavava pratos
Do jantar
E a mamã
Lia as notícias
Da manhã.
 Que um rapaz
 Embalava
 Uma boneca,
 De uma menina
 «levada da breca».
Que a prima Alice
Conduzia
Um camião,
E o Alfredo
Dançava o malhão.
 Que a nossa empregada
 Se chamava Miguel,
 E tinha uma filha
 Tenente
 no quartel.

Paulo Marques

A criança também contribui para as tarefas domésticas como confirmam os versos de Maria Isabel Mendonça Soares e de Matilde Rosa Araújo “(...) Todos fazem tantas coisas/ eu também levo o meu prato.// Pus a toalha e as chávenas/ E a cafeteira na mesa./ Quando a mãe aparecer/ Há-de gostar da surpresa”.

Já pus o avental novo.
Minha mãe está a chegar!
E já varri toda a casa.
Minha mãe está a chegar!
E já lavei o sobrado.

³⁷ José Jorge Letria

³⁸ Carlos Pinhão

Minha mãe está a chegar!
E já limpei o pó.
Minha mãe está a chegar!
E já matei a aranha.
Minha mãe está a chegar!
E o brilho da sua teia
Deixou-me aqui a sonhar...
(...)

Matilde Rosa Araújo

Uma possível lição salta destes e do próximo poema, “Capuchinho vermelho!/ Era a voz da mamã (...)/ Ouve o que te digo!/ (...) cheguei à avozinha/ e vim cedo embora./ Regressei contente/ E, vou-vos dizer./ Ser obediente/ É bom a valer!³⁹”. As crianças em idade escolar já apresentam uma moralidade autónoma, tendem a escolher um castigo consonante com o tipo de transgressão e têm a noção de que as normas são para serem cumpridas. “O Pompom é o meu gato (...)/ quando come é porcalhão/ fica sujo, enfarruscado/ mas depois limpa-se todo/ e fica lindo, lavado./ Se lhe ralho, fica triste/ Mas tenho de o educar/ Pois quero que o meu Pompom/ Seja um gatinho exemplar (...)”⁴⁰. São muito implacáveis nas acções, se fazem «asneira» têm de ser castigadas “A mãe, se me vê/ Comer com a mão./ Prega-me logo/ Uma lição. (...)”⁴¹. Já se dizia numa quadra popular “Faz mal o filho que mente/ a seus pais, quando rapaz,/ e já é tarde quando sente/ o mal que a si próprio faz” .

Os rituais do dia a dia ajudam na definição de papéis e de responsabilidades entre os membros da família. À mãe compete o canto, o embalo e o adormecer, “Filho/ Meu filho,/ Vem-te deitar./ Já sobre o mar/ O sol se deitou./ (...)/ Pôs-se a contar/ Estrelas no céu;/ Chegou a vinte,/ Adorreceu”⁴². Cantigas de agora, cantigas de outrora, facilitam a entrada no mundo dos sonhos “Dorme depressa, meu bem/ No teu bercinho tão lindo/ (...) O Sol já se foi deitar/ Os passarinhos também.../ Está tudo a descansar/ E já não brinca ninguém./ Nanar;/ Nanar, tu vais, meu bem”⁴³.

Se eu fosse Nuvem branca
Se eu fosse Onda do Mar
Fazia um berço de Vento
Para te poder embalar.
(...)
Se eu fosse Borboleta
Se eu pudesse voar
Fazia um berço de asas
Para te poder embalar.
O meu menino já dorme
Nos lábios tem um sorriso
Aberto, como um sonho
Porque sonhar é preciso.

José Vaz

³⁹ Fernanda Maria Montenegro

⁴⁰ Isabel Lamas

⁴¹ Luísa Ducla Soares

⁴² Luísa Ducla Soares

⁴³ Tradicional

Associado ao dormir, o Outono embala-nos com a sua magia “(...) cai uma folha no Outono/ (...) E eu, ao vê-la poisar,/ adormeço de repente/ na almofada do luar”⁴⁴.

Um poema muito antigo, de João de Deus (1830-1896), poeta lírico dotado de grande ternura (Subtil et al 1960), foi encontrado num manual escolar, onde cabia às irmãs mais velhas substituir a mãe no cuidar dos irmãos mais novos e nas tarefas domésticas “Tendo a mãe de se ausentar,/ disse à filha mais velhinha:/«Fica tu em meu lugar,/ de guarda à nossa casinha.// A menina está no berço,/ Embala-a suavemente,/ Entretendo a inocente/ Com esta cantiga em verso:// Passarinhos, vinde em bando/ A ver anjinho, tão lindo,/ Que a mamã está embalando,/ Contente de o ver dormindo”.

Para Manuel Bandeira, a mãe ao lado dos seus filhos quando estes estão doentes, “Para que o menino durma sossegado,/ Sentada a seu lado/ A mãezinha canta.../«Dói-dói, vai-te embora!/ Deixa o meu filhinho!/ Dorme... dorme... meu...»/ Morta de fadiga/ Ela adormeceu (...)”. Mas logo a Lua a substitui “(...) a minha lei é velar/ velar o sono da noite/ os sonhos iluminar”⁴⁵.

Maria Alberta Menéres leva-nos para o mundo das histórias... “De noite e de dia,/ uma história nasce, uma história conta coisas de encantar. A leitura de uma história ao deitar pode ser muito agradável para os pais e para os filhos. Quando se trabalha e não há muito tempo, este momento quebra a rotina do dia-a-dia e cria um clima de intimidade: aconchega-se a roupa, dá-se um beijinho na face e estão criadas as condições para que a criança sinta a leitura como uma actividade que lhe dá prazer. Sabe-se que o poder de imaginar e inventar (quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto) necessita de alimento para sobreviver, necessita de gestos, “(...) quando a noitinha chega/ com suas doces passadas,/ pedem à mãe que lhes conte/ histórias de Bruxas e Fadas (...)” . José Sousa Braga reforça a ideia da seguinte forma, “Não consegue adormecer/ Se não tiver nada para ler./ Seja uma folha de tília,/ De bambu ou buganvília./ É por isso que o vento/ Arrasta as folhas consigo,/ Até encontrar um abrigo,/ Onde possa adormecer/ arrastou até a folha,/ onde eu estou a escrever!”.

Ouvir e contar contos é uma forma de criar laços, de fazer pontes entre culturas e gerações e um meio para aprender, “É uma história muito bonita,/ Conte! Conte! Conte!/ (...) O meu avó contou-me a mim (...)”⁴⁶. Os avós sabem e encantam, ganham pela sua maturidade e experiência “(...) A avó sabe/ Sabe,/ Sabe/ Que a vida é uma história/ De encanto/ E de desencanto./ A avó sabe,/ Sabe dar/ E sabe amar (...)”⁴⁷.

Neve a tombar, bate à vidraça
Não pode entrar, por mais força que faça
E a pequenada, muito quentinha
Ouve encantada a sua avozinha.

Tradicional

⁴⁴ Luís Infante

⁴⁵ Nuno Hígino

⁴⁶ Afonso Lopes Vieira

⁴⁷ Carolina Lagarto e Maria Monteiro

O avô Inverno chega das montanhas,
com os bolsos repletos de castanhas,
E vai sentar-se ao lume da lareira,
fumando o seu cachimbo de madeira.
E para o imitar,
(vejam o disparate)
o neto põe-se a trincar
um pau de chocolate.

António Manuel Couto Viana

O aumento do número de pessoas com mais de oitenta anos é um fenómeno natural em curso, mais avós e bisavós, a família cresce na vertical e não na horizontal. À semelhança de um eléctrico “...um avô com muita idade./ Arrasta-se tossindo pelos trilhos/ E pára, bufando, a descansar./ (...) Todos dizem/ Que não vai aguentar./ Mas ninguém/ O vê descarrilar”⁴⁸.

Aumenta o número de agregados constituídos só por pessoas idosas, transparecendo a sua solidão num poema de Eugénio de Andrade “Velho, velho, velho./ Chegou o Inverno./ Vem de sobretudo, / vem de cachecol./ (...) Com medo do frio,/ Encosta-se a nós:/ Dá-lhe café quente/ Senão perde a voz./ Velho, velho, velho./ Chegou o Inverno”.

Outros elementos da família são referenciados menos vezes e em alguns casos de uma forma mais indirecta.

Os irmãos conhecemo-los no «álbum de família»: “este é o meu irmão, a brincar de astronauta” e num outro lugar, este é “o meu irmão pequenino e a Joana minha irmã”. É frequente, em idade escolar, a criança ser confrontada com o nascimento de um irmão ou com a chegada de uma cegonha, de Paris: “a mamã foi esperá-la e o papá anda feliz” mas “cá para mim esta cegonha,/ em vez de um maninho novo,/ traz mas é água no bico”⁴⁹.

Estou muito contente
Sabem por que é?
A minha mamã
Teve hoje um bebé
(...)
é bom ter irmãos
já não estou sozinha!

Isabel Lamas

(...) Será menino ou menina?
Para o caso tanto faz.

José Jorge Letria

Papiano Carlos em «A Menina gotinha de água», faz referência às brincadeiras entre os irmãos “vestida de esmeralda e luar,/ num mar sem fim... ora no fundo,/ ora nas vagas coberta de espuma,/ ela brincava/ com suas irmãs.../ e jogava às escondidas/ com as anémonas,/ que são flores de mil cores/ que há

⁴⁸ João Pedro Messedér

⁴⁹ Sem autor

no mar”. António Manuel Couto Viana apresenta a relação entre eles “um chocolate com creme para ti, um chocolate com creme para mim... Não acham isto bonito? Eu cá acho muito bem”. Outros dois meninos, que em tudo são diferentes, mostram a importância da convivência entre irmãos como forma de aprendizagem para a resolução de conflitos e relacionamentos sociais.

Eu conheço dois meninos
Que em tudo são diferentes
Se um diz: “Dói-me o nariz!”,
O outro diz: “Ai, meus dentes!”
 Se um quer brincar em casa,
 O outro foge para o monte;
 E se este a casa regressa,
 Já o outro foi para a fonte.
É difícil conviver
Com tanta contradição
(...)
e quando o sono esvoaça
(...) adormecem lado a lado.

Maria Alberta Meneres

Os tios aparecem duas vezes, algo distantes e ao telefone “Trim! Trim! Trim! .../ Está? Está lá? Estou, sim!/ É o tio Joaquim?/ Como está a tia Anita?/ E a prima Rita?”⁵⁰.

O sentimento de solidariedade familiar está presente num poema de Maria Alberta Menéres “Na toca do velho ouriço/ (...) está uma caminha feita/ (...) se algum dia o velho ouriço/ trouxer o filho e o neto,/ caberemos aqui todos/ debaixo do mesmo tecto!”.

Para terminar a apresentação desta família poética, falta ainda falar de outros possíveis habitantes das casas, os amiguinhos misteriosos das crianças. Os peluches e os bonecos que falam, “O meu urso de corda/ É bonito a valer// Sabe rir, pular e correr”, discutem e partilham segredos. As crianças dirigem-lhes todo o seu afecto e com eles inventam brincadeiras. Estes objectos conferem conforto, segurança e ajudam a superar eventuais situações de ansiedade. Se puder consolidar a confiança em si própria, a criança sentir-se-á suficientemente segura e disponível para enfrentar experiências de independência.

Pato Marreco
Certa manhã
Foi engolido
Pelo pato marreco
O meu boneco
Que dizia
Papá... Mamã...
Que arrelia!
Era tão pequenino
O meu boneco
Que foi engolido
Pelo pato marreco...
E no dia
Seguinte, de manhã,

⁵⁰ Esther de Lemos

O mafarrico
Pato marreco
Mal abria
O bico
Dizia:
Papá... Mamã...
Porque tinha no bucho
O meu boneco.

Sidónio Muralha

• Celebrações e tradições

As celebrações e as tradições veiculam a mensagem «esta é a nossa família» e ajudam na definição e transição das diferentes fases do ciclo de vida.

O dia acorda cedo e com a casa em alvoroço, os avós chegam de longe, com presentes escondidos e com os seus ditos divertidos... “Já as luzes se apagam / na sala toda apinhada/ que quer apagar as velas/ com o sopro da criançada/ desejando felicidades/ àquela que é festejada⁵¹.”

A família encontra-se no festejo dos casamentos, no «casamento do Pargo» e em «ora viva os noivos que se vão casar». Fernanda de Castro apresenta “O Pastor e a Princesa/ São noivos e vão casar/ Numa capelinha linda/ Mesmo à beirinha do mar”. O «Pombo Carteiro» leva “Prendas de amor e casamentos”. Podemos verificar que os poemas encontrados não reflectem a tendência actual para o decréscimo do número de casamentos em benefício de outras formas de conjugalidade. A elevação da idade do casamento, o aumento dos divórcios, a diversificação e difusão de novos tipos de famílias, ainda não está versificada nos manuais escolares.

A tradição que mais se vive na vida da família é o Natal, é um tempo mágico para todos, principalmente para as crianças. A figura do Menino Jesus é a mais referenciada (dezoito vezes). Em muitos lares, na Noite de Natal⁵², celebra-se o seu nascimento, sendo o presépio a representação da família e uma alusão ao religioso cristão (Matos 1993). “Menino dormindo/ Silêncio profundo// (...) de um lado Maria/ do outro José⁵³”.

Natal é tempo de desejos e de escritas “Escrevi/ um cartão de Natal/ (...) Leve e risonho/ do tamanho / do meu sonho,/ e uma palavra só,/ aberta como uma flor/ a responder/ na sua rima certa/ Amor!”⁵⁴.

Pedidos com diferentes remetentes...

⁵¹ José Jorge Letria

⁵² Sophia de M. B. Andresen, a propósito dos Reis Magos e da Noite de Natal diz que “... algumas pessoas podem julgar que é fantasia, mas não é fantasia propriamente, é uma maneira de ver o Mundo, é uma maneira simbólica de dizer a realidade, porque no Mundo todos nós somos pessoas que vão atrás da estrela, quer dizer, que vão atrás do ideal. Às vezes sentem-se sozinhas e perdidas mas, no meio da vida, vão encontrando outras pessoas que também vão à procura da mesma ideia, atrás da mesma estrela que ali simboliza o ideal de que se anda à procura. E por isso a estrela não é uma fantasia – é o símbolo de uma realidade” (Matos 1993: 43).

⁵³ Pedro Homem de Melo

⁵⁴ Maria Alzira Machado

«Carta ao Pai Natal»
 Desejo que a mamã:
 Brinque comigo
 Me fale de quando ela era pequena como eu!
 Me leve um dia com ela para o seu trabalho.
 Me deixe ver televisão sempre que me apeteça.
 Venha comigo ao cinema.
 Me leia todas as noites o livro...
 (...) Desejo que o Papá:
 Me leve um dia com ele para o seu trabalho.
 Me fale de quando ele era pequeno como eu.
 Me conte as mentirinhas que dizia quando era pequeno.
 Passe um dia inteiro só comigo em...

Knister

Na Noite de Natal, o Pai Natal visita a casa dos meninos “(...) há um trenó pelo ar, apressado a viajar.../ visita casa por casa sem ninguém suspeitar/ (...)/ nos quartos há meninos que à meia noite vão acordar.../ para verem no sapatinho o que o Pai Natal lá colocar”⁵⁵. Luísa Ducla Soares queria ter um carro com renas para pousar nos telhados, mesmo ao pé das antenas. Depois descia com o seu saco e “(...) Em cada casa trocava/ um sonho por um presente”. O Natal está a chegar “(...) Já sei o que vou fazer/ Um desenho bem bonito/ E ao papá oferecer.../ Um colar todo em massinhas/ Ficarà bem à mamã.../ Um boneco de plasticina/ Eu darei à minha irmã/ (...) O Natal está a chegar/ vou ter cá um trabalho/ ainda por cima não sei/ o que vou dar ao meu cão!”⁵⁶.

Os presentes são referenciados em sete poemas. Os brinquedos ganham o primeiro lugar merecido mas com uma possível condição “Se queres uma prenda de Natal,/ Criança, faz tu mesma a melhor prenda/ Fazendo só o bem e nunca o mal./ (...)/ Natal é afinal fazer a paz/ Mas é de todos nós que ela se faz!”.

Algo vai mal no Natal, num mundo de guerras e desigualdades, algo vai mal no Natal “(...) se não sabes que outros choram/ enquanto te ris de alegria/ pelos presentes do dia./ (...) se não sabes doutras fomes/ enquanto fazes contente/ comida pra tanta gente./ (...) se não sabes que há o frio/ enquanto a tua lareira/ aquece a casa inteira (...).”⁵⁷.

Jesus tu vais nascer...
 (...) tenho vergonha
 de Te mostrar
 tantos homens a morrer,
 tantos homens a matar!
 (...) vejo ódios a explodir,
 crianças sem ter pão,
 e adultos a mentir,
 (...) vejo pobres a sofrer,
 e, na rua, infelizes drogados,
 (...) mostra-me já a Tua luz
 para que nasça um novo dia!

Franclim Neto

⁵⁵ Rua Sésamo

⁵⁶ Lourdes Custódio

⁵⁷ Conceição Marques

A figura do menino Jesus aparece como salvador, irmão e amigo, como um ser divino, dito por Alberto Caeiro “Deus na terra menino” e por Afonso Lopes Vieira “O nosso Menino/ Nasceu em Belém/ Nasceu tão somente/ Para querer o bem (...)”.

António Torrado respira cheiro a canela, pratinhos de aletria, figos, passas, pinhões e rabanadas, presépios, presentes e laços de fita dourada. A Árvore de Natal ou o Pinheirinho são outros dos eixos fulcrais desta festa:

A Árvore enfeitada.

O natal já vinha perto
E, em casa, que confusão!
Toda a gente atarefada
Com a vassoura na mão.
E as aranhas perseguidas
Fugiam a oito patas.
E iam esconder-se no sótão
Com os ratos e as baratas.
Lá em cima, muito tristes,
Lamentavam o seu mal:
- Ai, se ao menos nos deixassem
ver a árvore de Natal!
Mas, o menino Jesus
Mandou-lhes este recado
Por uma estrela que brilhava
Entre as frestas do telhado:
“Quando a gente desta casa
estiver toda deitada,
aranhas, tendes licença
de ir ver a árvore enfeitada.”
As aranhas, uma a uma,
Saíram lá do seu canto.
E foram ver o pinheiro
Que estava um encanto.
Mas, ao andarem pelos ramos,
As pobres aranhas feias
Deixaram atrás de si
Os fios conzentos das teias!
O Deus Menino, porém,
Estendeu Sua mão bendita,
Transformando em fios de prata
Os sinais dessa visita.
Dizem que foi desde então
Que se tornou habitual
Enfeitar com fios brilhantes
As árvores de natal.

Lúisa Ducla Soares

Em algumas localidades de Portugal, ainda há grupos de pessoas que cantam as Janeiras e os Reis de porta em porta. Algumas das suas quadras foram encontradas em cinco manuais escolares, sendo as mais citadas as do «Cancioneiro Popular Português» “Boas-noites, meus senhores,/ Boas-noites vimos dar;/ Vimos pedir as Janeiras,/ Se nos as quiserem dar”.

Uns meses depois chega a festa da Páscoa muito associada à religião.

(...) Haverá visita mais honrosa e bela?
Famílias ajoelham. A cruz é beijada.

Pratos de arroz-doce, com flores de canela,
Aguardam gulosos na mesa enfeitada.
Santa Aleluia! Oh, festa maior!
Haverá mais bela e honrosa visita?
É tempo de Páscoa! O Minho está em flor!
Em cada alma pura, Jesus ressuscita!

António Manuel Couto

(...) Já lá vem a campainha que anuncia
O cortejo da visita Pascal.
O grupo entra nas casas que
Têm ramos espalhados à porta.
Aleluia! Aleluia! Aleluia! (...)

Orizia Alinho

Anda no ar um aroma a rosmaninho e a alecrim, a folares e a pão-de-ló. Como que timidamente se pergunta “Coelhinho da Páscoa,/ que trazes p’ra mim?/ um ovo, dois ovos,/ três ovos assim!(...)”.

Com a chegada do Verão vêm as férias. Viva o Verão dizem alguns, o tempo está bom, há sol, praia, mar e sal. Viva as viagens, as tendas, as caravanas, as descobertas e a alegria. Nem sempre é fácil decidir onde passar as férias... a Leoa e o Leão querem passar as férias juntos mas..., depois de uma grande discussão, não sabem se vão para Ceilão ou para os pólos! É tempo de comer um geladinho, de festas populares, foguetes e bombos, melão, pimentos e sardinha assada. Vamos para o campo, para o pinhal, há tanta coisa para ver no Verão! Que bom nadar e os pés molhar. Tempo para brincar e viver outras histórias, “Fiz um castelo de areia/ Mesmo à beirinha do mar/ À espera que uma sereia/ Ali quisesse morar.// (...) Ó mar,/ Ó mar.../ Mas uma verde onda/ Que ali me foi visitar// E levou o meu castelo,/ O meu castelo de areia/ para no mar morar nele/ A minha linda sereia”⁵⁸.

2.2 A Criança

Ao longo do ensino básico a criança sente-se dividida entre o desejo de crescer, tornar-se adolescente e adulta e a necessidade infantil da proximidade e da dependência. Como és tu? Pergunta António Manuel Couto Viana, em «Versos de Palmo e Meio», “És pequeno como um gato, uma andorinha ou um rato?... És grande como um elefante, a girafa, o canguru?”.

Mas, então,
Que tamanho tens tu?
Ocupo o mais belo espaço
Que o mundo tem:
Tenho o tamanho do regaço

⁵⁸ Luisa Ducla Soares

Da minha mãe.
A Ana quer
Nunca ter saído
Da barriga da mãe. (...)
o que a Ana mais quer ser
quando for grande e crescer
é ser outra vez pequena:
não ter nada que fazer
senão ser pequena e crescer
e de vez em quando nascer
e voltar a desnascer.

Manuel António Pina

Crescer, crescer... “Os carros, as pedras/ Nunca as vi crescer./ Eu cresço, não paro./ O que hei-de fazer? (...)/ Quem for meu amigo/ De mim não se afaste./ Pois para brincarmos/ Arranjo um guindaste”⁵⁹.
Vejam como cresci... “Desde o ano passado.../ Não estou mesmo mudado?/ Já escrevo no quadro (...)”⁶⁰.
Isabel Lamas faz ainda uma outra descoberta! “Caiu-me hoje um dente/ Tenho este a abanar.../ Mas outros já me nasceram / No mesmo lugar. (...)/ de dia para dia/ estou muito mudado/ já tinham reparado?”⁶¹.

A descoberta do mundo e de si própria é como que a metamorfose de uma lagarta até chegar a borboleta “A lagarta comia,/ comeu,/ comera,/ a polpa doce de uma bela pêra./ (...) Durante o sono mudou forma e cor./ Já não parece bicho mas flor”⁶².

O desenvolvimento do eu, o auto-conceito e a auto-estima, liga-se a aspectos cognitivos, emocionais e sociais da personalidade.

Cavalinho, cavalinho,
Que baloiça e nunca tomba (...)
Já chegaram meus pés ao chão:
Ao montar meu cavalinho
Que triste meu coração!...
Cavalinho, cavalinho,
Passou tempo sem medida:
Tu continuaste baixinho
E eu tornei-me tão crescida.
Cavalinho, cavalinho,
Porque não cresces comigo?
Que tristeza, cavalinho,
Que saudades, meu Amigo!

Matilde Rosa Araújo

As crianças procuram afecto, orientação, laços seguros e duradouros.

O que eu quero ser... e o que eu vou ser?

Eu cá quero ser tudo
Futebolista e arquitecto
Actor de cinema mudo
É preciso é que dê certo
Quero ser grande em altura

⁵⁹ Luísa Ducla Soares

⁶⁰ Fátima Lima

⁶¹ Isabel Lamas

⁶² Alice Gomes

Sem ter projecto nenhum
E quem sabe se hei-de ser
Piloto de Fórmula Um?
Quero ser de tudo um pouco
Pois tenho imaginação
Para acreditar que acordo
Com o mundo na palma da mão.

José Jorge Letria

A menina pequenina quer ser bailarina “(...) Não conhece nem dó nem ré/ mas sabe ficar na ponta do pé (...)”⁶³. Um outro menino quer ser astronauta “(...) E depois manda um postal/ a dizer: «Do espaço, com um abraço, nesta estação orbital»”⁶⁴.

Pelo diálogo procura-se desenvolver autonomia nas decisões. “Sim, não, sim, não,/ Esquerda, direita, no cimo, no chão/ Sim, não, sim, não,/ Grande, pequeno, gigante e anão/ (...) sim, não, sim, não,/ pára o balancé, dá-me a tua mão/ vamos acabar com esta confusão”⁶⁵. O movimento lento destas palavras transmite uma certa cadência de embalo e de crescimento seguro, para outras crianças a sua rapidez poderá causar vertigem e insegurança. As palavras «sim» e «não» coabitam constantemente no poema assim como as contradições da vida (Guedes 2002).

Escolha Difícil
Senhor Gato vai à loja
P’ra comprar uma gravata
Senhor Gato escolhe, escolhe,
Mas não ata nem desata. (...)
- Bom dia, senhor lojista,
Passe o senhor muito bem.
Gravatas para o meu gosto
Já vi que o senhor não tem.
Muito escolhes, pouco acertas
Diz-nos um velho ditado;
Se este gato ler a história
Vai ficar envergonhado!

Soledade Martinho Costa

As pequenas opções do dia-a-dia são afinal as grandes opções da vida. À medida que a criança começa a coordenar o que quer, com o que a sociedade lhe exige, consegue melhor prever como as outras pessoas irão reagir ao que ela faz. A descentração é uma das características mais importantes do pensamento operatório concreto e define-se como a capacidade para ver uma outra perspectiva, incluir no raciocínio mais do que uma dimensão.

Ou isto ou aquilo
Ou se tem chuva e não se tem sol
Ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
Ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,

⁶³ Cecília Meireles

⁶⁴ José Jorge Letria

⁶⁵ Patrícia Joyce

Quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
Estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce
Ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo; ou isto ou aquilo
E vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
Se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
Qual é melhor: se isto ou aquilo.

Cecília Meireles

O desenvolvimento da competência é mediado, ou determinado, pela possibilidade que é dada à criança para se sentir capaz, pelo reforço que lhe é dado, pela admiração que lhe é expressa e pela importância que lhe é dada.

Toda a criança do mundo
Dever ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.
Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar. (...)

Ruth Rocha

Na Convenção dos Direitos das Crianças (1989) reafirmam-se não só os direitos de protecção e provisão que cada criança detém, como se introduz um novo campo, relativo aos seus «direitos de participação», “consagra a sua liberdade de expressão, opinião, pensamento, consciência, vida privada e reunião. A criança torna-se assim no novo universo de valores hegemónico nas sociedades democráticas, um parceiro de igualdade com o adulto, a quem se deve proporcionar (...) realização, autonomia, a descoberta de si e da sua própria identidade” (Almeida 2005: 589). As responsabilidades avizinham-se pelo que por vezes é tão bom não ter juízo, poder fazer tudo ao contrário e dizer disparates:

É tão bom não ter juízo!
Ser um rapaz com juízo?
Ah, isso não é preciso!
É tão bom ser diabrete,
Pintar de verde o tapete.
É tão bom ser um mauzão,
Deitar pimenta no pão.
É tão bom ser um pirata,
Puxar o rabo da gata.
É tão bom ser traquinas,
Despentear as meninas.
É tão bom ser um travesso,
Vestir tudo do avesso.
(...)

Luísa Ducla Soares

Este exemplo e outros dão-nos uma imagem de criança muito diferente da ocorrida nos modelos de criança exemplar transmitida nos manuais escolares do Estado Novo, criança passiva, estática, precocemente adulta, onde se condenava veemente qualquer traquinice, na altura só atribuída a crianças pouco instruídas e mal educadas (Alvares et al 1987).

2.3 A Escola

A socialização escolar é cada vez mais precoce, mais longa e diversificada. A família, considerada a socialização primária, “é mais do que insuficiente para tornar os indivíduos membros da sociedade actual, na complexidade que a caracteriza (...) ao contrário do que já sucedeu noutras épocas da história, as famílias não têm condições para assegurar sozinhas a socialização das crianças, com vista à sua integração como adultos na sociedade” (Pinto 1995: 123).

A escola assume um papel central na vida das crianças, no processo do seu desenvolvimento pessoal, social e emocional. O contacto com os professores e os colegas promove a autoconfiança e a auto-estima, a leitura e a escrita, ampliam a sua autonomia.

(...) Eu agora vou para a escola
E vou tornar-me estudante
Todos em casa me dizem
Como isso é importante.
(...) Quero ir ver museus
e a vida que há lá fora
não se aprende só na escola
durante um dia ou uma hora.
E hei-de continuar
Sempre, sempre a aprender
Porque é destino do homem
Aprender até morrer.
(...)
José Jorge Letria

Este poema escolhido por vários manuais reflecte o que se entende como finalidades e funções da escola. Começar a escola é sempre um momento muito esperado pelas crianças, as novidades e as brincadeiras, a sacola e os livros novos, o final do Verão e a chegada do Outono, as folhas coloridas e o vento “Chega o Outono./ As andorinhas/ Despedem-se das outras avezinhas/ E vão pelos ares fora. (...)// Mas nós crianças/ Nós/ Todas contentes/ Partimos para a escola”⁶⁶.

Havia uma árvore
Com folhas vermelhas, verdes e pretas,
Onde moravam
Vinte e três letras.
Chegou o Outono.

⁶⁶ Alice Gomes

Um dia o Vento ruim
Disse-lhe assim:
-«Senhora Árvore,
vou-a despir e preparar
para dormir um grande sono!»
Começou a bailar, a rodopiar,
Às voltas, às voltas.
E as folhas tolinhas, como borboletas
De medo amarelas,
Deixaram as letras soltas tombar.
Mas uns meninos que iam para a escola
Foram correndo a sacola encher,
E, brincando com elas,
Aprenderam a ler!

Adélia Grande

O encontro com a leitura e com o livro mostra à criança novos mundos e aventuras. O livro é um amigo “(...) Para falar comigo/ Um navio/ Para viajar/ Um jardim/ Para brincar/ Uma escola/ Para levar/ Debaixo do braço./ Livro/ Um abraço/ Para além do tempo/ E do espaço”⁶⁷.

Éva JaniKovszky, escritora húngara e autora da Mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil⁶⁸, em 2001, conta com a sua história o que descobriu nos livros: “Em minha casa toda a gente lia (...) ao observar os seus rostos inclinados sobre um livro, no ver que às vezes sorriam, que outras vezes se punham sérios, e que em certos momentos viravam a página com uma atenção tensa, interrogava-me: Por onde andarão? Se lhes falo, não me ouvem e, quando por fim me prestam atenção, parecem acabados de sair de algum lugar distante. Porque não me levam com eles? Que existe afinal nos livros? (...) mais tarde aprendi a ler. E descobri, enfim, o segredo dos livros. Descobri que neles estava tudo. Não apenas fadas, gnomos, princesas e bruxas malvadas. Também lá estávamos tu e eu com todas as nossas alegrias, as nossas preocupações, os nossos desejos, as nossas tristezas; o bem e o mal, a verdade e a falsidade, a natureza, o universo. Tudo isso cabe nos livros. Abre um livro! Ele partilhará contigo todos os seus segredos” (JaniKovszky 2001: 1).

Ler
É sonhar acordado
É viajar sem sair
Do mesmo lugar...
É ver
É crescer
É amar
E ser amado.
Quem lê
Está sempre
Acompanhado!

Lourdes Custódio

⁶⁷ Luísa Ducla Soares

⁶⁸ Mensagem difundida pela International Board and Books for Young People (IBBY) (Editorial Malassartes, Abril 2001). O Dia Internacional do Livro Infantil comemora-se no dia 2 de Abril .

Não há magia maior
Nem maior feitiçaria
Do que o livro que nos prende
Nos ensina e nos entende
E nos leva docemente
Ao reino da fantasia.

Cada livro é um amigo
Uma boa companhia.
Lá dentro está outro mundo
E o gesto de ir lá ao fundo,
Tão simples mas tão profundo
É um gesto de magia.

Rosa Lobato Faria

A qualidade das primeiras leituras reveste-se de uma importância decisiva, “a criança não habituada à leitura dificilmente será um leitor regular em adulto” e se “a criança não for habituada a ler textos literários, quer dizer, a apreciar prosas e poesias de real nível estético, pouco será de esperar que mais tarde aprecie as obras com dignidade artística” (Mota 2001: 16). Uma leitura de prazer requer uma leitura sem esforço, para tal é necessário umas boas competências de leitura. A qualidade, a quantidade e a diversidade das obras são essenciais para a formação de seres mais exigentes, mais informados e críticos (Sousa 2001).

Agora vou ler
Começar do princípio
As histórias que ouvia.
Agora vou ler
As histórias que ouvia,
Mas que não sabia.
(...) Agora vou ler
e entender
o que vou escrever
e que não sabia.
Agora vou ler
E entender
O que vou dizer:
Amor.
Agora sim,
Agora sei ler.

Maria Isabel César Anjo

Numa nota introdutória de um manual escolar inserido no contexto do Estado Novo faz-se referência a um antigo provérbio que, como todos os provérbios, tem a sua razão de ser e encerra alguma verdade: “«- Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és». Hoje, mercê da grande actividade intelectual e literária que é uma das características do século em que vivemos, um novo provérbio poderia, quase, substituir aquele:«- Dize-me o que lês e dir-te-ei como pensas». Os conhecimentos que adquirimos e as ideias que nós formamos conseguem-se ou no convívio com os homens ou nas páginas dos livros. Devemos, portanto, ser muito cautelosos na escolha da sociedade que havemos de frequentar e dos livros que deveremos ler,

porque, conforme aprendemos, assim seremos (...) devemos fugir dos maus livros como das más companhias, e procurar, e perguntar a pessoa de confiança que nos saiba dizer quais são os livros bons que educam e beneficiam o espírito” (Tomás et al sd: 99).

Logo nas primeiras páginas dos manuais escolares de então se lia uma quadra de João de Deus “Quem teve a grande desgraça/ De não aprender a ler,/ Sabe só o que se passa/ No lugar onde estiver” (Lima e Lima 1964: 12).

A capacidade de ler, é indissociável da capacidade de compreender. Quando se compreende, fica aberto o caminho para atribuir sentidos, para reconhecer significados. Saber ler é uma forma de enriquecimento pessoal e é fundamental que a criança encontre respostas, se interrogue e reflecta (Bettelheim 1984).

A curiosidade, a persistência das questões, “Crescer é poder nunca deixar de perguntar porquê” (Sá 1998: 57), os desafios, levar o adulto a justificar, a argumentar e a explicar, são estratégias que a criança utiliza para compreender o mundo que a rodeia. Ela procura novas informações, procura saber o que não percebe, e por vezes constrói a sua própria teoria, para completar falhas do seu conhecimento, “Professor, diz-me porquê/ Porque voa o papagaio/ Que solto no ar/ Que vejo voar/ Tão alto no vento/ Que o meu pensamento/ Não pode alcançar?/ (...) Tenho nove anos professor/ e há tanto mistério à minha roda / que eu queria desvendar!/ (...) Tanto porquê que eu queria saber!/ E tu não me queres responder!”⁶⁹.

(...) Há tanto que aprender
Há tanto que descobrir...
 Como se faz uma ponte
 Como voa o avião
 Porque é que a lua
 Não cabe na minha mão?
(...) Como é que as palavras saem da boca?
Porque é que as pessoas dão beijos?
Onde estava eu antes de nascer?
 (...) Há tanto que aprender
 há tanto que descobrir...

UNICEF (adaptado)

“O homem sonhou alcançar o cavalo e ultrapassou-o/ Quis voar como os pássaros e subiu mais alto, no céu./ Descobriu o foguetão e atingiu os planetas./ Quis comunicar com todo o Mundo e inventou a Internet.../E agora, o que falta descobrir?”⁷⁰. Uma outra forma de comunicação apresentada por Maria Isabel Mendonça Soares em «O Senhor Fino Delgado»: “(...) Indo outro dia apressado/ À estação dos Correios/ Quis preencher um impresso./ Tinha papel, tinta preta,/ Mas... esqueceu-se da caneta!/ Como há-de ir o telegrama?/ Distraído, estende a mão/ E arranca de repelão/ A pena do chapéu (que drama!)/ Duma distinta dama”, contrasta com o espelho da realidade da criança de hoje:

⁶⁹ Alice Gomes

⁷⁰ Álvaro Faustino

A menina Leonor
Só quer o computador.
O boneco e a boneca
Eram uma grande seca!
(...) já se esqueceu de falar
só sabe comunicar
com os dedos no teclado.
Tem agora um namorado
A menina Leonor
Chamado computador.
É fiel, inteligente,
Não refila, nunca mente.
E quando se farta,
Pimba, basta desligar.

Lúisa Ducla Soares

As crianças em idade escolar adquirem confiança e interagem de um modo mais significativo com os seus amigos, o brincar desenvolve habilidades sociais e a intimidade fortalece relacionamentos. Entra-se no universo “da política do pátio de recreio” (Brazelton e Greenspan 2003: 162).

Numa alegria sem fim
A pequenada contente
Deixa as aulas, de repente
Vem brincar para o jardim.
 Olha a triste viuvinha
 Cabra-cega estou aqui
 Lagarto pintado
 Quem pintou?
 Não me apanhas!

Maria Helena

A Olga tinha uma bola
Uma bola para brincar
Mas era muito invejosa
Não gostava de a emprestar. (...)
 Ó Olga, vamos jogar,
 Brinco eu e brincas tu. (...)
Mas a Olga invejosa
A ninguém queria escutar
Nem ela joga com a bola
Nem deixa os outros jogar.

Isabel Lamas

Alexandre Parafita com a sua «Mala Vazia e Algumas Histórias de Tradição Oral»
faz-nos recuar no tempo e recorda o jogo do pião:

Era uma vez um pião.
Sempre a rolar, a rolar,
Das mãozinhas do João
Para o chão do patamar.
 (...) O pequeno, embaraçado,
 aos tropeções na baraça,

ainda o viu cair
no aqueduto da praça.
E chorou (pobre João!)
Num pranto nobre e profundo
De quem perde um pião
Às voltas do próprio mundo!

Alexandre Parafita

Matilde Rosa Araújo com os seus pinhões mostra o jogo do rapa “Sabes jogar? Rapa tira/
Põe e deixa/ E não deixa/ Quase nada/ São pinhões de pinha mansa/ são pinhões de pinha brava (...)” e Sidónio Muralha transforma um bichinho redondinho num berlinde pequenino:

(...) O bichinho-de-conta
Contou
Que um dia
Se enrolou
E parecia
Um berlinde pequenino
De tal maneira
Que um menino
De brincadeira
Com ele jogou...
 Bichinho-de-conta
 Conta...
E o bichinho-de-conta
Contou.

Sidónio Muralha

• A Amizade

Numa sociedade onde o individualismo e a auto-realização impera, esquece-se muitas vezes de revelar ao mundo gestos simples e importantes carregados de amizade e dedicação.

Ter um amigo
é maravilhoso!
 Ser amigo de alguém
 ainda é melhor.
É como acordar
e sentir o sol a brilhar
 Um amigo é alguém
 com quem se está bem. (...)

Leif Kristiansson

Mas um amigo é muito mais do que isso, é alguém que pensa em ti quando não estás aqui... como a simples história entre uma janela e um barco de António Torrado “(...) Eu sigo, disse o barco./ Eu fico, disse a janela./ E gritou:/ Estás ancorado no meu olhar./ As minhas vidraças embaciadas/ são o teu lugar cativo./ Para onde quer que vás/ Hás-de ficar/ comigo”⁷¹.

Um amigo é sempre alguém que tem sempre tempo para ti quando apareces.

⁷¹ António Torrado

Caracol, caracol,
Põe os pauzinhos ao sol.
Mas o caracol não queria.
(...) Mas sem nunca desistir
(...) Caracol, meu amigo,
Anda! Sai do teu abrigo
Que eu quero conhecer-te.
(...) E o caracol devagar,
Com um sorriso maroto,
Finalmente apareceu.

Lúisa Ducla Soares

A amizade mora em qualquer lugar, é preciso que a queiramos ver e ter. Vejamos pois o exemplo de um outro caracol que assim se queixava...

(...) aqui, na casa fechada:
não cabe cá um amigo
nem a minha namorada.

Não estejas triste por isso,
Meu amigo caracol!
A vida mora cá fora.
Põe os pauzinhos ao sol!

Maria Rosa Colaço

Na natureza a encontramos se despertarmos os sentidos, com dádivas recíprocas, “Jasmim! Jasmim! Jasmim!/ Queres morar no meu jardim? Diz que sim! Diz que sim!/ (...) Tens aromas só para mim?/ Sim!”⁷². Roseana Murray recorre a um simples Beija-flor, “Beija-flor pequenininho,/ é certo que não sou flor,/ mas eu quero um beijinho,/ que hoje estou tão sozinho! (...)”.

Uma história muito antiga que encanta quem a lê, «O cavalo e a estrela», fala-nos da solidão e da magia da amizade, “(...) Era uma vez um pastor/ (...) e naquela solidão/ O pastor assim vivia./ (...) Foi acordado o pastor/ Ladrou o seu cão fiel/ E ali parou o cavalo/ Castanho da cor do mel./ (...) vim anunciar a Primavera/ Adeus pastor meu amigo/ Fica com teu cão, teu gado/ Já podes sair do abrigo/ Eu já te dei o recado./ O pastor tinha uma flauta/ onde seu sonhar dormia/ E tocou-a de madrugada/ Com cristais de neve fria”⁷³.

Um amigo é alguém com quem se partilha sentimentos e segredos. Eugénio de Andrade conversa com um pastor e pergunta onde vai ele tão sozinho? “Vou àquela serra/ buscar uma ovelha./ Porque vais sozinho, pastor, pastorinho?/ Não tenho ninguém/ que me queira bem./ Não tens um amigo?/ Deixa-me ir contigo”⁷⁴.

Por outras paragens o senhor vento andava com a sua força, “(...) foi para o alto do monte/ e encontrou um moinho./ - Senhor vento, que bom!/ Eu estava tão sozinho”⁷⁵. O vento constitui um dos grandes temas da poesia pelas suas características, “ora presente aqui ora partindo já para outro lugar” (Hughes 2002: 40). “O vento/ (...) não pára um só momento,/ vive soprando tudo:/ Zizz...

⁷² Rosa Lobato Faria

⁷³ Matilde Rosa Araújo

⁷⁴ Eugénio de Andrade

⁷⁵ Maria Alberta Meneres

zizz... zizz.../ Mas o menino Vento/ é muito meu amigo./ Logo de manhã cedo, /(...) chega à minha janela/ (...) e diz-me de mansinho:/ - Acorda, meu dorminhoco!...”⁷⁶. Podemos também imaginar o canto de uma rola que regressa e reencontra todos os seus amigos “O canto da rola./ Rola com saudade tanta.../ (...) O canto da rola geme.../ Parece o vento passando”⁷⁷. Nunca se está realmente só quando se tem um amigo. “(...) Marquei encontro/ com o sol/ esta manhã/ (...) Não vou faltar ao encontro/ Até amanhã”⁷⁸.

Segundo Newcamb e Bagwell (1995) a amizade forma-se pelas muitas experiências positivas que duas crianças têm uma com a outra (Papalia e Olds 2000). “Sei muito bem quanto vale/ ter um amigo sempre à mão./ Não há melhor companheiro/ para vencer a solidão!”⁷⁹. Para Alexandre O’Neill «Amigo» é um sorriso, descoberto de uma outra forma por Rosa Lobato Faria:

O sorriso é uma chave
Que abre portas e janelas.
Entre muitas coisas mágicas
O sorriso é uma delas.

O sorriso é simpatia
Também pode ser amor.
O sorriso tem magia
Tem ternura e tem calor.

O sorriso dá carinho
O sorriso faz amigos.
Constrói tu, no teu caminho
Uma ponte de sorrisos.

Rosa Lobato Faria

Miguel Torga sabe de um ninho, e o ninho tem um ovo... “Quero ser um bom menino/ E guardar/ Este segredo comigo./ E ter depois um amigo/ Que faça o pino/ A voar (...)”⁸⁰. Outros poemas mais fugazes fazem referência aqui e ali aos amigos e à amizade.

(...) Eco, vem passear comigo!
Mas não sabe se o eco é amigo
Ou inimigo.
Pois só lhe ouve dizer:
«Migo»

Cecília Meireles

As amizades ajudam as crianças a sentirem-se bem em relação a si mesmas, a tornarem-se mais sensíveis, mais leais e fiéis, mais capazes de respeitar e serem respeitadas. Os amigos discordam e competem muitas vezes, pelo que aqui a amizade também cumpre a importante função de aprender a lidar e a resolver conflitos.

⁷⁶ Narbal e Ofélia Fontes

⁷⁷ Afonso Lopes Vieira

⁷⁸ Luísa Ducla Soares

⁷⁹ Os autores

⁸⁰ Miguel Torga

Testar a amizade
Desfolhar um malmequer
Calhou muito, pouco ou nada?
(...) Se não dizer muito
Eu fico zangada.
Eu gosto de ti
Do Sol e do Mar
E de todos os meninos
Malmequer,
Bem-me-quer,
Muito
Pouco
Nada.

Raquel Delgado

A amizade guarda tesouros preciosos “(...) Peguei num búzio das águas,/ pousado ali na areia./ Ele guardava a canção/ secreta duma sereia (...)”⁸¹e segredos “Andorinha no fio/ escutou um segredo./ Foi à torre da igreja/ cochichou com o sino.// E o sino bem alto:/ delém-dem/ delém-dem/ delém-dem/(...) Toda a cidade/ ficu sabendo!”⁸². Um segredo é para ser guardado e adivinhado “Nós temos um segredo todos três/ (...) Mas já falei de mais. Que tagarela!/ Guardo o resto que sei só para mim./ O segredo hão-de vê-lo da janela/ em qualquer dia destes (...)” .

2.4 A Sociedade

A socialização da criança passa pela sua integração e participação nos valores comuns a uma sociedade. Os poemas são por si uma expressão de arte onde o poeta, sob o impulso de uma necessidade interior, os orienta segundo padrões da sua época, dirigindo-os para certos temas e agindo deste modo sobre o meio. Os valores e as ideologias veiculados pelos poemas encontrados nos manuais reflectem alguns dos problemas da sociedade actual e inserem-se num novo contexto de Cidadania e Direitos Fundamentais do Homem.

2.4.1 Educação para a Cidadania

A partir da idade escolar, o sentido de justiça e igualdade adquire uma grande importância e baseia-se numa leitura muito concreta e positivista da realidade, a criança tem a capacidade de perceber a perspectiva dos outros e imaginar como os outros a vêem a si própria e a si mesmos. Por isso, a educação para a cidadania assume uma especial importância na promoção de um mundo melhor, que passa pela liberdade, pela paz, pelo amor, pela igualdade, pela diversidade e pela qualidade do ambiente. No pós 25 de Abril estes temas começam a surgir com mais frequência nos manuais escolares, com vozes de poetas que

⁸¹ Luisa Ducla Soares

⁸² Henriqueta Lisboa

nasceram e cresceram nas décadas pertencentes ao Estado Novo e que se impõem a outras vozes mais recentes. Alguns dos poemas já se encontravam nos manuais escolares, da década de setenta e acompanharam sucessivas gerações de crianças portuguesas.

- **Liberdade**

Ser-se livre é ser-se capaz de analisar criticamente uma situação e de tomar decisões (Piletti 1988). O menino com um papagaio de papel, a menina e o passarinho amarelo, o Jacinto que apanhou um grilo, são exemplos dessas escolhas, exemplos de alegria e de respeito para com os outros:

O menino tinha lançado a estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão.
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Preso pelo cordel à sua mão.
Mas tão alto subiu
Que deixou de ser estrela de papel.
E o menino ao vê-la assim, sorriu
E cortou-lhe o cordel.

Miguel Torga

Era uma vez
Um passarinho amarelo
Que vivia numa gaiola.
E era tão triste,
Como só um passarinho preso
O pode ser
A dona do passarinho amarelo
Era uma menina de bibe
Amarelo
E era tão contente, tão contente,
Como só uma menina
O pode ser. (...)
um dia, a menina do bibe
amarelo
abriu a porta da gaiola
e o passarinho voou, voou
e nunca mais voltou.
Mas a menina não ficou triste
Porque
O passarinho amarelo
Estava contente.

Raquel Delgado

Jacinto apanhou um grilo
Meteu-o numa gaiola
Deu-lhe uma folha de alface
E ficou à espera
Que o grilo cantasse.
Mas o grilo não cantava! (...)
e o Jacinto sem saber
o que havia de fazer
abriu a gaiola

e pôs o grilo cá fora.
E o grilo contente
Ao chegar ao quintal
Desapareceu na relva
E começou a cantar
(...) o Jacinto encantado
pegou na gaiola
e atirou-a fora.

Eduardo Valente da Fonseca

Basta imaginar, ser livre é voar... e cantar... “Basta imaginar,/ Um pássaro para o aprisionar,/ E depois imaginar o ar para o libertar/ E imaginar asas para ele voar/ E imaginar uma canção para ele cantar”⁸³.

Para se ser livre não é necessário tudo ter, e quem melhor do que um felizardo cão para o dizer! “(...) Tenho dono, tenho carro,/ Como bifés à vontade./ Mas sonho com o perfume,/ Do vento, da liberdade (...)”⁸⁴.

Luana Lima, com 10 anos de idade, recorre a um exemplo mais concreto para da Liberdade falar, o dia 25 de Abril de 1974:

É um dia de alegria.
Deita-se abaixo a ditadura
E levanta-se a Democracia.
«Grândola, Vila Morena»
É o nome da canção
Que foi a senha na rádio
Para iniciar a Revolução
Depois de tão longa noite
Vai romper a madrugada
E o cravo a florir
No cano da espingarda.
Toda a gente sai à rua
Para ver e festejar
As nossas Forças Armadas
Que a Pátria vão libertar.
O Povo de Portugal
Grita por toda a cidade
Viva o 25 de Abril!
Viva a Paz e a Liberdade!

• Paz e Amor

Paz! Palavra pequenina que tanto nos diz. Pode ser o estado de um país que não está em guerra, pode ser repouso, silêncio, tranquilidade da alma, sossego, união e concórdia. Um sonho onde “ Tudo era azul,/ tudo era paz./ Não havia guerra/ como cá na Terra./ Só havia música,/ Música e guizos,/ música de risos/ E a Guida dormia,/ dormia e sorria/ e era feliz... ”⁸⁵.

Sidónio Muralha define-a como uma pomba que voa, e mais, muito mais...

⁸³ Manuel António Pina

⁸⁴ Luísa Ducla Soares

⁸⁵ Emília Quitéria

A Paz é o livro
Que ensina.
É uma vela
Em alto mar.

E é o cabelo
Da menina
Que o vento
Conseguiu soltar.
E é o trabalho,
O pão, a mesa,
A seara de trigo,
Ou de milho, e perto
Da lâmpada acesa
A mãe que embala
O seu filho.

Sidónio Muralha

Para a encontrarmos e fazê-la perdurar é muitas vezes necessária a força de todos e com ela destruir uma outra palavra, dita com outras letras, letras de guerra...

(...) se todos os homens de paz
se fossem juntar
mas que exército
iriam formar.

E sobre a terra
E por sobre o mar
Então é que as guerras
Iam acabar.

Lúsa Ducla Soares

Com um capacete de guerra Sidónio Muralha escreve um poema de talento e sensibilidade transmitindo de uma maneira singular a descoberta do amor, estimulando na criança o seu pensamento reflexivo.

Um capacete de guerra
Tem um ar carrancudo.
Muito mais bela é uma flor.
Uma flor
Tem tudo
Para falar de paz
E de amor.
Mas se virarmos
O capacete de guerra
Ele será vaso
E é bem capaz
De ter uma flor
Num pouco de terra
E falar de amor
E de paz.

Sidónio Muralha

«É urgente o amor», testemunha magistralmente o valor humano e humanizante da poesia de Eugénio de Andrade.

É urgente o amor
É urgente um barco no mar.
 É urgente destruir certas palavras:
 Ódio, solidão e crueldade,
 Alguns lamentos,
 Muitas espadas.
É urgente inventar a alegria,
Multiplicar os beijos, as searas,
É urgente descobrir rosas e rios
E manhãs claras.
 É urgente o amor!

Eugénio de Andrade

Continuando a explorar a obra de Papiano Carlos, e acompanhando o percurso da gotinha de água, encontramos de novo a sua ternura e o fluir de novas sensações: “(...) Uma tarde,/ A menina/ Gotinha de Água/ Estremeceu/ De amor./ Uma gaivota/ Roçou-lhe/ De leve/ Com a sua asa (...)”. As letras do alfabeto brincam numa alegre aventura, “Lês e escreves com elas/ muitas mensagens belas (...) Ordenas palavras de ouro:/ Paz, Amor, Fraternidade! (...)”⁸⁶e com muita magia escreves Hinos a todas as crianças e constróis novos sonhos e mundos:

Nós, os meninos,
Chegamos à altura
De exigir um mundo
De paz e ternura.
 Um mundo sem grades,
 Nem guerras, nem muros,
 De portas abertas
 E tectos seguros. (...)

Maria Natália Miranda

E que bom que seria poder ouvir na televisão:

«Boa noite, senhores telespectadores,
tenho o prazer de informar
que estamos num mundo novo
de beleza sem igual.
Com lindas árvores e flores que crescem por toda a parte.
Nos rios a água é cristalina.
Os animais vivem em liberdade
E as pessoas são felizes.
A Paz, a Harmonia e o Amor reinam entre todos:
É um mundo maravilhoso!»

Marina Pacheco

● Igualdade e Diversidade

(...) Neste mundo de criança
Juntos devemos brincar
P’ra quando formos crescidos
Nos sabermos ajudar.
O meu vizinho é diferente
Também eu sou a cantar

⁸⁶ Fátima Lima

Nesta roda de meninos
Todos sabemos tocar.

Armindo Gregório

Aprender a conviver com a diferença e aceitar a diversidade é um desafio actual e importante para a sociedade e para as pessoas. Procura-se pela poesia estimular a inter/multiculturalidade e a tolerância:

Já dei a volta ao mundo,
Andei de Norte para Sul,
corri as terras e os mares
Do nosso planeta azul.
 Voei para a China
 E só parei em Macau
 Com meninos amarelos
 Fui comer arroz chau-chau. (...)
Rumei mais para oriente
E fui parar a Timor
Lá, com meninos castanhos
Dancei ao som de um tambor. (...)
 Meti-me num avião
 E aterrei em Angola.
 Com meninos pretos, pretos,
 Muito joguei à bola. (...)
Segui então para Oeste,
Vi o Brasil tropical,
Com uns meninos vermelhos,
Fiz de índio no Carnaval. (...)
 De cores tão diferentes,
 Nós somos todos iguais:
 Formamos um arco-íris,
 Ninguém nos separa mais.

Luísa Ducla Soares

Igualdade e desigualdade resultam de relações de poder entre diferentes características culturais, étnicas, sócio-económicas e religiosas.

Na obra de Luísa Ducla Soares, encontra-se um texto «padrão», manifestamente anti-racista, «os meninos de todas as cores» (1976), onde se olha a diferença elogiando-a. Conta-nos a história de um menino branco, o Miguel, que viaja e... enquanto, na sua escola, os meninos brancos pintam nas folhas brancas desenhos de meninos brancos, o Miguel faz grandes rodas com meninos sorridentes de todas as cores: “(...) É bom ser branco como o açúcar/ Amarelo como o Sol/ Preto como as estradas/ Vermelho como as fogueiras/ Castanho da cor do chocolate”⁸⁷.

Falar de igualdade é falar contra discriminações de género, de nascimento, classe, cultura e/ou cor.

Quando for crescida
Hei-de inventar
Um perfume de encantar.

⁸⁷ Luísa Ducla Soares

Quem o cheirar há-de ficar
Com a cor da pele
Que mais gostar. (...)
E assim
Há-de chegar
O dia de acreditar
Que o valor
De alguém
Não se pode avaliar
Pela cor
Que tem.
E então
Tudo estará bem.

Maria Cândida Soares

Em «Uma luz um sol...» cumprimentam-se crianças: o Pedro, O Sebastião, a Maria, a Clara, O Francisco, o Giovanni, a Zanira e o Rahim... “Olá, é um prazer estar aqui, conhecer-te/ Eu sou quem sou, tu és assim/ Anda cá ao pé de mim (...)”, e questiona-se: - Na tua escola há meninos de outros países? Com Boaventura de Sousa Santos percebemos também que “Temos o direito de ser iguais, quando a diferença nos inferioriza, e de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (Santos 2005: 52), como nos mostra o seguinte poema:

Maria-dos-olhos-grandes
Via o mundo pequenino.
O Zé Pimpão, mais sisudo
Mostrou então à Maria
Que num dos lados do mundo
Havia prédios bem altos
E mais jardins floridos
Muita luz e muitas cores.
Zé Pimpão levou Maria
Do lado de cá do mundo.
Com os olhos tristes, tristes
Zé Pimpão levou Maria
Do lado de lá do mundo
Do lado que não se vê
Onde há barracas escuras
Feitas nem se sabe de quê
E onde os brinquedos são pedras
E a lama são os jardins.
E quando voltaram à noite
Com os olhos de ver o mundo
Maria disse ao Zé Pimpão:
Vamos fazer um só mundo
Mas todos terão igual.

Camilo Jorge Glória

O valor da diferença assume uma extraordinária beleza num poema de António Gedeão:

Não há, não,
Duas folhas iguais em toda a criação.
Ou nervura a menos, ou célula a mais,
Não há, de certeza, duas folhas iguais.
Limbo todas têm,

Que é próprio das folhas;
Pecíolo algumas;
Bainha nem todas,
Umas são fendidas;
Crenadas, lobadas,
Inteiras, partidas,
Singelas, dobradas.
Outras acerosas,
Redondas, agudas,
Macias, viscosas,
Fibrosas, carnudas.
 Nas formas presentes,
 Nos actos distantes,
 Mesmo semelhantes
 São sempre diferentes.
Umas vão e caem no charco cinzento,
E lançam apelos nas ondas que fazem;
Outras vão e jazem
Sem mais movimento.
Mas outras não jazem,
Nem caem nem gritam,
Apenas volitam
Nas dobras do vento.
É dessas que eu sou.

António Gedeão

• A Educação para a Saúde e a Educação Cívica

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a saúde visa o bem-estar físico, psicológico e social. A escola deve por isso promover a saúde como um valor e assim contribuir para uma comunidade saudável implicando e responsabilizando todos.

Nesta fase do desenvolvimento a criança necessita de regras de comportamento e de compreendê-las, “Menina bonita/ Não sobe à janela/ Pode vir um vendaval/ E fugir com ela. (...)/ não sobe à chaminé/ pode escorregar/ e partir um pé (...)”⁸⁸. Em termos de causalidade a criança afasta-se das explicações mágicas e procura explicações concretas podendo, ainda que com dificuldade, perceber a possibilidade da existência de mais do que uma causa concomitante para um só fenómeno ou situação.

Conhece o seu corpo e valoriza-o “(...) Ouço o rádio a tocar/ A chuva... o vento... trovão/ Fala baixo... não me estragues/ O sentido da audição”⁸⁹. É importante promover o valor da saúde, do bem-estar, e reconhecer a importância da higiene: todos devem conhecer a água que vão beber, cuidar bem dos dentes e as mãozinhas lavar: “Eu lavo-me com água e sabão/ para ser limpo/ e bonito”. Compreende o aparecimento da doença através de uma «contaminação» - do bichinho que passa de pessoa para pessoa. Há a noção da existência de alguns órgãos sendo ainda pouco o

⁸⁸ António Mota

⁸⁹ Maria Helena Amaro

conhecimento do seu funcionamento. A doença já não é só um sinal externo, começa a ter um certo sentido de interiorização.

Caracol, caracol,
Onde vais com tanto sol?
Vou à loja do senhor Adão
Comprar um girassol;
Com tanto sol
Ninguém aguenta o Verão.
Adeus, adeus, caracol,
Tens razão,
Sem guarda-sol
Ninguém aguenta este sol.

Eugénio de Andrade

“Havia um menino/ Que tinha um chapéu/ P’ra pôr na cabeça/ Por causa do Sol:/ Em vez de um gatinho/ Tinha um caracol/ (...) Mas, era afinal,/ Impossível tal./ Não fazia mal/ nem vê-lo, nem tê-lo/ Porque o caracol/ Era de cabelo!”⁹⁰.

Eugénio de Andrade com um bonito poema surpreende-nos e induz à prática de uma alimentação saudável:

Pêssegos, peras, laranjas
Morangos, cerejas, figos
Maças, melão, melancia
Ó música dos meus sentidos
Pura delícia da língua.
Deixai-me agora falar
Do fruto que me fascina
Pelo sabor, pela cor
Pelo aroma das sílabas
Tangerina, tangerina.

Numa sociedade em que desequilíbrios graves na alimentação se traduzem em problemas, cada vez mais precoces, de saúde nas crianças, este tema reveste-se de especial importância, “A salada de fruta/ Acabadinha de fazer/ Depressa, depressa/ Vai desaparecer”⁹¹. Cabe à escola aconselhar e sugerir, dar pistas e alternativas para uma vida mais feliz:

(...) Álcool e gorduras
açúcar e sal
não me dêem disso
porque me faz mal.
Fumo? Nem pensar
pois fico doente.
Vegetais e fruta
Quero sempre, sempre.
A droga é um flagelo
Que me faz sofrer
Tenham dó de mim
Não queiram morrer!
(...) Se seguires os meus conselhos
Terás saúde a valer.

Isabel Lamas

⁹⁰ Fernando Pessoa

⁹¹ Lourdes Custódio

A necessidade de segurança está implícita no valor da prevenção, reconhece os perigos que nos rodeiam e promove a confiança e a prudência.

A zebra fugiu do zoo.
Zebra, onde estás tu?
Cem polícias a correr,
Não chegam para a prender.
Cem bombeiros a apitar,
Não a conseguem caçar.
Volta, volta para o zoo!
Zebra, onde estás tu?
Branca e preta, bem esticada,
Ela dorme, descansada,
Numa rua de Lisboa.
«Esta zebra é mesmo boa!
Podemos atravessar!»
Dizem a rir os meninos.
E com seus pés pequeninos
Passam com muito cuidado
Para a zebra não acordar.

Lúisa Ducla Soares

O cinto de segurança vamos todos apertar, há regras e sinais que é preciso respeitar:

Eu tenho um galo vermelho (...)
um dia bateu a asa.
E zás! Fugiu-me de casa
Atravessou a calçada
Passeou por todo o lado
Mas por não ligar a nada
Ia sendo atropelado
E fez tamanho alarido
Com as asas a bater
Que o polícia sinaleiro
Julgou que ele ia morrer (...)

Joaquim Pessoa

Numa simples sessão de cinema e num autocarro alerta-se para a necessidade do respeito para com os Outros: “(...) Se leares o telemóvel/ Não te esqueças de o desligar/ Pois ninguém é obrigado/ A tê-lo no escuro a tocar (...)”⁹²

(...) a grávida está de pé
ou o senhor deficiente
precisam que te levantes
para que um deles se sente. (...)
se assim fores procedendo,
tendo sempre o outro em vista,
hás-de ver que bem que sabe
não querer ser egoísta.

José Jorge Letria

⁹² José Jorge Letria

(...) Ó senhor condutor
Por favor
Tire o pé
Do acelerador
Não faz mal
Se se atrasar
O que importa é chegar
E dizer à minha mãe
Que o senhor
Sabe guiar
E conduziu muito bem.

Lourdes Custódio

Relativamente ao poema anterior, escreve-se aqui uma versão cantada, pertencente a outros tempos de escola primária, e que em nada contribuía para a segurança: Ó senhor condutor / Por favor/ Ponha o pé / No acelerador/ Se chocar/ Não faz mal/ Vai a malta / Para o hospital! Também no passeio escolar com António Mota tudo aconteceu: “Era um gordo motorista/ que guiava a camioneta./ E a gente só gritava:/ - Mais depressa! Mais depressa”.

Passados estes maus exemplos, a história do gato malhado que é perito em boas regras de convivência, tem algo para nos dizer:

Eu tinha um gato malhado
Que era muito malcriado.
Se lhe dizia “bom dia”
Ele nem respondia.
Se o mandava caçar,
Deitava-se a ressonar.
Se o mandava à escola
Ele ia jogar à bola. (...)
Deitei-o pela janela!
 Entrou-me o gato por ela
 Mais uma gata amarela
 E os doze filhos dela. (...)
Para ficar sossegado
Fui viver para o telhado!

Lúisa Ducla Soares

Nos poemas de Rosa Lobato Faria, «Se faz favor» e «Obrigado», são palavras mágicas gentis e bem-educadas que “(...) cai bem a toda a gente: / Obrigado e obrigada. (...)// emprega-as todos os dias/ com todos, e tu vais ver/ como há montes de magia/ na arte de agradecer”.

- **Ambiente**

O valor do ambiente e da ecologia passou a ser visto não apenas como científico⁹³

⁹³ Como acontecia em manuais escolares mais antigos “A obra ficaria incompleta se não fôssemos mais além: (...)Havemos de reconhecer também poesia na maior parte dos trechos sobre as plantas e animais, eminentemente próprios para desenvolver o espírito observador das crianças” (Lima e Lima 1964: 8-9).

mas também como social e político. A qualidade de vida passou a valer mais do que a quantidade de produção (Santos 2005). A relação de harmonia entre as pessoas e o seu meio ambiente começa na comunidade local pelo que podemos encontrar reflexos desta preocupação nos manuais escolares. Apela ao reconhecimento da importância do meio ambiente para a vida humana, à responsabilidade e à curiosidade. Sugere-se a participação da criança em clubes de ambiente e em actividades na Natureza.

Já observaste uma flor?
Já reparaste bem?
uma flor é um ser da natureza.
Ela tem cores,
Tem odores,
Tem vida
Dá vida
Serve a vida.
 Já reparaste num animal?
 É outro ser da natureza.
 Ele voa, ou corre ou nada.
 Tem filhos,
 Tem vida
 Vida própria
 Que é a dele.
E o Sol e o mar,
E os rios e os montes
(...)
E o homem?
É também um ser da Natureza
Ele ama
Ele sofre
Ele constrói
Ele destrói
 Todos juntos fazem o Nosso Mundo

Júlio Roberto

O encontro com os poemas que nos falam da Natureza, transportam-nos para um mundo repleto de boas sensações.

Sorridente, ao nascer do dia,
Ele sai de casa com a sua rede.
Vai caçar borboletas, mas fica preso
À frescura do rio que lhe mata a sede
Ou ao encanto das flores do prado.
Vê tanta beleza à sua volta
Que esquece a rede em qualquer lado
E antes de caçar já foi caçado.
 À noite, regressa a casa cansado
 E estranhamente feliz
 Porque a sua caixa está vazia,
 Mas diz sempre, suspirando:
 Que grande caçada e que belo dia!
Antes de entrar, limpa as botas
Num tapete de compridos pêlos
E sacode, distraído,
As muitas borboletas de mil cores
Que lhe pousaram no ombro, nos cabelos.

Álvaro Magalhães

No dia da árvore, cada menino escreveu uma frase sobre uma Amoreira muito antiga que estava no largo da escola. Luísa Ducla Soares e a Joana, uma das alunas envolvidas, copiaram-nas para o quadro, com pontos e vírgulas a ligá-las:

A árvore é a cidade dos ninhos,
É um chapéu-de-sol que canta.
A árvore dança com o vento,
Chora com a chuva,
Dá fruta para o doce da minha avó
A árvore é uma estátua verde,
Com um coração no tronco.
A árvore é um génio,
Inventa o oxigénio
As suas folhas parecem mãos a dizer adeus
Que seria dos bichos-da-seda sem a árvore?
A árvore está sempre lai, à nossa espera
A árvore é a vida.

Luísa Ducla Soares

E assim fizeram um poema... e os meninos ficaram, de repente muito silenciosos, porque não sabiam que eram poetas. Com a mesma autora, no mesmo dia, plantaram árvores e muitas outras coisas:

Plantar uma floresta
Quem planta uma floresta
Planta uma festa.
 Planta a música e os ninhos,
 Faz saltar os coelhinhos.
Planta o perfume
Das seivas e flores,
Solta borboletas de todas as cores.
 Planta abelhas, planta pinhões
 E os piqueniques das excursões.
Planta a cama mais a mesa.
Planta o calor da lareira acesa.
Planta a folha de papel
E girafa do carrossel.
 Planta barcos para navegar,
 E a floresta flutua no mar.
 Planta carroças para rodar
 Muito, a floresta vai transportar.
 Planta bancos da avenida,
 Descansa a floresta de tanta corrida.
Planta um pião
Na mão de uma criança:
A floresta ri, rodopia e avança.

Luísa Ducla Soares

Se amigo da Natureza tu queres ser
Planta uma árvore
E ajuda-a a crescer.
Cuida dela
E não a deixes morrer.
(...)

Gaspar Cruz

Mas também “Cortaram uma árvore/ E a terra chorou/ Cortaram outra árvore/ E a terra chorou (...) Quem pode enxugar as lágrimas/ Da terra cansada?/ Nem as mãos de uma criança”. Tantas vezes o Homem “(...) precisa de matar árvores/ para fazer casas,/ para fazer mesas,/ para fazer bancos,/ para fazer lápis. (...)// Um livro nasce de uma árvore, / Uma árvore que teve folhas, / Flores, pássaros, frutos,/ Uma árvore que viveu,/ Riu,/ Chorou!”⁹⁴.

Com este e outros poemas podemos sensibilizar a criança para a protecção e preservação da natureza, reflectir sobre o valor da vida e da liberdade.

Passarinho, passarinho,
Onde está o teu ninho?
Deitaram fogo à floresta, do meu ninho nada resta.
Peixe de prata do rio,
Fugiste daqui com frio?
O cano de esgoto mais a lixeira
Matam os peixes à tua beira.
Por que te escondes, ó Sol,
Nessa nuvem, sabes o que é?
É muito fumo da chaminé.
Menina de mini-saia,
Por que não vais para a praia?
Bóia no mar alcatrão,
E há tantos papéis no chão...

Luísa Ducla Soares

Atitudes que passam pelo facto de não termos uma cultura de espaço público, reflectida na forma como cuidamos dos nossos jardins, das nossas ruas, do espaço que não é imediatamente nosso, dos equipamentos colectivos e até mesmo pela falta deles. Pequenos gestos que se repetem... como levar o cão a passear, “mesmo que não apeteça/ leva uma pá, um plástico/ pois o passeio é para a gente passear/ e já que falamos de cão/ é dever do seu dono,/ opor-se ao seu abandono”⁹⁵.

Pois, pois
Caracóis
E pardais
(...)
pois, pois
cordéis
e papéis
cada vez há mais,
cada vez há mais.

António Torrado e Maria Alberta Meneres e Outros

Inserido na obra «Animais nossos amigos», um poema de Afonso Lopes Vieira faz a introdução ao tema animais em vias de extinção, o burro, e é ele o ponto de partida para que se realize uma lista de outros animais na mesma situação: “Cuidadosos/ os burrinhos/ vão andando/

⁹⁴ Matilde Rosa Araújo

⁹⁵ José Jorge Letria

pelos caminhos.// Levam sacos,/ levam lenha.../ Pesa a carga/ e é tamanha!// (...) E o seu dono,/ quando é mau,/ dá-lhe, dá-lhe/ com um pau!// E ele, o burro,/ sofre então.../ Tem nos olhos/ o perdão!”.

Hoje, cada vez mais cidadãos reivindicam o direito a um ambiente são e o entendem, não como um luxo secundário, mas como um direito legítimo da vida em sociedade. O valor da água, um bem precioso e cada vez mais escasso, em quantidade e em qualidade, é acarinhado por José Jorge Letria:

A amiga água
É um rio
A deslizar
Devagarinho
Até ao mar,
Sem nunca
Se cansar. (...)
não gosta
de ser esbanjada,
pois sabe
que é um tesouro,
que o tempo
irá tornar
valioso como o ouro.

José Jorge Letria

Papiano Carlos em «O grande continente azul», valoriza a água do mar “Eu sou a água do mar, a água de todos os mares... a minha riqueza é de todos, mas é preciso que saiba, merecê-la, aumentá-la, amá-la”⁹⁶.

O ambiente está doente... “Tenho estado a pensar e sabem o que vamos fazer? Vamos todos protestar que é o nosso dever!”⁹⁷. Todo o cidadão tem uma responsabilidade ética para com a natureza e as gerações futuras: “Temos de deixar de poluir,/ Não deitar lixo p’ró chão,/ Não deitar lixo no mar./ Vamos preservar a Natureza,/ Aprender a reciclar,/ Preparar o amanhã (...)”⁹⁸.

A partir dos anos 70 a opinião pública despertou para as consequências de uma rápida expansão económica e demográfica, e para a necessidade de uma nova concepção de desenvolvimento baseado na sustentabilidade e no respeito pelo ambiente (Santos 2005).

A médio e longo prazo, a chave central para um futuro sustentável passa pelo entendimento da educação ambiental como sendo um elemento decisivo de competência cívica: “nos dias que correm, não se pode ser cidadão sem algumas competências ambientais mínimas. Trata-se de uma outra e nova forma de alfabetização” (Soromenho-Marques 1998: 104), competências que hoje se deveriam afirmar e desenvolver nas escolas, no trabalho, em casa, e que são tão fundamentais como o foram e sempre serão o ler, o escrever e o contar.

⁹⁶ José Jorge Letria

⁹⁷ Maria Isabel de Mendonça Soares

⁹⁸ Luís Matos

A natureza é uma maravilha.
Tudo suave, simples, perfeito. (...)
mas um dia o homem chega
e fala de progresso.
E sem se preocupar com os outros homens
Ou com a natureza em redor
Constrói fábricas dentro de povoações
E à beira dos rios e do mar.
E então o ar que é de todos
Enche-se de fumos e torna-se irrespirável. (...)
aparecem os ruídos, os maus cheiros,
as poeiras, o movimento...
e aos poucos a natureza fica triste,
adoece e vai morrendo.

Maria Natália Miranda

Responsabilidade, respeito e humildade, são palavras que importa consciencializar.

2.4.2 Identidades

A identidade implica a consciência de um quadro de valores, maneiras particulares de ser, ao nível de grupos familiares, étnicos ou nacionais.

A identidade nacional é o processo pelo qual um grupo social, com laços de consanguinidade, cidadania e solidariedade, partilha interesses e projectos comuns. A valorização de uma identidade cultural passa pelo conhecimento dos alicerces da história, pelo sentido de pertença a uma terra e a um povo “Um dia corri o mundo,/ Aqui voltei à tardinha./ Ó Portugal, doce pátria,/ Não há terra igual à minha”⁹⁹.

- **Identidade histórica e cultural**

É objectivo do 1º ciclo do ensino básico levar a criança a localizar acontecimentos da sua história local e nacional.

Luís de Camões, considerado o maior poeta português, retrata nos «Lusíadas» a epopeia dos descobrimentos portugueses:

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

⁹⁹ António Correia de Oliveira

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando
- Cantando espalharei por toda a parte,
se a tanto me ajudar o engenho e a arte.

Luís de Camões

Assim se foram abrindo mares “(...) que geração alguma não abriu.../ As nove ilhas vendo e novos ares/ que o generoso Henrique descobriu”¹⁰⁰. Por sua vez, Afonso Lopes Vieira revela-nos histórias onde gigantes, dragões, animais fantásticos e monstruosos povoavam a imaginação dos que desciam o Atlântico em direcção a Sul, “(...) Oh que espantosa figura/ que, só de olhá-la, se morre!// (...) Navios, fugi da guerra/ do Gigante com furor./ E onde está? – No fim da Terra./ E o seu nome? – Adamastor!”.

Ó mar salgado, quanto do teu sal “São lágrimas de Portugal!/ Por te cruzarmos, quantas mães choraram/ Quantos filhos em vão rezaram!/ Quantas noivas ficaram por casar/ Para que fosses nosso, ó mar!”¹⁰¹.

Lisboa, cidade gloriosa de outros tempos, conhece a tristeza e o descontentamento com a aproximação da guerra colonial:

Menina dos olhos tristes,
O que tanto a faz chorar?
- O soldadinho não volta
do outro lado do mar.
(...) A lua, que é viajante,
é que nos pode informar.
- O soldadinho não volta
do outro lado do mar.
O soldadinho já volta
Está quase mesmo a chegar.
Vem numa caixa de pinho.
Desta vez o soldadinho
Nunca mais se faz ao mar.

Reinaldo Ferreira

Ei-los, os portugueses, que partem, mas desta vez para destinos bem diferentes “Ei-los que partem novos e velhos/ Buscar a sorte noutras paragens./ Noutras paragens, entre outros povos// Ei-los que partem, velhos e novos./ Ei-los que partem, olhos molhados/ Coração triste, a saca às costas./ Esperança em riste, sonhos dourados/ Ei-los que partem, olhos molhados./Virão um dia, ricos ou não/ Contando histórias de lá de longe/ Onde o suor se fez em pão,/ Virão um dia, ricos ou não,/Virão um dia, ou não...”¹⁰².

¹⁰⁰ Luís Vaz de Camões

¹⁰¹ Fernando Pessoa

¹⁰² Manuel Freire

Fazer as malas e partir, “(...) para Alemanha, para França/ E aos filhos que nasceram/ disse a um de cada vez:/ «não desistam do progresso/ e falem sempre português»”¹⁰³. A língua, o falar português, faz parte da identidade de um povo assim como «A Portuguesa» que por todo o país cantada foi adoptada como Hino Nacional, em 1911, com a implantação da República. É uma composição musical de Alfredo Keil, versificada por Henrique Lopes de Mendonça (1890) e encontra-se presente em quatro manuais escolares (3º e 4º ano).

Para além do passado histórico, da nossa identidade também fazem parte o património e toda a riqueza cultural do povo, descrito num texto da Direcção-Geral da Divulgação – Terra Livre:

“(…) É a paisagem que vês da tua janela.
É a casa pequenina da tua aldeia.
É o museu da cidade.
É a cantiga que ouves ao trabalhador,
É aquela que a tua Mãe cantava para te embalar.
É a filarmónica da tua terra nas tardes de Verão.
São os trajos coloridos das mulheres
Do campo e do mar.
É o rancho que dança nos caminhos poeirentos.
É a capelinha solitária no alto do monte.
É a catedral da grande cidade.
É o barro moldado pela mão do pescador.
É o pregão da varina que percorre as ruas da cidade,
Ou a voz serena do pastor, chamando as ovelhas...
São histórias contadas, aos serões de Inverno, junto à lareira.
É o jogo da malha no largo da aldeia, é a força da vida!

Num poema de Subtil, viajamos pelos campos do Minho, por Trás-os-Montes alpestres, pelo Douro verdejante e pelas acidentadas Beiras. Que lindas e férteis campinas no Ribatejo e no Alentejo as casinhas brancas. Mais a sul, no Algarve, amendoeiras e doces frutos, que pendem lá das figueiras. Mas não pára aqui o encanto, os Açores e a Madeira, as terras do mar... “E tudo quanto vi,/ Trouxe esta impressão final:/ Que não há terra tão linda/ Como o nosso Portugal”.

Numa sociedade onde cada vez mais se perde a tutela da tradição, instala-se uma crise de valores que tende a dar lugar a uma crise de identidade cultural.

O desenraizamento climático, histórico, ambiental, habitacional, mas principalmente social e cultural, constitui um dos maiores factores de risco.

Na minha rua havia
Um antigo castelo.
Deitaram-no abaixo,
Construíram lá...
Um prédio amarelo!
Na minha aldeia havia
Uma ponte romana
Deitaram-na abaixo,
Construíram lá...

¹⁰³ José Jorge Letria

Uma ponte que abana!
Na minha cidade havia
Um café português.
Deitaram-no abaixo,
Construíram lá...
Um banco inglês!
No meu país ainda há
Prédios antigos e nobres.
Se os deitarem abaixo,
Claro está,
Ficamos mais pobres!

Conceição Marques

Espera-se que as crianças retomem o contacto com o passado, para melhor viverem o presente e arquitectarem o futuro, “Não há aldeia em Portugal,/ cheia de encanto e magia, por mais pequena e modesta,/ que não tenha a sua festa,/ com a sua romaria// (...) – Ai la-ri-ló-lé, meu bem,/ olha a música a tocar.../ ande a roda, siga a roda,/ dia inteiro e noite toda,/ não se cansem de bailar...”¹⁰⁴. E não há nada melhor do que viver a tradição intensamente e minuto a minuto.

Festas onde há castanhas a estalar e caras enfarruscadas, à volta da fogueira, a cantar e a dançar. Carnavais com muita alegria e brincadeiras, “Porque é Carnaval/ Toca a divertir/ Vêm os palhaços/ Para nos fazer rir (...)”¹⁰⁵.

Ponho uma caraça feia
Com um narigão enorme,
Ponho o chapéu do avô.
Ninguém sabe quem eu sou!
- Quem és tu, ó ,mascarado,
- Que estás tão bem disfarçado?
(...) Vamo-nos fartar de rir.
Só nos podem descobrir
Pelas orelhas ou pelos pés!

Maria Isabel Mendonça Soares

A festa do Carnaval incentiva a imaginação e a convivência com índios e cowboys, bruxas e fadas madrinhas, zorros e companhia. O desejo é mascarar e no cortejo desfilar! Pode-se vestir trapalhices e fazer macaquices, ser princesa ou zarolho, fazer piruetas no ar até cansar!

E nas ruas as pessoas
Atiram-lhes serpentinas.
Há fantasmas, super-homens,
Monstros e damas antigas.
E até os mais velhotes
Se vestem de raparigas. (...)

Trabalho de Grupo

¹⁰⁴ Alfredo Cabral

¹⁰⁵ Isabel Lamas

Visitas ao circo e à feira... “Aí vêm os leões/ Os camelos e o elefante/ Mais os ursos resmungões,/ O anão e o gigante!/ Vêm os malabaristas/ Lançando bolas no ar,/ E vêm os trapezistas/ Que até parecem voar!”¹⁰⁶.

As tradições são sentimentos e festividades, encontros e fantasia, “(...) Sejam o que forem,/ Temos de não esquecer/ E temos de as saber viver/ Com amor e alegria!”¹⁰⁷.

• A literatura popular

A literatura popular, hoje em dia muito presente nos manuais escolares, constituía noutros tempos salutareos passatempos de tradição oral.

As adivinhas “permitiam aos mais velhos, ou ao redor da lareira, ou nas desfolhadas e em trabalhos monótonos, fazer jus à sua superioridade intelectual junto dos mais novos” (Parafita 1999: 86), “Adivinhas/ São enigmas/ Para desvendar/ Por palavras/ Encadeadas,/ Engraçadas,/ Que dão pistas/ Despistadas/ E nos põem/ A pensar, / Associar/ A descobrir,/ A decifrar./ E, algumas vezes,/ Não é fácil acertar./ Mas nunca é em vão.../ Ganhamos sempre/ Riso partilhado,/ Alegria/ E muita diversão!”¹⁰⁸. Os provérbios¹⁰⁹, as tais frases sentenciosas, quase sempre com fins didácticos e morais, encontravam sempre a situação perfeita para se expressarem: «quem muito fala pouco acerta»; «amigo do meu amigo, meu amigo é»; «zangam-se as comadres, sabem-se as verdades»; «uma andorinha não faz a Primavera», etc., abrangem todo o universo da vida de um povo e encerram em si conceitos de verdade e atemporalidade (Bastos 1999). Declamam-se cantinelas populares como “Quem vai ao vento/ perde o assento./ quem vai ao ar/ perde o lugar./ E quem está bem/ deixa-se estar”¹¹⁰, juntam-se lengalengas várias que nos levam a conhecer lugares e pessoas, como sendo conversas e histórias: “Era uma vez um homem/ que não gostava de couves/ e andava sempre a dizer/ couves não hei-de comer (...)”¹¹¹. Divertido será lê-las ou dizê-las a par com um colega “- Que está na varanda?/ - Uma fita de ganga./ - Que está na janela?/ - Uma fita amarela. (...)/ - Que está atrás da porta?/ - Uma vara torta. (...)”¹¹². Alguns textos, ditos de difícil pronúncia e articulação, os trava-línguas, são utilizados hoje em dia, na sua forma original ou subtilmente

¹⁰⁶ Maria Isabel Mendonça Soares

¹⁰⁷ Filipa da Palma Costa

¹⁰⁸ Lourdes Custódio

¹⁰⁹ Chamam-lhes também adágios, aforismos, rífões, ditados, sentenças, parémias, prolóquios, apotegmas, máximas, anexins, etc., muitos autores se têm interessado pela sua recolha, datando de 1651 a mais antiga colecção conhecida, num trabalho do padre António Delgado. Em 1965 foi criado pela Academia Scientiarum Fennica, de Helsínquia, o boletim internacional Proverbium, dedicado a estudos paremiológicos realizados por investigadores de diversos países. Trata-se de um domínio muito interessante, inesgotável ainda como matéria de investigação, sendo propícios a análises de natureza linguística, filosófica, sociológica, histórica, estética, etc. (Parafita 1999).

¹¹⁰ Popular

¹¹¹ Alice Vieira

¹¹² Tradicional

reinventados pelos poetas, de que é exemplo “às duas por três/ um albatroz/ chega até nós/ (...)Por um triz/ não saía uma albatriz./ por um truz/ não nascia uma avestruz (...)”, de José Jorge Letria.

Outros sons antigos de tradição oral, saltam das páginas dos manuais e reaparecem na nossa memória: “Bichinha gata/ que comeste tu?/ Sopinhas de mel./ (...) Sape gato/ lambareiro/ tira a mão/ do açucareiro”¹¹³.

Tão balalão
Cabeça de cão
Orelhas de gato
Não tem coração.
 Não tem coração
 Nem a voz, nem o talento
 Orelhas de gato
 Cabeça de vento.
Cabeça de vento
Orelhas de gato
Pescoço de bruxa
Rabo de macaco.

Popular

Os provérbios, as adivinhas, as lengalengas e os trava-línguas não foram considerados na sua totalidade para este estudo, pela sua especificidade e por si só constituírem um tema de investigação. A sua representação é significativa em alguns dos manuais escolares¹¹⁴ e encontram-se em alguns espaços previamente definidos: «treinar a memória», «ler depressa e bem», «crescer e aprender», «cantinho de ditados populares e adivinhas».

2.4.3 A vida quotidiana

O trabalho, um dos importantes componentes da vida em sociedade é apresentado como algo natural, os poemas encontrados são de leitura fácil, muito parciais e alguns deles em forma de adivinha. Predominam as profissões de carácter manual em detrimento das intelectuais e artísticas. O trabalho dos agricultores e dos pastores é o mais versificado (14 poemas), pescadores, carteiros, padeiros e cozinheiros, carpinteiros e pedreiros, logo se seguem. Os tipos de trabalho referidos, abrangem o sector primário, não sendo praticamente abordadas as profissões ditas liberais. Dispersos pelos manuais encontram-se o veterinário, o dentista, o polícia, o bombeiro, o médico, o cientista, o advogado, o músico e o poeta. Calceteiros, tosquiadores, moleiros, soldados e capitães também são lembrados. Qualquer uma destas actividades não se refere ao género feminino, à excepção do já referenciado, na

¹¹³ Alice Vieira

¹¹⁴ Nos manuais do 1.º ano, sugere-se a recolha de produções do património literário oral (Caminhos 1; Leituras do João 1; Amiguinhos 1; Fio-de-Prumo 1). Nos outros anos estes textos encontram-se presentes nos manuais escolares, com maior representatividade nos seguintes: Leituras do João 2; Caminhos 2; Língua Portuguesa 3; Júnior 3; Caminhos 3; Leituras do João 3; Despertar 3; Giroflé 3; Pequenos Leitores 4; Leituras do João 4.

categoria família, onde a mulher trabalha fora de casa, trata dos filhos e do trabalho doméstico.

Apela-se à mudança e à implementação de uma maior justiça social:

Uma foca equilibrista
Cansada de equilibrar
Ficou desequilibrada
E confessou ao artista:
Amigo estou esfomeada,
Se não me dão de jantar
Não equilíbrio mais nada.

Sidónio Muralha

Uma simples vassoura é exemplo de quem trabalha todo o dia “ (...) Todo dia sem falhar./ Não conheço feriado/ Nem sei o que é repousar. (...)/ quanto mais velha eu fico/ bem mais eu quero ficar,/ pois só depois de bem velha/ me deixam em paz pra brincar”¹¹⁵. Outros factos nos chegam contados por Maria Cândida Mendonça Soares: “Certo dia/ À hora de ponta/ Um carro eléctrico/ Resolveu/ Fazer feriado/ Por sua conta...”.

Uma antiga fábula, contada por João de Deus, «a cigarra e a formiga», continua a ilustrar o valor do trabalho “Como a cigarra a seu gosto/ é levar a temporada/ de Junho, Julho, Agosto/ numa cantiga pegada,/ de Inverno também se come,/ e então rapa frio frio e fome! (...)”. A propósito, Lourdes Custódio, arranja uma caixinha “(...)/ Bem fechada e forradinha/ Com uma pequena abertura/ Onde entre uma moedinha! (...)// aprendo a ser poupado/ e a ter o meu dinheirinho./ Quando a caixa estiver cheia/ Gasto algum... com juizinho!”.

(...) Guardo o dinheiro no banco,
guardo o banco na cozinha.
Tenho cem contos de fadas,
Que grande fortuna a minha.
Com medo que algum ladrão
Um dia me vá roubar,
Mandei pôr na minha porta
Três grossas correntes de ar. (...)

Luisa Ducla Soares

Ao escutar a voz dos poetas que se seguem, propiciam-se momentos de novas e mais profundas reflexões sobre a vida quotidiana e o relacionamento entre as pessoas.

Sophia de Mello Breyner Andersen, no seu poema «Um velho, um rapaz e um burro» aborda o tema convivência em sociedade:

Um velho, um rapaz e um burro na estrada
Em fila indiana os três caminhavam.
Passou uma velha e pôs-se a troçar:
- O burro vai leve e sem se cansar!

¹¹⁵ Guiomar de Paiva Brandão

O velho, então, p'ra não ser mais troçado,
 Resolve no burro ir ele montado.
 Chegou uma moça e pôs-se a dizer:
 - Ai, coisa feia! Que triste que é ver!
 O velho no burro, enquanto o rapaz,
 Pequeno e cansado, a pé vai atrás!
 O velho desceu e o filho montou.
 Mas logo na estrada alguém gritou:
 - Bem se vê que o Mundo está transtornado!
 O pai vai a pé e o filho montado!
 O velho parou, pensou e depois
 Em cima do burro montaram os dois.
 Assim pela estrada seguiram os três.
 Mas ouviram ralar pela quarta vez:
 - Um rapaz já grande e um velho casmurro,
 São carga de mais no lombo dum burro!
 Então o velhote seu filho fitou
 E com tais palavras, sério, falou:
 - Aprende, rapaz, a não te importar,
 Se a boca do mundo de ti murmurar.

Conviver lado a lado implica que haja respeito pela individualidade do Outro e se fomentem regras de boa vizinhança:

Um velho sapo velhaco
 Com um sarrafo
 E um trapo
 Fez uma tenda
 Estava ele assapado,
 Bem instalado
 A ler a agenda
 (...) Chegou o caçapo.
 O caçapo parou
 A olhar para o sarrafo
 E para o trapo:
 Seria aquilo uma tenda
 Ou uma vivenda?
 Vendo-se assim espreitado,
 O velho sapo assapado
 Desistiu de ler a agenda,
 Pôs o focinho de fora:
 Ó coelho, vai-te embora!

Violeta Figueiredo

Quando se é criança o mundo tem a dimensão da rua onde se mora, tem limites, um princípio e um fim “(...) conheço todas as casas, conheço toda a gente da minha rua...”¹¹⁶. Os vizinhos, “Uns conversam pela janela./ Outros não./ Uns são barulhentos./ Outros não./ (...) / Uns são apressados./ Outros não.// E tu, que espécie de vizinho és?”¹¹⁷. Interessantes devem ser as respostas quando o lugar onde se mora se encontra cada vez mais limitado e onde as experiências de convivência no exterior são cada vez mais raras e fugazes.

¹¹⁶ Marina Tricânio

¹¹⁷ Sem autor

Esta e outras questões são o embrião para uma outra reflexão: - De que é feita a vida?

“A vida é feita de nadas:/ De grandes serras paradas/ À espera de movimento;/ De searas onduladas/ Pelo vento (...)/ da sombra de uma figueira;/ de ver esta maravilha/ meu pai a erguer uma videira/ como uma mãe que faz a trança à filha”¹¹⁸.

Abelhas, tartarugas e barcos são as formas escolhidas para falar do valor da vida e da forma como esta se desenvolve:

As abelhas não fazem anos.
Nenhuma viveu um ano
Para o poder fazer.
Com um dia de vida
Qualquer abelha vai trabalhar.
Com dois já pode namorar
E com cinco casa e tem filhos.
Com vinte dias de vida
Uma abelha está acabada:
É uma avelha.
Não fazem anos as abelhas
Mas fazem dias (...)

As tartarugas fazem muitos anos,
mas devagarinho.
Sei de uma que faz hoje anos
E ainda vem a caminho. (...)
Qual era a pressa? O que é isto?
Pergunta ela, espantada.
Os anos são um vento que nos mata.
Quanto mais os fazemos,
Mais eles nos fazem a nós.
É preciso ver que depois de morremos
E não há mais nada a fazer.
Estamos feitos.

Álvaro Magalhães

O poema de Matilde que se segue é exemplo da sua comunicação com o mais íntimo e puro de cada um de nós, e é por isso, como nos diz António Torrado “multiplicadora de poetas, todos os seus leitores, sejam crianças ou adultos” (Torrado 1990: 21).

Estavam um velho e uma velha
Sentados
Num banco de um jardim
À luz da tarde
A conversar:
- Lembras-te Maria? Há quantos anos foi
que viemos para este bairro? (...)
No ar suspenso
- Que horas são, Maria?
- Já é tarde...
Ambos deram as mãos
Enrugadas, quase frias
E os meninos olhavam admirados
Calados
O que é que os meninos sabiam?

Matilde Rosa Araújo

¹¹⁸ Miguel Torga

Para ilustrar uma vida breve Violeta Figueiredo apresenta uma simples papoila, “Papoila encarnada/ De seda vestida/ Alegre menina/ Na seara nascida. (...)/ Papoila encarnada/ Pezinho verde/ Alegre menina/ De vida tão breve”¹¹⁹.

Maria Helena Araújo apresenta a morte associada ao Outono e tudo aquilo que este trás, frio, chuva e sono:

Morreu a andorinha,
As cigarras a levaram.
Fazia chuva e vento...
Vinha da fonte um lamento.
Chegou o Outono...
Frio, chuva e sono
Ficou ali a andorinha...
Cobriram-na de mil folhas,
Coloridas como flores,
Amarelas e vermelhas...
Chegou o Outono...
Frio, chuva e sono.

Maria Helena Araújo

Há um tesouro, que todos conhecem, mas poucos reflectem sobre ele. Recorre-se para o desvendar aos poemas que dele falam e a uma obra de Michael Ende, pois é aí que ele reside. Estamos a falar de um segredo que uma menina chamada «Momo»¹²⁰ conhece, o valor do tempo. “Há calendários e relógios para o medir, mas pouco significado têm, pois todos sabem que uma única hora pode parecer uma eternidade ou então passar um instante – consoante aquilo que se vive nela. Porque o tempo é vida. E a vida mora no coração” (Ende 1984: 47). Um poema “guardou o tempo num saco/ feito de linho e cetim/ para ele, que é apressado,/ passar sem pressa por mim”¹²¹. Sons e risos de meninos “Tic, tac, tic, tac/ diz o relógio a cantar./ Tic, tac, dança o tempo,/ velho compasso a marcar”, cantam cada dia é vida “vida a girar constante/ suas rodas de alegria”¹²².

Momo não podia demorar muito tempo e implorou, “por favor (...) não poderíamos ir um pouco mais depressa? – Quanto mais depressa mais devagar – foi a resposta da tartaruga. Continuou a arrastar-se, ainda mais lentamente do que antes”. Era pois este o segredo do bairro branco «quanto mais devagar se avançava, mais depressa se saía do lugar. E quanto mais depressa uma pessoa se despachasse, mais devagar avançava» (Ende 1984: 170).

Devagar, eu? Nem nisso penso.
Apenas vou seguindo o ritmo
Da natureza a que pertença. (...)
Vocês é que vão desenfreados
E só vêem manchas, bocados do que existe,

¹¹⁹ Violeta Figueiredo

¹²⁰ Momo é o nome de um livro de Michael Ende (1973). Conta-nos uma história de ladrões do tempo e de uma menina, «Momo», que devolveu aos homens o tempo roubado. Os ladrões, os senhores cinzentos, sabiam melhor do que ninguém o valor de uma hora, de um minuto e de um segundo.

¹²¹ Luís Infante

¹²² Maria Alzira Machado

Como se estivesse alguém a empurrar-vos...
É muito triste! (...)
Devagar, cada vez mais devagar
Eu também lá acabarei por chegar.
Terei então ganho a corrida
E, principalmente,
A vida.

Álvaro Magalhães

Um dia algo de novo aconteceu, o tempo anteriormente roubado, mergulhou lento numa tempestade de flores e suavemente entrou no coração das pessoas. Toda a gente ficou de repente com imenso tempo. Por toda a parte se viam pessoas que falavam amigas, crianças que brincavam na rua. Cada um podia levar o tempo que precisasse ou quisesse, pois de agora em diante já havia tempo suficiente para tudo (Ende 1984). Mais uma vez o tempo foi eleito como tema, num poema de José Jorge Letria:

Podes correr contra o tempo
Sonhando ser campeão,
Mas por favor não transformes
A vida em competição.
 Mesmo que tenhas o sonho
 De em tudo seres o melhor,
 Percebe que é na diferença
 Que está o valor maior.
Com o tempo descobrirás
Que a ambição é que cega,
Não havendo prazer maior
Do que ajudar um colega.
 Se respeitares os outros,
 A ti te respeitarás,
 Sendo essa a maneira
 De poderes viver em paz.

José Jorge Letria

A esta evolução temática acrescenta-se a palavra solidão, muito visível na sociedade de hoje e apresentada por Álvaro Magalhães:

Limpo palavras.
Recolho-as à noite, por todo o lado:
A palavra bosque, a palavra casa, a palavra flor.
Trato delas durante o dia
Enquanto sonho acordado.
A palavra solidão faz-me companhia.
 Quase todas as palavras
 Precisam de ser limpas e acariciadas:
 A palavra céu, a palavra nuvem, a palavra mar.
 Algumas têm mesmo de ser lavadas, (...)
A palavra obrigada agradece-me.
As outras não.
A palavra adeus despede-se.
As outras lá vão, belas palavras lisas
E lavadas como seixos do rio:
A palavra ciúme, a palavra raiva, a palavra frio.
 Vão à procura de quem as queira dizer,
 De mais palavras e de novos sentidos.

Basta estenderes a mão para apanhares
A palavra barco ou a palavra amor.
Limpo palavras.
A palavra búzio, a palavra lua, a palavra palavra.
Recolho-as à noite, trato delas durante o dia.
A palavra fogão cozinha o meu jantar.
A palavra brisa refresca-me.
A palavra solidão faz-me companhia.

Álvaro Magalhães

O frio, a fome e outras situações de desenraizamento social, apelam à reflexão, à escuta e à partilha. Quando chove lá fora e se fica quentinho atrás da vidraça, há quem não tenha um castelo “(...) E vive em bairro de lata/ A chuva é frio que dói;/ A chuva é frio que mata”¹²³.

(...) Ai, minha rica menina!
Tenha dó de quem se fina,
Porque não tem que comer,
Nem com que ao filho valer!”
Condoída, a Joanhina
Dá o bolo à pobrezinha:
- Toma, pobrezinha, come!
- Já alivias a fome.

João de Deus

Há como que um sentimento de co-responsabilização social e de esperança por detrás do poema que se segue:

Sofres por cada mendigo
Tens amor ao semelhante;
Dos animais és amigo,
Da natureza és amante.
Criança de alma sã,
De olhar meigo e profundo,
És o Homem de amanhã,
Esperança em Novo Mundo!

Fernando Cardoso

Dá-se um especial relevo a exemplos de união, força e interajuda. “O homem de génio diz: eu sou./ O poderoso afirma: eu posso./ O rico diz: eu tenho./ E o ambicioso: eu quero./ Eu! Eu! Eu!/ E afinal esses que vivem sós, completamente sós/ Quanto dariam, para, como tu ou como eu,/ Dizerem simplesmente: Nós!”¹²⁴

(...) O mundo só pode ser
Melhor do que até aqui
Quando consigas fazer
Mais pelos outros que por ti!
A ninguém faltava pão,
Se este ver se cumprisse:
Ganharmos em relação
Com o que se produzisse!

António Aleixo

¹²³ Fernando Miguel Bernardes

¹²⁴ Sem autor

Palavras de esperança em vozes de crianças que acreditam nelas próprias e na possibilidade da construção de um mundo melhor. Crianças que se acompanham de fadas...

As fadas... eu creio nelas!
 (...)

Umhas têm mando nos ares;
 outras na terra, nos mares;
 e todas trazem na mão
 aquela vara famosa,
 a vara maravilhosa,
 a varinha de condão!
 O que elas querem, num pronto,
 faz-se ali! Parece um conto...
 mesmo de fadas... eu sei!
 São condões que dão à gente,
 Ou dinheiro reluzente,
 Ou jóias, que nem um rei!

Antero de Quental

2.5 Quadro descritivo

Traçar um panorama geral das principais vertentes temáticas da poesia para a infância é uma das dimensões pretendidas para este trabalho. Numa tentativa de sistematização, segue-se a apresentação de um quadro síntese com a distribuição dos poemas por categoria e ano de escolaridade, assim como o nº total de poemas relativo a cada um dos parâmetros considerados.

Categoria / Ano de Escolaridade	1º	2º	3º	4º	Total
A Família	11	37	25	34	107
• Celebrações	2	21	17	17	57
A Criança	4	7	11	4	26
A Escola	7	25	17	17	66
• Amizade	1	18	9	16	44
A Sociedade					
• Educação para a Cidadania					
Liberdade		1	6	3	10
Paz e Amor	2	4	6	7	19
Igualdade e Diversidade	3	2	5	8	18
Educação para a Saúde e Educação Cívica	4	27	16	9	56
Ambiente	4	10	13	10	37
• Identidades	3	9	14	40	66
• Vida Quotidiana	3	17	13	31	64
Total	44	178	152	196	570
Número total de alunos	88540	109725	108754	927948	

Quadro nº1: Distribuição dos poemas por categoria e ano de escolaridade e respectivos totais.

A partir da análise do quadro nº1 verifica-se que se destacam alguns temas/categorias, por ano de escolaridade, que passo a apresentar.

As escolhas temáticas da poesia para a infância recaem, preferencialmente e em todos os anos de escolaridade, na categoria «Família». Para o 2º ano de escolaridade os eixos temáticos distribuem-se essencialmente nas seguintes categorias: «A Escola», «A Escola - Amizade» e «Sociedade – Educação para a Saúde e Educação Cívica».

A consciência de si e dos outros evidencia-se principalmente no 3.º ano, onde as categorias «A Criança» e «Sociedade - Educação para a Cidadania – Liberdade e Ambiente» são as mais referenciadas. Temas identitários e relacionados com a vida quotidiana encontram uma maior representação nos manuais do 4º ano.

Para uma análise mais pormenorizada recorreu-se aos quadros e às tabelas dos anexos I e II - «Mensagens poéticas por categoria, ano lectivo e manual escolar» e «Tabelas de identificação de poemas e respectiva localização, por categoria», respectivamente.

Com base nos anexos I e II, verifica-se que os manuais escolares mais escolhidos pelas escolas, não são os que contêm mais textos poéticos, como é evidente no 3º ano de escolaridade. A única excepção recai para o manual «Fio-de-Prumo 1», do 1º ano de escolaridade, que contém quase a totalidade dos poemas referenciados para esse ano. No 2.º e 3.º ano de escolaridade, os manuais que contêm mais poemas são: «Leituras do João», «Caminhos», «Fio-de-Prumo» e «Despertar».

A partir da análise das tabelas do Anexo II, e apesar do número de manuais analisado ter sido elevado, um total de quarenta, não se verifica que haja uma grande diversidade de poemas e de obras. O facto de existir um grande número de poetas que escrevem para a infância, não significa que haja mais referências por manual escolar, sendo disso exemplo «Despertar 1» e «Saltitão 2», com poemas exclusivos de Franclim Neto e António Mota. O mesmo poema poderá surgir num manual do 1º e do 4º ano de escolaridade, da mesma colecção. Encontram-se ainda, muitos poemas sem referência ao autor e respectiva obra. Nos manuais mais recentes é notável uma maior preocupação pela apresentação destes itens, regista-se uma maior variedade de temas e fazem-se, inclusivé, referências aos percursos biográficos de alguns autores, nas seguintes colecções: «Fio-de-Prumo», «Caminhos», «Trampolim» e «Amiguinhos».

Os textos de Luísa Ducla Soares são os mais escolhidos pelos autores dos manuais escolares, num total de 47 poemas. Seguem-se por ordem decrescente, José Jorge Letria (31), Maria Isabel Mendonça Soares (21), Lourdes Custódio (17), Matilde Rosa Araújo (16), António Mota (15), Sidónio Muralha (14), Maria Alberta Menéres (13), Isabel Lamas (13) e Gaspar Cruz (13). Com menos de 10 referências, e por ordem decrescente, encontram-se:

Eugénio de Andrade, Maria Cândida Mendonça, Rosa Lobato Faria; Fernando Pessoa, Fernando Cardoso, Alice Gomes, António Manuel Couto Viana, Afonso Lopes Vieira, Cecília Meireles, Conceição Marques, Esther de Lemos e Papiano Carlos. Com menos de 5 referências, Franclim Neto, Álvaro Magalhães, João Pedro Mésseder e Mário Castrim. Muitos outros nomes ficaram por referir, nomes que não se encontram com uma frequência superior a 3, no total dos manuais analisados.

Luísa Ducla Soares sobressai em quase todas as categorias, nos seus poemas fala da família, da guerra, do racismo e aborda as questões ambientais. Sobressai uma imagem de uma infância divertida e descontraída. Das suas obras, as mais referenciadas no presente estudo são «A gata tareca e outros poemas levados da breca» (1990) e «Arca de Noé» (1999). Escreve ainda alguns textos inéditos para o manual escolar «Amiguinhos».

Com frequência esta autora dá atenção ao banal quotidiano, à crítica social e a jogos de *nonsense* numa divertida exploração do mundo, sendo a obra «Poemas da Mentira e da Verdade» (1999) disso exemplo.

José Jorge Letria apresenta as suas obras por áreas temáticas o que possivelmente facilita a sua escolha por parte dos autores dos manuais escolares: «O que eu vou ser quando crescer», «Porta-te bem!», «Vou ter um irmão», «Eu vou para a escola».

Com Lourdes Custódio também se encontram facilmente poemas temáticos, distribuídos por dias especiais, o dia da mãe, do ambiente, da Paz, das mentiras, etc., todos eles presentes na obra «Dias Especiais no Jardim-de-Infância». Os poemas destes dois poetas distribuem-se preferencialmente pelas categorias «A família», «A criança» e «Sociedade – Educação para a Cidadania - Educação Cívica».

Maria Isabel Mendonça Soares é escolhida, de entre os vários autores presentes na colectânea «365 Histórias de Encantar» (2002), para nos levar ao mundo da tradição e da alegria do Carnaval.

Maria Alberta Menéres e Matilde Rosa Araújo são quem mais nos apresentam a amizade, sendo as suas obras, «No coração do trevo» e «Mistérios», respectivamente.

Maria Cândida Mendonça, com «A Cor que se Tem» (1987), tem uma grande projecção nos manuais escolares.

Soledade Martinho versifica as profissões em «Vamos adivinhar as Profissões» (1976), concorrendo no tema com Jean-Philippe Mars e José Jorge Letria.

Não podemos deixar de referir Eugénio de Andrade e a sua obra «Aquela Nuvem e Outras» (1986), muito referenciada pelos autores dos manuais e que contém poemas de uma grande sensibilidade e valor estético.

Os poemas de Sidónio Muralha, em «Bichos, bichinhos e bicharocos» (1949), de Manuel António Pina e de António Torrado, apelam para a solidariedade, a paz, a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Outros nomes, e obras mais recentes, como Álvaro Magalhães e João Pedro Messedér, falam-nos da vida e exploram na escrita os limites da linguagem verbal. De João Pedro Messedér há a realçar «De que cor é o desejo» (2000) e «Versos com reversos» (1998). Álvaro Magalhães é mais conhecido pela sua obra «O limpa-palavras e outros poemas» (2000).

Numa colectânea organizada por José António Gomes, «Conto Estrelas em Ti» (2000), dezassete poetas escrevem textos inéditos para a infância. Os textos fazem recorrência a temas do mundo animal e natural, a questões de natureza ambiental e social, aos afectos familiares e reflexões sobre o mundo. Esta obra foi muito referenciada nos manuais escolares e é particularmente escolhida pelos autores dos manuais «Trampolim» e «Fio-de-Prumo», assim como «O Pai Natal quer ser Poeta» de Isabel Lamas.

Novas vozes e novos estilos vão surgindo nos manuais escolares, como é o caso de Nuno Higino, que tal como Matilde Rosa Araújo, apresenta nos seus poemas uma raiz metafórica e lírica. Deslumbra-se a natureza dos afectos do mundo da infância e salienta-se a obra «O menino que namorava paisagens» (2001).

De entre outras obras referenciadas, «Somos Meninos do Mundo», da edição Espaço Oikos, constitui uma colectânea de autores distribuídos por várias temáticas actuais, nomeadamente a solidariedade e a multiculturalidade.

Os manuais escolares do 4.º ano de escolaridade, nomeadamente «O Encanto da Leitura», homenageiam os grandes poetas de ontem, de hoje e de sempre: Luís de Camões, Fernando Pessoa e Afonso Lopes Vieira, que nos falam essencialmente do tempo das descobertas.

Alguns dos manuais escolares recorrem a novos recursos pedagógico-didácticos, como o CD áudio, onde se ouvem textos e/ou canções incluídos no manual. A colecção «Fio-de-Prumo» conta ainda com a colaboração de um Coro Infantil sendo Gaspar Cruz o autor de muitos dos seus poemas e músicas.

Verifica-se que há um investimento no grafismo e na ilustração dos manuais escolares.

Sugerem-se ambientes, teatralizar poemas com sombras, desenhar palavras e iluminá-las, no manual «Trampolim 2». Fazem-se jogos de substituição, de comutação e de combinatória de letras e de sílabas, a partir de enganos e na exploração de situações de *nonsense*, nos manuais «Caminhos 2», «Bambi 4» e «Trampolim 3».

2.6 Tendências e evolução das mensagens poéticas na sociedade contemporânea

Transformações sem precedentes ocorrem nas sociedades contemporâneas, bem como as suas implicações, a todos os níveis da vida quotidiana. A sociedade dita pós-moderna é pluralista e diversificada. O termo pós-modernismo foi introduzido pela crítica da arte e da arquitectura e passou depois para os domínios da filosofia e dos estudos literários, sendo hoje usado nas ciências sociais. Aplica-se às “grandes mudanças na forma como o mundo moderno é e deve ser representado” (Lages 1997: 53). A vida moderna tem fontes de informação múltipla, dispersa e contínua que necessita de ser processada constantemente. Neste processo, as nossas próprias identidades estão a ser transformadas. O relacionamento com os outros: pares, amigos, colegas e familiares, passam a pautar-se por um tipo de parâmetros menos rígidos e previsíveis; surgem novos desafios e outras preocupações que exigem uma participação cívica mais crítica e actuante; adquirem-se novos hábitos de consumo; a multiplicidade de experiências extra-escolares das crianças e jovens lança desafios, até agora insuspeitos; o mercado de trabalho transforma-se de uma forma dramática e o lazer dá origem a uma indústria florescente; as novas tecnologias adquirem uma nova visibilidade e passam a fazer parte do nosso dia a dia (Trindade 1998).

Anteriormente as sociedades conduziam-se mais pelos costumes e pela tradição, as pessoas podiam seguir as maneiras de fazer as coisas de uma forma mais irreflectida. Para nós, muitos aspectos da vida que para as gerações anteriores eram ponto assente, tornaram-se objectos de decisão em aberto. Ao viver numa sociedade mais global, as nossas vidas são influenciadas por pessoas que nunca conhecemos ou vimos. Viver na era da informação significa um aumento da reflexividade social, “a reflexividade social significa que temos de pensar constantemente e reflectir sobre as circunstâncias em que vivemos as nossas vidas” (Guiddens 2001: 681). Caminhamos para novas formas de compreensão da realidade, novas formas de olhar para as coisas e de ler a realidade complexa e mutante, de um grande paradigma da racionalidade científica caminha-se para o relativismo do conhecimento, de uma sociedade produtora de bens para uma sociedade de informação e do conhecimento.

Parece ser pertinente, tentar perceber para além das mensagens poéticas, qual o lugar da poesia nos dias de hoje, o que a envolve e o que a motiva. Será que se adaptou à vertigem da velocidade da era pós-moderna ou está ainda em transição? Se a poesia tem uma influência sobre o meio, também o próprio meio age sobre a poesia. Cada época, cada sociedade contém em si estímulos e alimento que subtilmente fazem parte do inconsciente do poeta. Diferentes visões e formas de ver o mundo acompanham a evolução dos tempos, o romantismo, o barroco e o surrealismo, são disso exemplo.

Para melhor compreender as mensagens poéticas para a infância e sabendo que a maior parte dos poetas presentes nos manuais escolares pertencem a uma geração que cresceu nas décadas 30-50, verifica-se que está muito presente a influência do período neo-realista, caracterizado pelo traço positivo da mensagem, reconhecível nos elementos do dia a dia, como resposta a uma necessidade de comunicação imediata e temática, de procura de um sentido crítico e não tanto de uma necessidade estética.

Encontra-se, no entanto, em alguns poemas, uma multiplicidade metafórica da realidade, de significados e aparências, que são habitualmente incluídos nas esferas do surrealismo.

Procuram-se situações de *nonsense*, onde tudo é supostamente ao contrário, poemas onde a sonoridade se sobrepõe ao plano de significação e onde se proporciona um clima descontraído de brincadeira rítmica.

Formas da literatura popular constituem uma influência generalizada na poesia para a infância, onde a quadra e outras formas métricas desempenham um papel de relevo. Reinventam-se lengalengas, trava-línguas, entra-se em jogos de pergunta/resposta e em encontros com rimas.

A aparente ausência de novas vozes poéticas e de uma certa desertificação nesta área, como é referenciado por Gastão Cruz, terá por influência aspectos políticos e sociais da fase que se vive no nosso país. “Durante a ditadura, a poesia foi sempre, mesmo quando menos comprometida com o processo histórico, um fortíssimo símbolo de resistência e de luta pela liberdade, o que lhe dava uma capacidade de afirmação (...)” (Cruz 1999: 219), a pouco e pouco a poesia foi sendo menos sentida. Após um período de explosão de palavras cedem-se discursos isentos de sobressalto, de inquietação ou rebeldia.

Segundo alguns, a única viagem que ainda se pode fazer com o objectivo de encontrar paisagens que ainda não são conhecidas é, na opinião de Nuno Júdice, pela transcendência, uma viagem pelo interior do ser. Cada vez mais é preciso, nas palavras de Al Berto, reencontrar uma espécie de equilíbrio do Homem com o que o rodeia: a natureza, os outros homens, e até mesmo a cidade. Tudo isto passa pela humanização das coisas, num momento em que se assiste progressivamente a uma *secura* imensa das emoções, dos sentimentos, da disponibilidade de olhar as coisas como se fosse a primeira vez. Estamos presos à palavra, à substância, ao material e à frase (Melo 1996).

A esta inquietação consciencializada na viragem do século confluem novos saberes e novas abordagens transdisciplinares associadas à educação estética e artística, forças impulsionadoras de paradigmas associados à procura da excelência e do sublime.

Por razões históricas e culturais, a educação artística assume nos currículos actuais um papel pouco relevante. A escola ainda é um espaço onde o raciocínio e a lógica são privilegiados em detrimento da criatividade e da sensibilidade e onde, por isso, as disciplinas científicas são consideradas de formação por excelência (Ferraz 2000). A difusão da experiência deveria aliar-se ao exercício da liberdade de pensamento.

O imaginário é um tema absolutamente indispensável para a construção do futuro. A imaginação faz com que vejamos, escutemos e pensemos que existem, a um nível mais profundo, outras realidades a que não estamos habituados. Não se trata de imitar mas de revelar (Malrieu 1996). Em relação à auto-expressão, há em todas as crianças um talento latente e incomensurável.

Questões relacionadas com a leitura sinestésica e plurisensorial reforçam a importante indissociabilidade das vertentes estéticas, emocionais e intelectuais, no crescer de uma criança (Stern 1985). Parafrazeando Boaventura de Sousa Santos, é necessário voltar às intuições, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer, mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade (Santos 1998). Críticos literários valorizam o discurso poético como tendo algo em comum com a linguagem científica, passando pelo facto de só se poder alcançar a realidade mediante um desvio que nega a linguagem a que habitualmente se emprega para a descrever (Ricoeur 1976). Actualmente tende-se para o atenuar dos limites entre a arte e a ciência, a matemática e o jogo, a imaginação e o pensamento lógico (Rodari 2004). Quando se fala destas novas perspectivas fala-se da dimensão participativa e do papel activo de quem recebe, de quem vê ou de quem ouve. “Há um estímulo ao qual apetece responder”(Wojaeichowska 2001-2002: 109), que é diferente de uma sensação de impotência gerada pela falta de criatividade. A poesia, para António Cortez, pode investir contra o notório «atrofiamento» do mundo actual, não apenas na capacidade de raciocinar mas também de imaginar e de sentir (Cortez 2004).

Consagrar o papel do imaginário e valorizar a «subjectividade primeira», enaltece as representações pessoais que, apesar de obstáculos epistemológicos, são pontes de passagem obrigatórias para concepções reflectidas. Tendências recentes que se revestem do poder imaginético das palavras, onde se capta o instantâneo, o aqui e o agora¹²⁵.

¹²⁵ Segundo alguns críticos literários, entre eles José António Gomes (Conferências Alentejo Literatura – organizadas por CIDEHUS, em Abril de 2006, na Universidade de Évora), a estas formas poéticas associam-se influências da literatura japonesa definida por «haiku». Não apresenta objectividade, mas a subjectividade expressa provém sempre de uma objectividade captada pelos sentidos. O haiku é uma forma de poesia breve, depurada, bela, simples e fluente. Exige uma atenção aos mais pequenos eventos, numa permanente atitude de espanto perante o fenómeno da natureza, encerra o que vê, o que sente e com um encargo mínimo a escrita será plena.

CONCLUSÕES

O capítulo 1, teve como premissa de base conhecer o percurso e a evolução da literatura infantil em Portugal entrecruzando, após uma breve história da literatura para crianças, diferentes concepções de educação e respectivos reflexos nos conteúdos dos manuais escolares, nos períodos da primeira República, do Estado Novo e do pós-25 de Abril. Abriu-se caminho para uma análise reflexiva dos contributos positivos da poesia na educação.

O capítulo 2, centrou-se no objecto de estudo desta investigação, nas mensagens contidas na poesia dos manuais escolares actuais, aqui enquadradas em diferentes categorias: «A família», «A escola», «A criança» e «A sociedade», da qual fazem parte a «Educação para a cidadania», «Identidades» e «A vida quotidiana». Os quarenta manuais escolares estudados, distribuídos pelos quatro anos de escolaridade do 1º ciclo do Ensino Básico, foram alvo de um estudo qualitativo que visou uma breve caracterização e análise das suas mensagens poéticas. Por fim foram apresentadas as novas tendências para a poesia como resultado de uma sociedade em mudança, realçando-se a dualidade «obra literária - meio envolvente».

A presente conclusão pretende ser o corolário destes dois capítulos, apresentando de uma forma conclusiva os aspectos mais significativos detectados pela investigação.

De entre os vários eixos temáticos que percorrem a poesia dos manuais escolares assume especial destaque a presença quase constante da infância, que é vista sob diferentes perspectivas. Uma infância que está ligada à presença protectora e calorosa da família, a um período de descobertas seguras, de vivências felizes na escola e a uma participação activa na vida em sociedade.

A partir da análise das mensagens poéticas dos manuais escolares, envolvidos no estudo, foi possível retirar as seguintes ilações:

- A família constitui um núcleo afectivo restrito, com definição de papéis e rotinas próprias de uma sociedade em mudança.

- A celebração de festividades transmite sentimentos de alegria, de união e convivência familiar, e encontra nela a religião quando associada ao Natal e à Páscoa.

- Neste universo da infância surge a noção de crescimento que implica a superação de dilemas. Apesar das indecisões, a criança não se deixa persuadir e questiona o que o adulto considera inquestionável.

- A escola é um local onde se gosta de estar e de aprender, num clima que se quer descontraído e de brincadeira: este desejo poético nem sempre corresponde à realidade.

- A profunda preocupação ética, humanizante e cívica que sobressai dos poemas revela o desejo de fomentar o crescimento informado e crítico dos mais pequenos.

- A denúncia de injustiças sociais, como a guerra e o racismo, a aceitação activa da diferença e a procura da paz, a liberdade como bem supremo e a protecção da natureza, são algumas das outras mensagens veiculadas.

- Existe uma constante preocupação pela defesa dos «Direitos da Criança» e acredita-se que cada criança representa uma esperança renovada para a construção de um mundo melhor, num mundo onde crescem sentimentos de solidão, abandono e marginalização.

- Outras dimensões começam a surgir, abordando temas como a própria vida, o tempo e a morte.

- Encontram-se com frequência recordações do passado, memórias de outras brincadeiras e aventuras, e antigas profissões.

Objectivando as questões mais marcantes da presente pesquisa e de acordo com os objectivos traçados, pode-se concluir o seguinte:

1. Comparando os discursos veiculados pelos poemas e textos anteriores e posteriores a 1974, verifica-se um apagamento das questões ideológicas, lugar comum nos manuais do tempo do Estado Novo.
2. Os temas de cariz rural continuam a ser recorrentes nos manuais mais recentes, o que parece indicar um desfasamento face às mudanças galopantes verificadas na sociedade portuguesa, em que a ruralidade deixou de ser a matriz da sociedade e da cultura portuguesas.
3. Apenas um manual, o Encanto da Leitura 4, valoriza a História de Portugal e a Saga dos Descobrimentos, o que traduz um apagamento das raízes e de aspectos estruturantes da identidade nacional. Note-se que o próprio Hino Nacional tem uma representatividade escassa no universo dos manuais escolares (10%).
4. Compreende-se perfeitamente que a História recente de Portugal não seja objecto de atenção poética, dado o necessário afastamento intelectual para uma análise correcta dos factos históricos.
5. Face às mudanças recentes na organização familiar (divórcio, monoparentalidade, adopção) tais fenómenos estão ausentes dos manuais escolares. Esta situação é compreendida, já que os manuais pretendem ser normativos e ainda não houve tempo de assimilar tais mudanças.

6. As profissões sugeridas às crianças são «tendenciosamente» masculinas, o que traduz da parte dos autores uma incapacidade em gerir a igualdade de géneros. Paradoxalmente, os autores escolhidos representam um equilíbrio de géneros.
7. Nota-se um equilíbrio entre as profissões descritas (totalmente rurais) e as sugeridas (maioritariamente «urbanas»).
8. É de registar a valorização dada à leitura e ao livro, em detrimento de outras formas de comunicação.
9. Principais valores transmitidos: amizade, liberdade, paz e amor, igualdade e diversidade, responsabilidade ambiental e apelo à cidadania.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ana Nunes de

2005 “O que as família fazem à escola... pistas para um debate” **Análise Social**, vol.XL (176): 579-593

ALMEIDA, Miguel Vale de

1991 “Leitura de um livro de leitura: a sociedade contada às crianças e lembrada ao povo” In O’Neill, Brian; Brito, J. Pais, **Lugares de Aqui**, Lisboa: publicações Dom Quixote

ÁLVARES, Judite et al

1987 “Na escola de ontem, na escola de hoje, que leituras?” **Análise Social**, vol. V (3): 441-472

AMBRÓSIO, Teresa

1985 “Aspirações Sociais e políticas da Educação” **Análise Social**, vol. XXI (87-88-89): 1023-1039

ARROTEIA, Jorge Carvalho

1991 **Análise social da Educação – Indicadores e conceitos**, Leiria: Roble Edições, Lda

BABO, Carlos Grifo

1986 “Nota introdutória com uma observação indispensável a quem vai ler este livro” In Lewis Carroll, **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**, Lisboa: Editorial Presença

BARDIN, Laurence

2004 **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Edições 70

BARRETO, António Garcia

2002 **Dicionário de Literatura Infantil**, Porto: Campo das Letras

BASTOS, Glória

1997 **A Escrita para Crianças em Portugal no Século XIX**, Lisboa: Editorial Caminho

1999 **Literatura Infantil e Juvenil**, Lisboa: Universidade Aberta

BETTELHEIM, Bruno

1998 **Psicanálise dos contos de fadas**, Venda Nova: Bertrand Editora

BIGGS, J.B.

1979 “A escolaridade e o desenvolvimento moral” In Varma, V.; William, P., **Piaget psicologia e educação**, Braga: Moraes editores

BLOCKEEL, Francesca

2001 **Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade**, Lisboa: Caminho

2002 “Sobre Literatura Infantil portuguesa contemporânea: identidades e alteridade”
In **No branco do Sul as Cores dos Livros – Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens**, Beja: Editorial Caminho

BÍVAR, Maria de Fátima

1975 **Ensino Primário e Ideologia**, Lisboa: Seara Nova, colecção educação e ensino

BOAL, Maria Eduarda et al

1998 **Sistema Educativo português – caracterização e propostas para o futuro**, Lisboa: Ministério da Educação – Gabinete de Assuntos Europeus e Relações Internacionais

BOGDAN, Robert; BLIKEN, Sari

1994 **Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos**, Porto: Porto Editora

BRAZELTON, T. Berry; GREENSPAN, Stanley I.

2003 **A criança e o seu mundo**, Lisboa: Editorial Presença

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de

1989 **A literatura infantil: visão histórica e crítica**, São Paulo: Global Editora

CARVALHO, Rómulo de

1995 **O texto poético como documento social**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

CERVERA, Juan

1992 **Teoria de la Literatura Infantil**, Bilbao: Ediciones Mensajero

CHOEN, Jean

1976 **Estrutura da Linguagem Poética**, Lisboa: Publicações Dom Quixote

COELHO, Adolfo

1985 **Contos Populares Portugueses**, Lisboa: Publicações Dom Quixote

COELHO, Jacinto do Prado

1960 **Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira**, Porto: Livraria Figueirinhas

CORTEZ, António Carlos

2004 **Nos passos da poesia**, Lisboa: Apenas Livros, Lda

COSTA, Maria José

1992 **Um continente poético esquecido. As rimas infantis**, Porto: Porto Editora

CRUZ, Gastão

1999 **A poesia portuguesa hoje**, Lisboa: Relógio D'Água Editores

CUNHA, Maria Antonieta Antunes

2003 **Literatura Infantil - teoria e prática**, São Paulo: Editora Ática

DINIZ, Maria Augusta Seabra

1993 **As fadas não foram à escola**, Porto : Edições Asa

DIOGO, Américo

1994 **Literatura Infantil**, Porto: Porto Editora

DIONÍSIO, Maria de Lourdes

2000 “Histórias da Leitura” **Malassartes**, n.º 4, Novembro: p 18-26

DURKHEIM, Émile

1980 **Educação e Sociologia**, São Paulo: Edições Melhoramento

ELIOT, T. S.

1997 “A função Social da Poesia” in **Ensaio de Doutrina Crítica**, Lisboa: Guimarães Editores

ENDE, Michael

1973 **Momo**, Lisboa: Editorial Presença

FESTINGER, Leon; KATZ, Daniel

1992 **Los metodos de investigacion en las ciencias sociales**, Madrid: Paidós Básica

FIGUEIREDO, Jorge Vilar de; BELO, Maria Teresa

1993 **Comentar o texto literário**, Lisboa: Editorial Presença

FIGUEIREDO, Olívia

2004 **Didáctica do Português Língua Materna**, Porto: Edições Asa

FLEURY, Pascal

2004 **Modernidade do Imaginário Português**, Lisboa: Roma Editora

FRANCO, José António

1999 **A poesia como estratégia**, Porto: Campo das Letras

GAMA, Sebastião da

2003 **O Diário de Sebastião da Gama**, Lisboa: Edições Arrábida

GUEDES, Teresa

2002 **Ensinar a Poesia**, Porto: Edições Asa

2002 **Poetas «Díficeis»? – Um Mito**, Lisboa: Caminho

GIDDENS, Anthony

2001 **Sociologia**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

GOMES, Alice

1972 “O autor e a comunicação no livro infantil” **Ciclos de Conferências sobre Literatura Infantil**, 7-31

GOMES, José António

1993 **A poesia na literatura para a infância**, Rio Tinto: Edições Asa

1998 **Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude**, Lisboa: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

2001 “Natureza e engenho humano – Introdução à leitura da obra de Papiano Carlos”, **Malassartes**, Dezembro, n.º7: 7-12

GOURÉVITCH, Jean-Paul

1969 **Les Enfants et La Poésie**, Paris : L'École

HENRIQUES, Mendo Castro

1995 “Que identidade nacional no ensino da história?” **Noesis**, Outubro/Dezembro: 20-22

HUGHES, Ted

2002 **O fazer da poesia**, Lisboa: Assírio & Alvim

JANIKOVSKY, Eva

2001 “Editorial: Nos livros está tudo” **Malassartes**, Abril, n.º5: 1

LAGES, Mário F.

1997 “interculturalidade e coesão social na intervenção educativa”, **Colóquio Educação e Sociedade**, Outubro: Fundação Calouste Gulbenkian

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina

1984 **Literatura Infantil Brasileira – História & Histórias**, São Paulo: Ática

LEAL, Gomes

Sd Histórias de Jesus para as Criancinhas Lerem, Lisboa: Vega

LEANDRO, Maria Engrácia

2001 **Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas**, Lisboa: Universidade Aberta

LEITE, Carlinda; RODRIGUES, Maria de Lurdes

2000 **Contar um conto, acrescentar um ponto – Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância**, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional

LEMOS, Esther

1972 **A literatura infantil em Portugal**, Lisboa: Ministério da Educação Nacional

LENCASTRE, Leonor

2003 **Leitura. A compreensão de textos**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

- LETRIA, José Jorge
1994 **Conversas com Letras**, Escritor
- LIMA, Augusto C. Pires de; LIMA, Américo Pires
1964 **Leituras para o Ensino Primário – Quarta Classe**, Porto: Edição dos Autores
- LINEL, Marta
2005 **A Casa e as Coisas na escrita de Sophia**, Lisboa: Apenas Livros, Lda
- MAGALHÃES, Álvaro
1999 “Infância, Mito, Poesia”, **Malassartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude**, 1: 10-13
- MALRIEU, Philippe
1996 **A construção do imaginário**, Lisboa: Instituto Piaget
- MATOS, Maria Luísa Sarmiento de
1993 **Os itinerários do maravilhoso. Uma leitura dos contos para crianças de Sophia de Mello Breyner Andresen**, Porto: Porto Editora
- MARQUES, Elisa de Barros; FRÓIS, João Pedro
1999 “Conclusões de conferência: Educação estética e artística” **Noesis**, 52. Outubro/Dezembro: 27-30
- MARQUES, Helena Ferreira
2000 **Motivos e Poética de Infância**, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- MARQUES, Ramiro Fernando Lopes
1991 **A educação para os valores morais no ensino básico – O currículo implícito e explícito**, Aveiro: Universidade de Aveiro
- MATOS, Arsénio
2001 “Breves reflexões”, **Malassartes**, Dez., n.º 7: 16-18
- MELO, Filipa
1996 “Os escritores e Deus” 54-67 **Ler Outono** n.º36 Círculo de Leitores
- MENÉRES, Maria Alberta
1991 “Editorial” **Boletim Cultural Fundação Calouste Gulbenkian**, Série VII, Dez., n.º5
- MESQUITA, Armindo (Org.)
2002 **Pedagogias do imaginário**, Porto: Edições Asa
- MÓNICA, Maria Filomena
1978 **Educação e Sociedade no Portugal de Salazar**, Lisboa: Editorial Presença
1985 “Notas para a análise do ensino primário durante os primeiros anos do salazarismo”, **Análise Social**, vol. XXI (87-88-89): 478-493

MONTEIRO, J. Rodrigues; FERNANDES, Maria Helena L.

1985 **A educação e o ensino no 1º quartel do séc.XX**, Bragança: Instituto politécnico Bragança, Escola Superior de Educação

MÜLLER, Adolfo Simões

1987 **Tesouros Poéticos da Literatura Portuguesa para Crianças**. Boletim Cultural, VI série, n.º 9, Setembro, Lisboa: Serviço de Bibliotecas Itinerantes e fixas da Fundação Calouste Gulbenkian

NOESIS

1993 “Sophia e a palavra – Entrevista Dossier”, *Noesis*, n.º26, Mar./abr./Maio: 50-51

NÓVOA, António

2005 **E-vid-ente-mente Histórias da Educação**, Nova Oeiras: Edições Asa

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W.

2000 **Desenvolvimento Humano**, São Paulo: Artmed Editora

PARAFITA, Alexandre

1999 **A Comunicação e a Literatura Popular**, Lisboa: Plátano Edições Técnicas

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.)

1997 **A Escola Cultural e os Valores**, Porto: Porto Editora

PAYET, Jean-Paul

2005 “A escola e a modernidade: o risco da etnicidade, o desafio da pluralidade” *Análise Social*, vol. XI (176): 681-694

PEDRO, Ana Paula

2002 **Percursos de uma educação em valores em Portugal**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

PEDRO, Maria do Sameiro

2002 **Breves contornos da poesia para crianças e jovens em Portugal desde os anos 90** (www.eseb.ipbeja.pt: 15-04-2005)

2003 “Apontamentos para um panorama da poesia para a infância em Portugal” In **Malassartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude**, 11 Junho: 7-18

PEREIRA, Sara Marques

2002 **Memórias de uma escola primária portuguesa**, Lisboa: Livros Horizonte

PEREIRA, Cláudia Sousa

2002 “Dar palavras, trazer memórias, soltar sonhos – os livros que Luísa Dacosta escreveu para a infância” In **Malassartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude**, 9 - Outubro: 13-26

PERROTTI, Edmir

1986 **O texto sedutor na Literatura Infantil**, São Paulo: Editora Ícone

PILETTI, Nelson

1988 **Sociologia da Educação**, São paulo: Editora Ática

PIRES, Maria Laura Bettencourt

1982 **Primeira História de Literatura Infantil**, Lisboa: Vega

REIS, Carlos

1997 **O conhecimento da literatura – Introdução aos estudos literários**, Coimbra: Almedina

RICOEUR, Paul

1976 **Teoria da Interpretação**, Lisboa: Edições 70

ROCHA, João da

1980 **Canções Portuguesas para as Escolas**, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian

ROCHA, Natércia

1984 **Breve história da literatura para crianças em Portugal**, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

2001 **Breve história da literatura para crianças em Portugal**, Lisboa: Editorial Caminho

RODARI, Gianni

2004 **Gramática da Fantasia**, Lisboa: Editorial Caminho

RODRIGUES, Helena

2003 **BebéBabá**, Porto: Campo das Letras

ROLDÃO, Maria do Céu

1994 **O pensamento concreto da criança – Uma perspectiva a questionar no currículo**, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional

SÁ, Eduardo

1998 **Más Maneiras de Sermos Bons Pais – As crianças, o pensamento e a família**, Fim de Século

2006 **Crianças para Sempre**, Cruz Quebrada: Oficina do Livro

SALDANHA, Ana

2005 “Para que idade é? **No Branco do Sul as Cores dos Livros**”, Beja: Caminho

SAINT-GEORGES, Pierre de

1997 “Pesquisa e crítica das fontes e documentação nos domínios económico, social e político” In Albarello et al, **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**, Lisboa: Gradiva

SANTOS, A. João de Brito P.

1989 **O sistema de valores de jovens universitários**, Évora: Universidade de Évora

SANTOS, Boaventura de Sousa

2005 **Um discurso sobre as ciências**, Porto: Edições Afrontamento

SANTOS, Maria Eduarda Vaz Moniz dos

2005 **Que cidadania?**, Lisboa: Edição Santos-Edu

SAHVIT, Zohar

1984 **Poética da Literatura para Crianças**, Lisboa: Editorial Caminho

SILVA, Sara Reis

2005 **Dez réis de gente... e de livros**, Lisboa: Editorial Caminho

SOARES, José Vale

2003 **Como abordar... a cidadania na escola**, Porto: Areal Editores

SOROMENHO-MARQUES, Viriato

1998 **O futuro frágil - os desafios da crise global do ambiente**, Mem Martins: Publicações Europa-América

SOUSA, Maria Elisa

2001 "A voz e a vez do autor", **Malassartes**, Dez., n.º 7: 19-22

2005 "A literatura para a infância nos manuais escolares do ensino básico: apontamentos de uma estudo" in org. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja, **No Branco do Sul as Cores dos Livros – Encontros sobre literatura infantil**, Lisboa: Editorial Caminho

STERN, Daniel

1985 **The interpersonal World of the infant**, Basic Books

STOER, Stephen R.

1986 **Educação e mudança social em Portugal – 1970-1980**, Uma década de transição, Porto: Edições Afrontamento

SUBTIL, Manuel; et al

1960 **Leituras IV Classe**, Lisboa: Livraria Sá da Costa

TODOROV, Tzvetan

1973 **Poética**, Paris: Coleção teorema

1977 **Introdução à literatura fantástica**, Lisboa: Moraes Editores

1982 **O discurso da poesia**, Coimbra: Livraria Almedina

TOMÁS, Joaquim; et al

sd **Finalmente...Leituras para a Quarta Classe**, Lisboa: Livraria Popular

TORRADO, António

2002 **Da escola sem sentido à escola dos sentidos**, Lisboa: Editorial Caminho

TRINDADE, Rui

1998 **As Escolas do Ensino Básico como Espaços de Formação Pessoal e Social**,
Porto: Porto Editora

WOJAIECHOWSKA, Danuta

2002 “A ilustração de livros para crianças” in org. Escola Superior de Educação do
Instituto Politécnico de Beja, **No Branco do Sul as Cores dos Livros – Encontros
sobre literatura infantil**, Lisboa: Editorial Caminho

VALA, Jorge

2003 “A análise de conteúdo” in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.),
Metodologia das Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento

VALA, Jorge; CABRAL, Manuel; RAMOS, Alice

2003 **Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa**, Lisboa:
Imprensa de Ciências Sociais

VALE, Fernando Marques do

1994 **A Literatura Infantil de Língua Portuguesa – João de Deus e Monteiro
Lobato**, Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

ZILBERMAN, Regina

1989 **A literatura infantil na escola**, São Paulo: Global Editora

Outros documentos:

- Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica:
<http://www.deb.min-edu.pt>
 - Listas de manuais escolares disponíveis em 2004/2005
 - Lista de manuais escolares disponíveis em 2005/2006
 - Princípios Orientadores da Língua Portuguesa
(retirado da web em 02/11/2004)
 - Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais: Ministério da
Educação – Departamento da Educação Básica (07/02/05)
- LBSE, n.º 46/86, de 14 de Outubro, Artigo 2.º
- Decreto-Lei n.º 369/90, de 26 de Novembro
- Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro
- Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto

Bibliografia Específica – Corpus de Análise

1.º Ano

- MONTEIRO, António
2003 **Fio-de-Prumo** - Língua Portuguesa - 1º Ano, Livraria Arnado, 972-701-136-5
- MONTEIRO, João
2003 **As Leituras do João** - 1º ano, Edições Gailivro, 972-8769-69-5
- PINTO, Ana; CARNEIRO, Maria Aurélia
2003 **Eu e o Bambi** - Língua Portuguesa - 1º Ano, Porto Editora, 972-0-11281-6
- DINIS, Maria da Conceição; FERREIRA, Luís
2003 **Caminhos** - Língua Portuguesa - 1º Ano, Porto Editora, 972-0-11121-6
- ROCHA, Alberta; LAGO, Carla; LINHARES, Manuel
2003 **Amiguinhos** - Língua Portuguesa 1.º Ano, Texto Editores, Lda., 972-47-2282-1
- SILVA, Conceição Vieira; MONTEIRO, Maria de Lurdes
2003 **Júnior** - Língua Portuguesa 1.º Ano, Texto Editores, Lda., 972-47-2276-7
- ROSA, Maria Carolina
2003 **Vá de Roda**, Edições Nova Gaia, 972-712-298-1
- LETRA, Carlos A.
2003 **As Letrinhas 1** - 1º Ano, Edições Gailivro, 972-9443-12-2
- NETO, Hortência
2003 **Despertar** - Língua Portuguesa - 1º Ano, Edições Livro Directo, 972-8537-49-2
- A. LETRA, Carlos
2003 **As Letrinhas 2** - 1º Ano, Edições Gailivro, 972-9443-11-4

2.º Ano

- ROCHA, Alberta; LAGO, Carla; LINHARES, Manuel
2004 **Amiguinhos** - Língua Portuguesa 2.º ano, Texto Editores, Lda., 972-47-2570-7
- MONTEIRO, João; PAIVA, Miguel
2004 **As Leituras do João** -2º ano, Edições Gailivro, 989-557-055-4
- DINIS, Maria da Conceição; FERREIRA, Luís
2004 **Caminhos 2** - Língua Portuguesa, Porto Editora, 972-0-11122-4

- MONTEIRO, António
2004 **Fio-de-Prumo** - Língua Portuguesa -2º Ano, Livraria Arnado, 972-701-148-9
- MOTA, António; FONSECA, Júlia
2004 **Saltitão** 2º Ano - Língua Portuguesa, Edições Gailivro, 989-557-052-x
- TORRES, Noémia
2004 **Pirilampo**, Edições Nova Gaia, 972-712-323-6
- PINTO, Ana; CARNEIRO, Maria Aurélia
2004 **Eu e o Bambi 2** - Língua Portuguesa, Porto Editora, 972-0-11282-4
- NETO, Hortência
2004 **(Novo) Despertar** - Língua Portuguesa - 2º Ano, Edições Livro Directo, 972-8537-62-X
- ANTUNES, Felisbina; LEMOS, Fátima
2004 **Trampolim 2** - Língua Portuguesa, Porto Editora, 972-0-11132-1
- SILVA, Conceição Vieira; MONTEIRO, Maria de Lurdes
2004 **Júnior** - Língua Portuguesa 2.º ano, Texto Editores, Lda., 972-47-2565-0

3.º Ano

- PEREIRA, Cláudia; BORGES, Isabel; RODRIGUES, Angelina; AZEVEDO, Luísa
2005 **Língua Portuguesa 3** - 3.º Ano, Areal Editores, 972-627-768-X
- ROCHA, Alberta; LAGO, Carla; LINHARES, Manuel
2005 **Amiguinhos** Língua Portuguesa 3.º ano, Texto Editores, Lda., 972-47-2799-8
- MONTEIRO, João; PAIVA, Miguel
2005 **As Leituras do João** 3º Ano, Edições Gailivro, 989-557-184-4
- TORRES, Noémia
2005 **Pirilampo**, Edições Nova Gaia, 972-712-395-3
- ANTUNES, Felisbina; LEMOS, Fátima
2005 **Trampolim 3** - Língua Portuguesa - 3.º Ano, Porto Editora, 972-0-11133-x
- SILVA, Conceição Vieira; MONTEIRO, Maria de Lurdes
2005 **Júnior Língua Portuguesa** 3.º ano, Texto Editores, Lda., 972-47-2794-7
- DINIS, Maria da Conceição; FERREIRA, Luís
2005 **Caminhos** - Língua Portuguesa - 3.º Ano, Porto Editora, 972-0-11123-2
- MONTEIRO, António
2005 **Fio de Prumo** - Língua Portuguesa - 3.º Ano, Livraria Arnado, 972-701-152-7

- NETO, Hortência
2005 (Novo) **Despertar** - Língua Portuguesa - (3.º Ano), Edições Livro Directo, 972-8537-70-0
- GONÇALVES, Armando; MARQUES, Maria José; COLAÇO, Anabela
2005 Língua Portuguesa 3º ano – **Giroflé**, Santillana-Constância, 972-761-465-5

4.º Ano

- MONTEIRO, João; PAIVA, Miguel
2002 **As Leituras do João** - 4º Ano, Edições Gailivro, 972-8473-99-0
- NETO, Hortência
2002 **Despertar** Língua Portuguesa 4º Ano, Edições Livro Directo, 972-8537-34-4
- GONÇALVES, Armando
2002 **Projecto Vila Moinho** - Língua Portuguesa 4º, Constância Editores, S.A., 972-761-351-9
- LIMA, Fátima; DINIS, Maria da Conceição
2002 **Aventura das Letras 4** - Língua Portuguesa - 4º Ano, Porto Editora, 972-0-11254-9
- PINTO, Ana; CARNEIRO, Maria Aurélia
2002 **Bambi 4** - Língua Portuguesa - 4º Ano, Porto Editora, 972-0-11209-3
- MONTEIRO, António
2002 **Supersabichão 4** - Língua Portuguesa - 4º Ano, Livraria Arnado, 972-701-133-0
- TORRES, Noémia
2002 **Pirilampo** e Caderno de Apoio, Edições Nova Gaia, 972-712-263-9
- MOTA, António
2002 **Caminhar** - Leituras 4º Ano, Edições Gailivro, 972-8473-00-1
- MARQUES, Conceição; TIMÓTEO, Nelson
2002 **Pequenos Leitores 4** - Língua Portuguesa - 4º Ano, Porto Editora, 972-0-11264-6
- CAMPOS, Helena; REIS, José
2002 **O Encanto da Leitura**, Edições Nova Gaia, 972-712-249-3

ANEXOS

Anexo I

Mensagens poéticas por categoria, ano lectivo e manual escolar.

Quadro I – N.º de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar para o 1º Ano do Ensino Básico

Categoria/ Manual	Fio-de-Prumo	Leituras do João	Bambi	Caminhos	Amiguinhos	Júnior	Vá de Roda	Letrinhas 1	Despertar	Letrinhas 2
A Família	5		3		1		2			
<u>Celebrações</u>	2									
A Criança			2					1		1
A Escola	1		3	1			1			1
<u>Amizade</u>	1									
A Sociedade										
<u>Educação para a Cidadania</u>										
Liberdade										
Paz e Amor	2									
Igualdade e Diversidade	1									
Educação para a Saúde e Educação Cívica	3									1
Ambiente	2		1							
<u>Identidades</u>	2									1
<u>A Vida quotidiana</u>	2									
Total de Poemas	21	0	9	1	1	0	3	1	0	4
Total de Alunos	14424	13419	10106	9906	9693	8476	6834	5952	5160	4570

Quadro II – N.º de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar para o 2º Ano do Ensino Básico

Categoria/ Manual	Amiguinhos	Leituras do João	Caminhos	Fio-de-prumo	Saltitão	Pirilampo	Bambi	Despertar	Trampolim	Júnior
A Família	1	5	7	4	1	6	1	6		5
<u>Celebrações</u>	1	4	4		1	2	1	5		3
A Criança	1		1			1	2		2	
A Escola	2	2	4	2	1	2	1	3	4	4
<u>Amizade</u>	4	4	3				1	1	4	1
A Sociedade										
<u>Educação para a Cidadania</u>										
Liberdade						1				
Paz e Amor	1		1					1	1	
Igualdade e Diversidade	3		1							1
Educação para a Saúde e Educação Cívica	2	3	5	7	2	5	1			1
Ambiente		1	1	2			1	1		1
<u>Identidades</u>		1		3	1	4		3		1
<u>A Vida quotidiana</u>	1	2		4			1	2	1	1
Total de Poemas	16	22	29	22	7	20	10	22	12	18
Total de alunos	26263	18131	13021	11740	7848	7528	7123	7055	6973	4043

Quadro III – N.º de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar, para o 3º Ano do Ensino Básico

Categoria/ Manual	Língua Portuguesa	Amiguinhos	Leituras do João	Pirilampo	Trampolim	Júnior	Caminhos	Fio-de-prumo	Despertar	Giroflé
A Família	3	1	5		1		2	6	3	4
<u>Celebrações</u>	1		3	2		1	1	5	2	2
A Criança	2	1		2			2	4		
A Escola		1	1	1	1	1	4	4	1	3
<u>Amizade</u>			2	1	1		2	1	2	
A Sociedade										
<u>Educação para a Cidadania</u>										
Liberdade	1						2	1	2	
Paz e Amor				1			1	1	2	1
Igualdade e Diversidade		2			1			2		
Educação para a Saúde e Educação Cívica		1	3		2			6	3	1
Ambiente		1		3	1	1	1	3	3	
<u>Identidades</u>		1					1	6	4	2
<u>A Vida quotidiana</u>		1	3	1	3		1	3		1
Total de Poemas	7	9	17	11	15	3	17	42	22	14
Total de Alunos	22482	22165	10706	10356	9515	8040	6836	6469	6266	5919

Quadro IV – N.º de mensagens poéticas por categoria e por manual escolar para o 4º Ano do Ensino Básico

Categoria/ Manual	Leituras do João	Despertar	Vila Moinho	Aventura Letras	Bambi	Supersabichão	Pirilampo	Caminhar	Pequenos Leitores	Encanta Leitura
A Família	7	4		3	3	1	2	3	7	4
<u>Celebrações</u>	1	2		1		1	3		3	6
A Criança		1			2				1	
A Escola		2	1	1	4	1	1		3	4
<u>Amizade</u>	1	3			6		1	1	2	2
A Sociedade										
<u>Educação para a Cidadania</u>										
Liberdade		1		1					1	
Paz e Amor		2		1	1	2	1			
Igualdade e Diversidade						2	2		3	
Educação para a Saúde e Educação Cívica	4	1					2		2	
Ambiente	1	1		1		3	1		1	2
<u>Identidades</u>	2	3	1	3	2	3	2	1	3	20
<u>A Vida quotidiana</u>	4			4	3	6		2	5	6
Total de Poemas	20	24	2	16	23	19	16	7	31	44
Total de Alunos	20728	17631	11513	9058	7673	6679	6635	5413	4665	2753

Anexo II

Tabelas de identificação de poemas e respectiva localização, por categoria.

Tabela I

Identificação dos poemas relativos à categoria «Família» e respectiva localização.

Tabela II

Identificação dos poemas relativos à categoria «Criança» e respectiva localização.

Tabela III

Identificação dos poemas relativos à categoria «Escola» e respectiva localização.

Tabela IV

Identificação dos poemas relativos à categoria «Sociedade – Educação para a Cidadania» e respectiva localização.

Tabela V

Identificação dos poemas relativos à categoria «Soceidade - Identidades» e respectiva localização.

Tabela VI

Identificação dos poemas relativos à categoria «Sociedade – Vida Quotidiana» e respectiva localização.

Tabela I

Identificação dos poemas relativos à categoria «Família» e respectiva localização.

Categoria - Família

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Encanto da Leitura 4 p.138	Era uma vez...	Afonso Lopes Vieira	Obra Poética
Júnior 2 p.114 -115	A rugir é que a gente se entende	Alexandre Honrado	Histórias que apanharam Bicho
Caminhos 3 p.10	Histórias de encantar	Alexandre parafita	Bruxas feiticeiras e as suas maroteiras
Amiguinhos 3 p.10	Histórias de encantar	Alexandre parafita	Bruxas feiticeiras e as suas maroteiras
Júnior 3 p.34	O galo e a galinha	Alice Vieira	Eu bem vi nascer o sol
Despertar 2 p.136	Minha mãe, minha rainha!	Alunos	Despertar
Despertar 4 p.151	Quadras Populares	António Aleixo	—
Pequenos Leitores 4 p.71	A Lua	António Gedeão	História breve da lua
Giroflé 3 p.25	Outono	António Manuel Couto Viana	—
Júnior 2 p.31	O avô Inverno	António Manuel Couto Viana	(adaptado)
Bambi 1 p.60	Guloseimas partilhadas	António Manuel Couto Viana	Versos de palmo e meio
Fio-de-Prumo 3 p. 20	A canção da pontuação	António Monteiro	Tagarela
Leituras João 2 p. 40	Menina bonita	António Mota	Se tu visses o que eu vi
Caminhar 4 p.138	Mãe	António Mota	—
Caminhar 4 p.138	Pai	António Mota	—
Leituras do João 4 p.143	As férias batem à porta	António Mota	Onde tudo aconteceu
Saltitão 2 p.152	As férias batem à porta	António Mota	Onde tudo aconteceu
Júnior 2 p.48	O pato do tio Pedro	António Torrado e outros	Nós
Encanto da Leitura 4 p.83	A árvore e o ninho	Bernardo de Passos	Grão de trigo
Pirilampo 3 p.118	Para a minha mãe	Campos de Oliveira	—
Língua Portuguesa 3 p.142	Para a minha mãe	Campos de Oliveira	—
Fio-de-Prumo 3* p.25	Papá que lê	Carlos Pinhão	Sete Setas
Júnior 2 p. 18-19	Em família	Carolina Monteiro, Maria Monteiro	—

(Continuação) Categoria - Família

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Pequenos Leitores 4 p.93	Pai	Conceição Marques	Não publicado
Leituras do João 3 p.100	Pai	Conceição Marques	—
Leituras do João 2 p.104	Ao telefone	Esther de Lemos	Primeira Aventura
Pirilampo 4 p.126	Mãe	Esther de Lemos	—
Aventura das Letras 4 p.64	Chegou o Inverno	Eugénio de Andrade	Aquelas Nuvens e Outras (2001)
Caminhos 2 p.62	Chegou o Inverno	Eugénio de Andrade	—
Giroflé 3 p.73	Chegou o Inverno	Eugénio de Andrade	—
Encanto Leitura 4 p.74-75	A princesa loira	Fernanda de castro	O enxoval da boneca
Pirilampo 4 p.84	Era uma vez uma princesa	Fernanda de castro	O enxoval da boneca
Pequenos Leitores 4 p.36	Nova História Capuchinho Vermelho	Fernanda Montenegro	Não Publicado
Pirilampo 3 p.114	Pombo carteiro	Fernando Cardoso	—
Leituras do João 2 p.42	Pombo carteiro	Fernando Cardoso	—
Encanto da Leitura 4 p.82	Ter um Pai	Florbela Espanca	—
Fio-de-Prumo 1* p.21	Pai... Avô...	Gaspar Cruz	Fio-de-Prumo
Fio-de-Prumo 1* p.24	Dia da Mãe	Gaspar Cruz	—
Fio-de-Prumo 1* p.27	O Papelito vai de férias	Gaspar Cruz	Fio-de-Prumo
Despertar 2 p.136	Dia da Mãe	Helena Margarida Araújo	—
Fio-de-Prumo 3 p.29	Maria	Isabel lamas	O livros das canções
Fio-de-Prumo 2 p.43	Retratos de Família	Isabel Lamas	Contos grandes, pequenos e assim-assim
Fio-de-Prumo 2 p.44	Chegou um bebé	Isabel Lamas	Histórias Mágicas para Crianças
Fio-de-prumo 2 p. 65	O pompom	Isabel lamas	Histórias Mágicas para crianças
Fio-de-Prumo 3 p.68	O casamento do pargo	Isabel Lamas	O Pai Natal Quer Ser Poeta
Despertar 4	Tendo a mãe de se ausentar	João de Deus	—
Caminhar 4 p.62	O eléctrico	João Pedro Mésseder	—

(Continuação) Categoria - Família

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Amiguinhos 2 p.108	Vento	Jorge Sousa Braga	Herbário
Fio-de-Prumo 3 p.25	Vou ter um irmão	José Jorge Letria	Vou ter um irmão
Caminhos 3 p.38	Vou ter um irmão	José Jorge Letria	Vou ter um irmão
Amiguinhos 2 p.42	Parabéns a você!	José Jorge Letria	Parabéns a você
Pirilampo 3 p.42	Parabéns a você!	José Jorge Letria	Parabéns a você
Fio-de-Prumo 3 p.106	Dia da Mãe	José Jorge Letria	A Minha Mãe
Bambi 4 p.11	Sonhar, é preciso	José Vaz	O Nó da Corda Amarela
Fio-de-Prumo 3* p.14	Carta ao Pai Natal	Knister	A bruxinha Lili
Leituras do João 4 p.143	Viva o Verão	Lourdes Custódio	Dias Especiais no Jardim de Infância
Despertar 3 p.164	Verão	Lourdes Custódio	Dias Especiais no Jardim de Infância
Fio-de-Prumo 1 p.140	Verão	Lourdes Custódio	Dias Especiais no Jardim de Infância
Fio-de-Prumo 3 p.88	Dia do Pai	Luís Cruz	Festividades
Leituras do João 3 p. 8	A almofada de Luar	Luís Infante	Poemas pequenos para meninas e meninos
Leituras do João 4 p.120	Obrigado, Mãe	Luís Monte Branco	—
Pirilampo 2 p.144	O castelo de areia	Luísa Ducla Soares	—
Despertar 3 p.31	À mesa	Luísa Ducla Soares	—
Pequenos Leitores 4 p.34	Noite	Luísa Ducla Soares	Poemas da verdade e mentira
Despertar 2 p.143	Criança sofre...	Luísa Ducla Soares	—
Giroflé 3 p.88	A mãe	Luísa Ducla Soares	Poemas da Mentira e da Verdade
Encanto Leitura 4 p.117	A mãe	Luísa Ducla Soares	Poemas da Mentira e da Verdade
Pequenos Leitores 4 p.128	A mãe	Luísa Ducla Soares	Poemas da Mentira e da Verdade
Despertar 2	A mãezinha canta	Manuel Bandeira	—
Despertar 4 p.150	Dorme, meu filhinho	Manuel Bandeira	—
Júnior 2 p.112-113	Lado a lado	Maria Alberta Menéres	Conto Inédito

(Continuação) Categoria - Família

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Trampolim 3 p.22	Dois irmãos	Maria Alberta Menéres	Conto estrelas em ti
Despertar 2 p.27	Álbum de família	Maria Alberta Menéres	—
Bambi 2 p.29	Na Toca	Maria Alberta Menéres	No coração do trevo
Caminhos 2 p.85	De noite e de dia	Maria Alberta Menéres	Conversas com versos
Caminhos 2 p.123	Mãe	Maria Alberta Menéres	O Poeta faz-se aos dez anos
Pirilampo 2 p.104	Para o dia do Pai	Maria Aparecida	—
Encanto Leitura 4 p.112	O senhor Vento	Maria Eulália de Macedo	Brincar também é poesia
Giroflé 3 p.149	Verão	Maria Isabel M. Soares	Histórias das 4 estações
Despertar 2 p.151	Verão	Maria Isabel M. Soares	365 Histórias de Encantar
Leituras do João 2 p.131	Verão	Maria Isabel M. Soares	365 Histórias de Encantar
Caminhos 2 p.139	Verão	Maria Isabel M. Soares	365 Histórias de Encantar
Pirilampo 2 p.142	Verão	Maria Isabel M. Soares	365 Histórias de Encantar
Pirilampo 2 p.80	Todos trabalham	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Pequenos Leitores 4 p.139	Lição no Verão	Maria Isabel Mendonça Soares	Histórias das 4 Estações
Língua Portuguesa 3 p.114	Dia do Pai	Maria Mazzetti	—
Júnior 2 p.78-79	A água	Maria Monteiro e Carolina Lagarto	—
Bambi 4 p.25	Outono	Mário Castrim	Histórias com juízo
Despertar 2 p.21	Outono	Mário Castrim	Histórias com juízo
Despertar 4 p.32	Outono	Mário Castrim	Histórias com juízo
Leituras do João 4 p.104	Pai	Marques Portugal	—
Pequenos Leitores 4 p.53	Presentinho de Natal	Matilde Rosa Araújo	O Livro da Tila
Leituras do João 4. 120	Amor	Matilde Rosa Araújo	O Livro da Tila
Pirilampo 2 p.124	A mãe	Matilde Rosa Araújo	—
Leituras do João 4 p.141	Teia	Matilde Rosa Araújo	O Cantar da Tila

(Continuação) Categoria - Família

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Trampolim 3 p.46	Canção da lua	Nuno Higinio	—
Bambi 1 p.76	A menina gotinha de água	Papiano Carlos	A menina Gotinha de Água
Caminhos 2 p.76	A menina gotinha de água	Papiano Carlos	—
Supersabichão 4 p.48	Sonhei	Paulo Marques	Rua Sésamo nº67 TV Guia Edição
Fio-de-Prumo 3 p.85	Não tenho medo de nada	Pedro Bandeira	Eu sou criança
Caminhos 2 p.18	Brincar, brincar	Popular	—
Despertar 3 p.137	Com 3 letrinhas apenas	Popular	—
Vá de Roda 1 p.108	O urso de corda	—	—
Fio-de-Prumo 1 p.88	À beira-mar	—	—
Leituras do João 2 p.116	Para ti, mãezinha	—	Verbo
Leituras do João 3 p.143	A cegonha de Paris	—	—
Vá de Roda 1 p.150	O João brincalhão	—	—
Bambi 1 p.58	Pato marreco	Sidónio Muralha	Bichos bichinhos e bicharocos
Amiguinhos 1 p. 128	Gatos aos quadrinhos	Sidónio Muralha	Voa pássaro voa
Leituras João 3 p.141	Pato marreco	Sidónio Muralha	Bichos bichinhos e bicharocos
Leituras do João 4 p.141	Pato marreco	Sidónio Muralha	Bichos bichinhos e bicharocos
Leituras do João 2 p.36	Lengalenga	tradicional	—
Leituras do João 2 p.65	Neve a tombar	Tradicional	—
Aventura das Latras 4 p.114	Dia da Mãe	tradicional	—
Aventura das Letras 4 p.130	Canção de roda	Tradicional	—
Bambi 4 p. 37	Gémeos	Vinícius de Moraes	Palavras de Cristal, org. Fernando Camacho
Caminhos 2 p.124	A borboleta	Violeta figueiredo	Fala bicho
Trampolim 3 p.116	Palavras...	José Jorge Letria	Versos para os pais lerem aos filhos (2003)

(Continuação) **Categoria – Família – Celebrações e Tradições**

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Leituras do João 3 p.57	É Natal	—	(Canção)
Supersabichão 4. 61	Uma noite de Natal	—	Textode Rua Sésamo, n.º100, TV guia Edição
Encanto da Leitura 4 p.34	As prendas	adaptação	—
Despertar 4 p.53	Natal de Jesus	Adolfo S. Muller	—
Despertar 3 p.59	O nosso Menino	Afonso Lopes Vieira	—
Pequenos Leitores 4.130	O Menino Jesus	Alberto Caeiro	Obra Poética de Fernando Pessoa
Giroflé 3 p. 76	Noite de Reis	Alunos...	—
Aventura Letras 4 p. 104	Páscoa no Minho	António M.Couto Viana	Antologia
Leituras do João 3 p.36	Os dias da semana	António Manuel Couto Viana	—
Leituras do João 2 p.26	Dia a dia	António Manuel Couto Viana	—
Leituras do João 4 p.57	Figos, passas e pinhões	António Mota	—
Saltitão 2 p.59	A noite das prendas	António Mota	Onde tudo aconteceu
Despertar 2 p. 53	Pastorinhos do deserto	Cancioneiro Teófilo Braga	—
Caminhos 2 p. 66	As Janeiras	Cancioneiro Popular Português	—
Despertar 2 p.69	As Janeiras	Cancioneiro Popular Português	—
Despertar 4 p.76	As Janeiras	Cancioneiro Popular Português	—
Fio-de-Prumo 1 p.53	As Janeiras	Cancioneiro Popular Português	—
Despertar 2 p.124	Coelhinho de Páscoa	Cecília Brasil	—
Pequenos Leitores 4 p.51	No Natal	Conceição Marques	Não publicado
Pequenos Leitores 4 p.106	Páscoa na aldeia	Conceição Marques	Não publicado
Bambi 2 p. 54	Pinheirinhos de Natal	—	365 dias de encantar
Leituras do João 2 p.45	O estorninho toca o sino	Ttradicional	—

(Continuação) Categoria – Família – Celebrações e Tradições

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Caminhos 2 p.55	Catrapás, catrapás	Fernando Pessoa	—
Pirilampo 2 p.20	Catrapás, catrapás	Fernando Pessoa	—
Junior 2 p.87	Catrapás, catrapás	Fernando Pessoa	—
Despertar 2 p.64	Jesus, Tu vais nascer!	Franclim Neto	—
Fio-de-Prumo 1* p.13	O Natal está a chegar...	Gaspar Cruz	—
Fio-de-Prumo 3* p.13	Um poema de Natal...	Isabel Lamas	O Pai Natal Quer Ser Poeta
Fio-de-Prumo 3 p.49	Ninguém acredita	Isabel Lamas	Contos Grandes, Pequeninos e Assim-Assim
Pirilampo 4 p.58	Que tristeza	Isabel Lamas	—
Fio-de-Prumo 3* 13	Querido Pai Natal	Knister	A bruxinha Lili
Fio-de-Prumo 3 p.49	Vem aí o Natal	Lourdes Custódio	No Jardim-de-infância
Caminhos 2 p. 52	Vem aí o Natal	Lourdes Custódio	No Jardim-de-infância
Caminhos 3.60	Dia de Natal	Lúsa Ducla Soares	Conto Estrelas em Ti
Despertar 2 p.58	Pai Natal	Lúsa Ducla Soares	—
Júnior 2 p. 36	Dia de Natal	Lúsa Ducla Soares	Conto Estreças em Ti
Giroflé 3 p.61	O Natal	Maria Alzira Machado	—
Encanto da Leitura 4 p.99	O ramo	Maria Belmira	—
Pirilampo 4.56;	A árvore enfeitada	Maria Isabel Mendonça Soares	Dias de Festa e outras histórias
Língua Portuguesa 3 p.64	A árvore enfeitada	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Despertar 3 p.64	Fios brilhantes	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Pirilampo 2 p.112	Páscoa na aldeia	Ozéria Alinho	—
Leituras do João 2 p.54	Menino dormindo	Pedro H. De Melo	—
Leituras do João 3 p.57	Menino dormindo	Pedro Homem Melo	—
Leituras do João 2 p.50	Versos ao Menino Jesus	Popular	—
Encanto da Leitura 4 p.39	Dia de Reis	Romanceiro Tradicional	—
Bambi 2 p.43	Lá fora a chuva cai...	—	Verbo infantil
Júnior 2 p.37	Entraí pastores	—	—

Tabela II

Identificação dos poemas relativos à categoria «Criança» e respectiva localização.

Categoria – Criança

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Amiguinhos 2 p.24	O indeciso	José Jorge letria	O que eu quero ser...
Bambi 2 p.110	A lagarta	Alice gomes	—
Letrinhas 2 p.62	A lagarta	Alice gomes	—
Bambi 1 p.88	Pinguim	Alice Gomes	Barca no Rio
Bambi 1 p.84	Como és tu?	Antº Manuel Couto Viana	Versos de palmo e meio
Saltitão 2 p.107	Semei no meu quintal	António Mota	Se tu visses o que eu vi
Bambi 2 p.44	A bailarina	Cecília Meireles	—
Bambi 4 p.120	Ou isto ou aquilo	Cecília Meireles	—
Fio-de-Prumo 1 p.94	Se tu visses o que eu vi	Emília Gonçalves	No castelo das letras
Caminhos 2 p.30	Vejam como cresci	Fátima Lima	Girassol
Caminhos 3 p.140	Vozes de adultos	João Pedro Messedér	Versos com reversos
Bambi 4 p.29	Quando eu for grande quero ser...	José Jorge Letria	O que eu quero ser...
Fio-de-Prumo 3 p.80	Astronauta	José Jorge Letria	O que eu quero ser...
Fio-de-Prumo 3 p.110	Jornalista	José Jorge Letria	O que eu quero ser...
Pirilampo 3 p.26	Médico	José Jorge Letria	O que eu quero ser
Trampolim 2 p.137	É tão bom não ter juízo!	Luisa Ducla Soares	Conto estrelas em ti
Pirilampo 2 p.46	Crescer, crescer	Luisa Ducla Soares	É preciso crescer
Língua Portuguesa 3 p.22	Crescer, crescer	Luisa Ducla Soares	—
Amiguinhos 3 p.30	A ana quer	Manuel Antº Pina	Pássaro da cabeça
Pequenos Leitores 4 p.8	Um dia...	Maria Alberta Menéres (aluno)	O poeta faz-se aos 10 anos
Caminhos 3 p.132	As crianças	Maria Natália Miranda	Emanuel, coração de mel
Fio-de-Prumo 3 p.117	Cavalinho, cavalinho	Matilde Rosa Araújo	O Livro da Tila
Trampolim 2 p.36	Cavalinho, cavalinho	Matilde Rosa Araújo	—
Letrinhas 1 p.70	Que confusão	Patrícia Joyce	—

(Continuação) Categoria – Criança

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Língua Portuguesa 3 p.134	Balancé	Patrícia Joyce	—
Fio-de-Prumo 3 p.122	Direitos da criança	Ruth Rocha	Os direitos da criança
Pirilampo 3 p.102	Escolha difícil	Soledade Martinho Costa	—
Despertar 4 p.84	Lengalengas	Tradicional	—
Caminhos 2 p.16	Abecedário sem juízo	Luísa Ducla Soares	Poemas da mentira... e da verdade (1983)
Amiguinhos 1 p. 122	Abecedário sem juízo	Luísa Ducla Soares	Poemas da mentira... e da verdade (1983)
Giroflé 3 p.78	Abecedário sem juízo	Luísa Ducla Soares	Poemas da mentira... e da verdade (1983)
Saltitão 2 p.45	Numa casa muito estranha	António Mota	—
Leituras do João 2 p.28	Numa casa muito estranha	António Mota	Se tu visses o que eu vi
Caminhar 4 p.28	Numa casa muito estranha	António Mota	—
Trampolim 2 p.138	Tudo ao contrário	Luísa Ducla Soares	Poemas da mentira... e da verdade (1983)
Amiguinhos 1 p.124	Tudo ao contrário	Luísa Ducla Soares	Poemas da mentira... e da verdade
Giroflé 3 p.76	Tudo ao contrário	Luísa Ducla Soares	—
Leituras do João 3 p.68	Tudo ao contrário	Luísa Ducla Soares	Poemas da mentira... e da verdade

Tabela III

Identificação dos poemas relativos à categoria «Escola» e respectiva localização.

Categoria – Escola			
Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Bambi 2	As cores da escola	—	—
Pirilampo 2 p. 34	As vinte e três letras	Adélia Grande	O João, a Joana e Eu
Leituras do João 3 p.12	Era uma vez um pião	Alexandre Parafita	A mala vazia e algumas histórias de tradição oral
Giroflé 3 p.26	Chega o Outono	Alice Gomes	Bichinho Poeta
Leituras João 2 p. 8	Partida	Alice Gomes	Bichinho Poeta
Caminhos 2 p. 24	Chega o Outono	Alice Gomes	Bichinho Poeta
Encanto Leitura 4 p.134	Tu sabes, professor...	Alice Gomes	Cartaz das Edições Itau
Trampolim 3 p.126	A idade dos porquês	Alice Gomes	Brincar também é poesia
Encanto da Leitura 4 p.100	No futuro	Álvaro Faustino	Adaptação (internet)
Encanto da Leitura 4 p.81	Viajar é descobrir	Alves redol	—
Saltitão 2 p.91	Um lugar vazio	António Mota	Onde tudo aconteceu
Júnior 2 p.22-23	Dona Mochila Amarela	Carolina Lagarto	—
Júnior 3 p.8	Juntos de Novo	Carolina Lagarto e Maria Monteiro	—
Trampolim 2 p.88	O menino azul	Cecília Meireles	Ou isto ou aquilo

(Continuação) Categoria - Escola

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Aventuras das Letras 4 p.18	Quando a chuvinha cai...	Esther de Lemos	A menina de Porcelana
Pirilampo 2 p.10	A caminho da escola	Francisca Naros	—
Despertar 4 p.5	O Verão está a acabar	Franclim Neto	—
Caminhos 3 p.72	Pão e peão	Garcia Barreto	O luxo da gata Mafalda
Fio-de-Prumo 2 p.5	A escola	Isabel Lamas	Histórias mágicas para crianças
Pirilampo 4 p.10	Calma!	Isabel Lamas	adaptado
Trampolim 2 p.8	Eu vou para a escola	José Jorge Letria	Eu vou para a escola (2001)
Supersabichão 4 p.7	Já tenho a mochila pronta	José Jorge letria	Eu vou para a Escola
Despertar 3 p.10	Eu vou para a escola	José Jorge Letria	—
Fio-de-Prumo 3* p.6	Na escola	José Jorge Letria	Eu Vou Para a Escola
Amiguinhos 2 p.12	Era uma vez um livro	José Jorge Letria	O Livro das rimas traquinas
Bambi 1 p.64	Pica-pau	Leonel Neves	Bichos de trazer por casa
Fio-de-Prumo 2 p.8	Reunião de pais	Lourdes Custódio	No Jardim de Infância
Fio-de-Prumo 1* p. 22	Ler	Lourdes Custódio	Dias Especiais
Pequenos Leitores 4 p.124	18 de Maio Dia dos Museus	Lourdes Custódio	Dias especiais
Amiguinhos 3 p.6	As aulas vão começar	Luísa Ducla Soares	Texto inédito
Trampolim 2 p.41	Livro	Luísa Ducla Soares	Poemas da Mentira e da Verdade
Giroflé 3 p.13	Livro	Luísa Ducla Soares	—
Fio-de-Prumo 3 p.2	Livro	Luísa Ducla Soares	—
Despertar 2 p.25	Quem sou eu?	Mª Helena Araújo	—
Despertar 2 p.26	Quem sou eu?	Mª Helena Araújo	—
Despertar 2 p.5	Sei ler (c/ supressões)	Mª Isabel César Anjo	Na rota das palavras
Caminhos 1 p.136	Sei ler (c/ supressões)	Mª Isabel César Anjo	—

(Continuação) **Categoria - Escola**

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Júnior 2 p.8-9	Agora vou ler	Mª Isabel César Anjo	—
Caminhos 3 p.8	O livro	Mª Isabel César Anjo	Carta à minha professora
Encanto da Leitura 4 p.89	Perguntas leva-as o mar	Maria Cândida mendonça	O livro do faz-de-conta
Letrinhas 2 p.54	Eu já sei ler!	Maria Delta	Folhas que o vento arrancou
Fio-de-Prumo 3 p.57	O recreio	Maria Helena	Descobrir as palavras
Pequenos Leitores 4 p.18	Orgãos dos sentidos	Maria Helena Amaro	Não publicado
Leituras do João 2 p.133	A escola dos bichinhos	Maria Isabel M. Soares	Histórias das 4 Estações
Bambi 2 p.102	A escola dos bichinhos	Maria Isabel M. Soares	—
Giroflé 3 p.96	A escola dos bichinhos	Maria Isabel M. Soares	—
Pequenos Leitores 4 p.139	A escola dos bichinhos	Maria Isabel M. Soares	—
Pirilampo 3 p.122	Brincadeiras	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Bambi 4 p.87	Jogo do pião	Matilde Rosa Araújo	Segredos e brinquedos
Bambi 4 p.43	A pinha	Matilde Rosa Araújo	As fadas verdes
Bambi 4 p.43	O Rapa	Matilde Rosa Araújo	Segredos e Brinquedos
Caminhos 3 p.61	O Rapa	Matilde Rosa Araújo	—
Bambi 4 p.17	O jantarinho	Natércia Rocha	Verso aqui verso acolá
Bambi 1 p.66	O Sol brincalhão	Raquel Delgado	A bola amarela
Fio-de-Prumo 3* p.30	Livros	Rosa Lobato Faria	ABC das Coisas Mágicas
Vá-de-roda 1 p.3	Dá-me a tua mão, anda daí	—	—
Amiguinhos 2 p.6	Acabaram-se as férias	—	—
Bambi 1 p.76	A joana lê o Bambi	—	—
Despertar 4 p.14	Recompensa	Sidónio Muralha	Verso Aqui, Verso Acolá
Caminhos 2 p.80	Bichinho-de-conta	Sidónio Muralha	Bichos, bichinhos, bicharocos
Junior 2 p.42-43	Há tanto que descobrir	UNICEF	—

(Continuação) Categoria – Escola – Amizade

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Despertar 4 p.112	O canto da rola	Afonso Lopes Vieira	—
Caminhos 3 p.53	Amigo	Alexandre O'Neill	—
Trampolim 2 p.22	Bichinho Poeta	Alice Gomes	Bichinho poeta (1973)
Supersabichão 4 p.75	António Aleixo	António Aleixo	Este livro que vos deixo
Trampolim 3 p.94	A janela e o barco	António Torrado	Conto estrelas em ti (2001)
Pequenos Leitores 4 p.119	Somos meninos do mundo	Armindo Gregório	Somos meninos... Espaço OIKOS
Leituras do João 2 p.128	Amigo, Amigão!	Armindo Reis	Amigo, Amigão! Gailivro
Aventuras das Letras 4 p.68	Nasce uma fonte	Augusto Gil	Poesias
Pequenos Leitores 4 p.122	Os dois lados do mundo	Camilo Jorge Glória	História da Maria dos Olhos Grandes
Bambi 4 p.25	O eco	Cecilia Meireles	Palavras de cristal
Trampolim 2 p.86	As meninas	Cecilia Meireles	Ou isto ou aquilo, Ed. Nova Fronteira (1990)
Caminhar 4 p.16	A pombinha da mata	Cecilia Meireles	—
Caminhos 3 p.83	Olá palhacito	Conceição Dinis	(2004)
Caminhos 3 p.78	Leonardo e o gato pardo	Eduardo Valente da Fonseca	Cães, pedras, paus e gazeles
Trampolim 2 p.14	O pastor	Eugénio de Andrade	Aquela Nuvem e Outras (1999)
Pequenos Leitores 4 p.32	As estrelas	Fernando Marques	Não publicado
Supersabichão 4 p.97	A chuva é frio que dói	Fernando Miguel Bernardes	Uma estrela na mão
Leituras do João 3 p.139	Segredo	Henriqueta Lisboa	—
Supersabichão 4 p.71	O rio	Irene Gil	Ler para crescer
Encanto da Leitura 4 p.135	De mãos dadas...	Isabel César Anjo	—
Giroflé 3 p.88	A cigarra e a formiga	João de Deus	Campo das Flores
Trampolim 2 p.12	De que cor?	João Pedro Messedér	De que cor é o desejo? (2000)
Júnior 2 p. 35	Boa noite João Pestana	José Jorge Letria	Versos de fazer ó ó
Amiguinhos 2 p.44	Troca de letras	José Paulo Paes	Roda Pião (adaptado)

(Continuação) Categoria – Escola - Amizade

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Pirilampo 2 p.22	O elefante	José Vaz	O Nó da Corda Amarela
Caminhos 2 p.58	Um amigo	Leif Kristianson	Um amigo
Despertar 3 p.7	Um amigo	Leif Kristianson	—
Bambi 4 p.57	Um amigo	Leif Kristianson	—
Aventura das Letras 4 p.98	A onda do mar	Lucinda Atalaia	Ler... ouvir e contar (1988)
Encanto da Leitura 4 p.71	Letra puxa palavra	Luisa Ducla Soares	Verso aqui verso acolá
Fio-de-Prumo 1* p.16	Coelhinho branco	Luisa Ducla Soares	Arca de Noé
Leituras do João 2 p.78	O caracol	Luisa Ducla Soares	Rua Sésamo
Encanto da Leitura 4 p.25	Um amigo	Luisa Ducla Soares	A Gata Tareca
Leituras do João 2 p.12	A lengalenga do vento	Maria Alberta Menéres	Lengalenga do vento
Leituras do João 4 p.58	A lengalenga do vento	Maria Alberta Menéres	—
Pirilampo 4 p.16	A lengalenga do vento	Maria Alberta Menéres	—
Leituras do João 3 p.44	A fonte	Maria Alberta Menéres	No coração do trevo
Despertar 4 p.148	Cantinelas	Maria Alberta Menéres	—
Bambi 4 p.124-125	O choupo	Maria Alberta Menéres	No coração do trevo
Caminhos 2 p.76	O búzio mágico	Maria Isabel M. Soares	365 Histórias Encantar
Pirilampo 3 p.144	A voz do búzio	Maria Isabel M. Soares	—
Supersabichão 4 p.93	O caracol e a menina	Maria Rosa Colaço	Versos para meninos travessos
Pirilampo 2 p.70	A rua onde moro	Marina Tricânico	—
Bambi 4 p.70	O cavalo e a estrela	Matilde Rosa Araújo	Mistérios
Bambi 4 p.113	Boa noite passarinho	Matilde Rosa Araújo	Mistérios
Encanto da Leitura 4 p.126	O Pastor	Matilde Rosa Araújo	—
Despertar 4 p.103	Segredo	Miguel Torga	Diário VIII
Leituras do João 2 p.88	O menino vento	Narfal e Ofélia Fontes	—

(Continuação) **Categoria – Escola – Amizade**

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Amiguinhos 2 p.18	A amizade	Os autores	—
Amiguinhos 2 p.64	A dança das cores	Os autores	—
Amiguinhos 2 p.36	Orelhudo	Os autores	—
Pequenos Leitores 4 p.60	O mar está perto	Papiano Carlos	A menina gotinha de água
Pirilampo 4 p.68	O mar está perto	Papiano Carlos	A menina gotinha de água
Língua Portuguesa 3 p.58	O mar está perto	Papiano Carlos	A menina gotinha de água
Pirilampo 3 p.78	O mar está perto	Papiano Carlos	A menina gotinha de água
Bambi 2 p.121	Malmequer	Raquel Delgado	—
Encanto da Leitura 4 p.160	Menino, meu irmão!	Ricardo Marques/ M ^a Conceição Campos	O João pateta e os meninos Salva Vidas
Supersabichão 4 p.63	Boneco de neve	Rita Gonzalez	Rua Sésamo nº113 TV Guia Edições
Despertar 3 p.143	Jasmim	Rosa Lobato Faria	—
Caminhos 2 p.108	Jasmim	Rosa Lobato Faria	ABC das flores e dos frutos
Fio-de-Prumo 3* p.127	O sorriso	Rosa Lobato Faria	ABC das Coisas Mágicas
Despertar 2 p.104	Beija-flor	Roseana Murray	—
Bambi 2 p.18	Vizinhos	—	Didactica Dinâmica
Bambi 4 p.95	O segredo	—	Verbo Infantil

Tabela IV

Identificação dos poemas relativos à categoria «Sociedade – Educação para a Cidadania» e respectiva localização.

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania - Liberdade

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Caminhos 3.138	O grilo	Eduardo valente da Fonseca	Cães, pedras. Paus e gazelas
Fio-de-Prumo 3 p.71	O grilo	Eduardo valente da Fonseca	—
Caminhos 3 p.115	Somos livres	Ermelinda Duarte	—
Despertar 4 p.121	É urgente a Liberdade	Franclim Neto	—
Aventura das Letras 4 p.112	O dia 25 de Abril	Luana Lima (Aluna)	—
Despertar 3 p.119	Basta imaginar	Manuel Ant ^o Pina	O Pássaro da cabeça... (1983)
Fio-de-Prumo 3 p.71	Viver em Liberdade	Maria Gracinda C. de Sousa	Bichos na palma da mão...
Pirilampo 2 p.128	Estrela de papel ou Brinquedo	Miguel Torga	Diário I
Língua Portuguesa 3 p.74	Estrela de papel ou Brinquedo	Miguel Torga	—
Despertar 3 p.123	Um passarinho na gaiola	Raquel Delgado	—

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Paz e Amor

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Júnior 1 p.127	A dança do abraço	António Torrado e outros	Lisboa Editora
Pequenos Leitores 4 p.119	Somos meninos do mundo	Armindo Gregório	Somos meninos do mundo, OIKOS
Fio-de-Prumo 1 p.120-121	O sonho da Guida	Emília Quitéria	—
Despertar 3 p.75	É urgente o amor	Eugénio de Andrade	Com supressões
Despertar 4 p.149	Não quero, não	Eugénio de Andrade	Aquela Nuvem e Outras
Aventura das Letras 4 p.6-7	A aventura das Letras	Fátima Lima	—
Leituras do João 4 p.139	Hino à Criança	Fernando Cardoso	Novas Flores para Crianças
Fio-de-Prumo 1* p.14	Todos juntos pela Paz	Gaspar Cruz	—
Pirilampo 3 p.134	Esperança	Hélio da Costa Ferreira	—
Trampolim 2 p.128	Com versos feitos de sonho	José Jorge Letria	Versos para os pais lerem aos filhos... (2003)
Caminhos 2 p.132	O sonho do Sol	Luís Novo	O sonho do Sol
Fio-de-Prumo 3* p.29	A união faz a força	Luísa Ducla Soares	Poemas da Mentira e da Verdade
Caminhos 2 p.130	A união faz a força	Luísa Ducla Soares	—
Despertar 4 p.71	Eu tive um sonho	Maria Luísa Lamela	—
Caminhos 3 p.132	As Crianças	Maria Natália Miranda	Emanuel, coração de mel
Supersabichão 4 p.135	Nós os meninos	Maria Natália Miranda	—
Amiguinhos 2 p.100	Hoje, na televisão	Marina Pacheco – 11 anos	O Mundo da fantasia (1996)
Despertar 3 p.78	Um capacete de Guerra	Sidónio Muralha	—
Despertar 2 p.68	Um capacete de Guerra	Sidónio Muralha	—
Supersabichão 4 p.64	Paz	Sidónio Muralha	Todas Cidades da Terra
Giroflé 3 p.74	Paz	Sidónio Muralha	Versos aqui e acolá
Bambi 4 p.56	Paz	Sidónio Muralha	—
Pirilampo 4 p.60	A Paz	Sidónio Muralha	—
Caminhos 3 p.72	Por coisa de nada	Tradicional	—

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Igualdade e Diversidade

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Supersabichão 4 p.120	São sempre diferentes	António Gedeão	Poesias completas
Pequenos Leitores 4 p.122	Os dois lados do mundo	Camilo Jorge Glória	Maria dos Olhos Grandes e Zé Pimpão
Fio-de-Prumo 3* p.20	Macaco astronauta	Leonel Neves	O livrinho dos Macacos
Trampolim 3 p.14-15	Meninos de todas as cores	Luisa Ducla Soares	—
Pirilampo 4 p.146	Meninos de todas as cores	Luisa Ducla Soares	—
Pequenos Leitores 4 p.39	O cão	Luisa Ducla Soares	Arca de Noé
Pirilampo 4 p.146	Todos diferentes todos iguais	Luisa Ducla Soares	—
Amiguinhos 1 p.116	Os cães	Luisa Ducla Soares	Versos de animais
Fio-de-Prumo 1 p.130	Os cães	Luisa Ducla Soares	—
Amiguinhos 3 p.62	Um arco iris	Luisa Ducla Soares	Texto inédito
Amiguinhos 3 p.74	A cor que se tem	Maria Cândida Mendonça	Um Mundo de Crianças, OIKOS
Fio-de-Prumo 3 p.52	A cor que se tem	Maria Cândida Mendonça	Racismo, a Força do Preconceito, OIKOS
Supersabichão 4 p.115	A cor que se tem	Maria Cândida Mendonça	A cor que se tem (1986)
Pequenos Leitores 4 p.25	A cor que se tem	Maria Cândida Mendonça	—
Aventura das Letras 4 p.26	A cor que se tem	Maria Cândida Mendonça	—
Júnior 2 p.5-6	Todo o nome uma canção	Unicef (adaptado)	Uma luz um sol – Direitos das crianças

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Educação para a Saúde e Educação Cívica

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Pirilampo 2. 56	A água do chafariz	Adélia Grande	—
Júnior 2. 122	Trabalhando para o bronze	Alexandre Honrado	Histórias que apanharam bicho
Leituras do João 4 p. 44	Doentes para a cama	António manuel Couto Viana	Versos de Palmo e Meio
Fio-de-Prumo 3 p. 30	Doentes para a cama	António manuel Couto Viana	—
Leituras do João 2 p.40	Onde tudo aconteceu	António Mota	Onde tudo aconteceu
Saltitão 2 p.75	Onde tudo aconteceu	António Mota	Onde tudo aconteceu
Despertar 3 p.163	Foi no passeio escolar	António Mota	—

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Educação para a Saúde e Educação Cívica (Continuação)

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Leituras do João 3 p.108	engarrafamento	António San Payo de Araújo	—
Caminhos 2 p.45	Pequeno peão	Conceição Dinis	(2003)
Pirilampo 2 p.48	Bom dia	Esther de Lemos	—
Caminhos 2 p.22	Frutos	Eugénio de Andrade	Aquela nuvem e outras (1999)
Letrinhas 2 p.76	Frutos	Eugénio de Andrade	—
Trampolim 3 p.30	Frutos	Eugénio de Andrade	—
Pirilampo 2 p.12	Onde vais caracol	Eugénio de Andrade	—
Fio-de-Prumo 2 p.27	Se és ciclista	Eunice Lopes	Nosso Amiguinho
Despertar 4 p.26	O caracol	Fernando Pessoa	Tesouro poético de literatura para crianças
Fio-de-Prumo 1* p.11	Alimentação saudável	Gaspar Cruz	—
Fio-de-Prumo 1* p.20	O papelito	Gaspar Cruz	—
Giroflé 3 p.78	A laranja	Isabel Lamas	—
Pirilampo 4 p.120	O gato vermelho	Joaquim Pessoa	—
Pirilampo 4 p.120	O gato verm.	Joaquim Pessoa	—
Pirilampo 2 p.60	Peão verde ou encarnado	José barata Moura	—
Fio-de-Prumo 2 p.22	Cuida bem dos dentes	José Jorge Letria	Porta-te bem
Fio-de-Prumo 2 p.19	Mãozinhas bem lavadas	José Jorge Letria	Porta-te bem
Fio-de-Prumo 2 p.89	Leva o cão a passear	José Jorge Letria	Porta-te bem
Fio-de-Prumo 3 p.112	Pouco barulho	José Jorge Letria	Porta-te bem
Fio-de-Prumo 2 p.35	Saber dar o lugar	José Jorge Letria	Porta-te bem
Despertar 3 p.102	Saber dar o lugar	José Jorge Letria	—

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Educação para a Saúde e Educação Cívica (Continuação)

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Fio-de-Prumo 3 p.36	Bons modos á mesa	José Jorge Letria	Porta-te bem!
Fio-de-Prumo 3* p.24	Numa cidade amarela	José vaz	Para sonhar com borboletas azuis
Fio-de-Prumo 2 p.116	Salada de fruta	Lourdes Custódio	Lengalengas
Fio-de-Prumo 1 p.15	Visita ao oceanário	Lourdes Custódio	Lengalengas
Leituras do João 2 p.106	Visita ao oceanário	Lourdes Custódio	—
Pequenos Leitores 4 p.61	O galo	Luísa Ducla Soares	—
Amiguinhos 2 p.46	A zebra	Luísa Ducla Soares	Texto inédito
Fio-de-Prumo 3 p.30	Doentes para a cama António	Manuel Couto Viana	Versos de palmo e meio
Leituras do João 4 p.44	Doentes para a cama António	Manuel Couto Viana	---
Leituras do João 4 p.88	Passadeira???	Maria Adelaide de Vasconcelos	—
Leituras do João 4 p.88	Entrevista de rua	Maria Adelaide de vasconcelos	—
Caminhos 2 p.34	Sou bonitão	Maria Brás	—
Pequenos Leitores 4 p.18	Os órgãos dos sentidos	Maria Helena Amaro	Não publicado
Caminhos 2 p.44	Sinais de trânsito	Maria Helena Araújo	Geometria...tria...tria
Trampolim 3 p.30	A laranja	Matilde Rosa Araújo	Mistérios (1998)
Leituras do João 2 p.89	Água e sabão	Popular	—
Fio-de-Prumo 3 p.16	Por favor	Rosa Lobato Faria	ABC das coisas mágicas
Fio-de-Prumo 3 p.17	Obrigado	Rosa Lobato Faria	ABC das coisas mágicas
Amiguinhos 2 p.122	Laranja	Rosa Lobato faria	ABC das flores e dos frutos em rima infantil
Saltitão 2 p.36	Não custa nada	—	—
Leituras do João 3 p.144	Viajar	—	—
Bambi 2 p.66	Dez mochinhos	—	365 Histórias de Encantar
Amiguinhos 3 p.14	O coração	Luisa Ducla Soares	Texto inédito
Leituras do João 2 p.24	Os órgãos dos sentidos	Virgínia Varizo, Maria Reis	Tu, nós e a escola

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Ambiente			
Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Pequenos Leitores 4 p.132	Vamos melhorar o mundo!	Catarina (10 anos)	Um mundo de crianças (OIKOS)
Fio-de-Prumo 2 p.121	Dia Mundial do Ambiente	Lourdes Custódio	Dias Especiais
Supersabichão 4 p.138	O ambiente está doente	Maria Cândida Mendonça	Rua Sésamo n.º91
Pirilampo 4 p.150	A natureza e o Homem	Maria Natália Miranda	—
Caminhos 2 p.98	Árvore	Matilde Rosa Araújo	As Fadas Verdes
Despertar 3 p.108	Era uma vez uma árvore	Matilde Rosa Araújo	Texto com supressões
Amiguinhos 1 p. 125	O meu tesouro	—	—
Fio-de-Prumo 2 p.76	O ambiente onde vivemos	—	Pelucho e a Ecologia
Despertar 4 p.50	Burro	Afonso Lopes Vieira	Animais Nossos Amigos
Despertar 3 p.58	Cantadores	Popular	Org. José Viale Moutinho
Leituras João 2 p.29	Cantadores	Popular	—
Encanto Leitura 4 p.21	Um planeta vivo	—	o Planeta Azul
Bambi 1 p.80	O zangão zangado	Alice Gomes	Bichinho poeta
Trampolim 3 p. 26	O caçador de borboletas	Álvaro Magalhães	o reino perdido
Júnior 2 p.86	Pois, pois	António Torrado e M.ªAlberta Menéres	Nós
Pirilampo 3 p.104	Uma árvore, um amigo	Carlos Paião	—
Despertar 3 p.111	É preciso salvar a Natureza	Franclim Neto	—
Fio-de-Prumo 1a p.25	Vamos reciclar	Gaspar Cruz	—
Fio-de-Prumo 3 p.96	A andorinha	Maria Conceição Campos	Cinco vezes seis
Fio-de-Prumo 1* p.23	Primavera	Gaspar Cruz	—
Junior 3 p.128	A amiga água	José Jorge Letria	A amiga água
Caminhos 3 p.86	Água do mar	José Jorge Letria	O grande Continente Azul
Supersabichão 4 p.81	Água do mar	José Jorge Letria	O grande Continente Azul
Amiguinhos 2 p.27	Verde, azul e amarelo	Lourdes Custódio	Giroflé

Categoria – Sociedade – Educação para a Cidadania – Ambiente (Continuação)

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Fio-de-Prumo 3 p.92	Proteger a Natureza	Luís Matos	Festividades
Fio-de-Prumo 3 p.114	Eco-Código Nacional	Luís Silva	Associação Bandeira Azul da Europa
Aventura Letras 4 p.122	Plantar uma floresta	Luísa Ducla Soares	A gata tareca e outros poemas levados da breca
Pirilampo 3 p.128	Plantar uma floresta	Luísa Ducla Soares	—
Pirilampo 3 p.130	Vamos salvar o Ambiente	Luísa Ducla Soares	—
Encanto Leitura 4 p.133	A poluição	Luísa Ducla Soares	—
Amiguinhos 3 p.78	O chão de todos nós	Luísa Ducla Soares	Texto inédito
Caminhos 2 p.120	No solinho da mata	Maria Cândida Mendonça	Plátano Editora
Bambi 2 p.70	As gotas de chuva	Elia Pereira de Almeida	—
Amiguinhos 2 p.102	A árvore	Luísa Ducla Soares	Texto inédito
Despertar 2 p.117	A Natureza	Júlio Roberto	—
Supersabichão 4 p.145	Vamos amar animais	Lourdes Custódio	Dias Especiais
Leituras João 4 p.88	A vida	Sidónio Muralha	—

Tabela V

Identificação dos poemas relativos à categoria «Soceidade - Identidades» e respectiva localização.

Categoria – Sociedade – Identidades – Identidade Histórica e cultural

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Despertar 3	Tempo para conhecer costumes...	Afonso Lopes Vieira	—
Aventura Letras 4 p.50	O povo à beira do mar	Fátima Lima	—
Supersabichão 4 p.108	Ser português	José Jorge Letria	Portugal para os Pequeninos
Caminhos 3 p.135	cantiga	Luís de Camões	Poesia Lírica
Bambi 4 p.158	A mais linda história do mundo	Adapt. João Barros	Os Lusíadas contado às criancinhas
Bambi 4 p.152-153	As Naus de verde pinho	Manuel Alegre	As Naus de Verde Pinho
Vila Moinho p.22	As Naus de verde pinho	Manuel Alegre	As Naus de Verde Pinho
Pirilampo 4 p.50	Viagens marítimas	Henrique Lopes Mendonça	—
Amiguinhos 3 p.106	A Rosa-dos-Ventos	Luísa Ducla Soares	Texto inédito
Fio-de-Prumo 3 p.120	Portugal	M. Subtil	Descobrir as palavras
Pirilampo 4 p.46	Bartolomeu Marinheiro	Afonso Lopes Vieira	—
Encanto Leitura 4 p.81	Viajar é possível	Alves Redol	—
Encanto Leitura 4 p.112	O senhor vento	Maria Eulália de Macedo	Brincar também é poesia
Encanto Leitura 4 p.136	Romeiros de Portugal	Alfredo Cabral	—
Encanto Leitura 4 p.43	A voz da terra	Maurício de Queirós	A história linda de Portugal
Encanto Leitura 4 p.48	O Adamastor	Afonso Lopes Vieira	—
Encanto Leitura 4 p.49	Aqueles mares	Luís de camões	Os Lusíadas – Canto V
Encanto Leitura 4 p.86	Um dia corri mundo	António Correia de Oliveira	—
Encanto Leitura 4 p.50	O Brasil	Vicente Guimarães	—
Encanto Leitura 4 p.51	Mar português	Fernando Pessoa	Mensagem
Encanto Leitura 4 p.52	Lisboa das naus	António Nobre	A Lisboa das Naus
Encanto Leitura 4 p.54	Canto I	Luís de Camões	Os Lusíadas

Categoria – Sociedade – Identidades – Identidade Histórica e cultural

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Encanto Leitura 4 p.51	A mãe-coragem	José Jorge Letria	Rua dos Navegantes
Supersabichão 4 p.108	Ser português	José Jorge Letria	—
Encanto Leitura 4 p.57	Heróis do ar	Adolfo Simões M.	—
Encanto Leitura 4 p.60	Os emigrantes	Manuel Freire	—
Encanto Leitura 4 p.30	O nosso património	Direcção Geral da Divulgação	Terra Livre
Encanto Leitura 4 p.28	Infante	Fernando Pessoa	Mensagem
Encanto Leitura 4 p.47	O Padrão	Fernando Pessoa	—
Encanto Leitura 4 p.31	As duas pedras	Raúl Correia	—
Encanto Leitura 4 p.60	O soldadinho	Reinaldo Ferreira	—
Fio-de-Prumo 2 p.81	Hortênsia nos Açores	Rosa Lobato Faria	ABC das Flores e dos Frutos
Despertar 3 p.40	Hortênsia nos Açores	(Popular)	—
Júnior 2 p.108	Hortênsia é o meu nome	Maria Monteiro e Carolina Lagarto	—
Despertar 3 p.	Tempo para conhecer costumes e tr	Afonso Lopes Vieira	—
Aventura das Letras 4 p.44	A lenda da Rainha Santa	Almeida Garrett	Romanceiro (1843-1851)
Giroflé3	Carnaval é...	Amélia Azinheiro	—
Leituras do João 4 p.143	As férias batem á porta	António Mota	—
Despertar 4 p.134	O milagre das rosas	Cândido Guerreiro	Rainha Santa
Pequenos Leitores 4 p.72	Eu devia era ir de fada...	Conceição marques	Não publicado
Pequenos Leitores 4 p.115	património	Conceição marques	Não publicado
Letrinhas 2 p.66	O pinguim sorveteiro	Fernando Cardoso	—
Fio-de-Prumo 2 p.38	O palhaço	Fernando Cardoso	Novíssimas Flores para Crianças

Categoria – Sociedade – Identidades – Identidade Histórica e Cultural

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Fio-de-Prumo 1* p.18	É Carnaval	Gaspar Cruz	—
Fio-de-Prumo 3* p.18	O meu carnaval	Ignez Mazoni	—
Pequenos Leitores 4 p.28	Hospitalidade transmontana	Inácio nuno Pignatelli	O sobe-montanhas
Fio-de-Prumo 3 p.77	Carnaval	Isabel Lamas	O livro das canções
Aventura das Letras 4 p.82	O circo	José Régio	As encruzilhadas de Deus (1986)
Giroflé 3 p.92	Um dia de circo	José Régio	—
Fio-de-Prumo 2 p.11	Começou o Outono	Lourdes Custódio	No jardim-de-infância
Caminhos 2 p.20	Começou o Outono	Lourdes Custódio	No jardim-de-infância
Fio-de-prumo 3 p.11	Meia dúzia de castanhas	Luiza da gama Santos	—
Fio-de-Prumo 3 p.120	Portugal	M. Subtil	Descobrir as palavras
Despertar 2 p.92-93	O parque dos meus sonhos	Maria Ângela Resende	adaptado
Despertar 3 p.91	Aí vêm os leões	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Despertar 2 p.85	Aí vêm os leões	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Despertar 4 p.89	Quem és tu ó mescarado	Maria Isabel Mendonça Soares	—
Bambi p.74	O circo	Maria Isabel Mendonça Soares	Histórias para Ler e Contar
Leituras do João 2 p.80	Baile de máscaras	Maria Isabel Mendonça Soares	365 Histórias de Encantar
Despertar 4 p.155	Santo António já se acabou	Popular	—
Leituras do João 4 p.143	O trigo fez-se fatia	Popular	Descobertas do Tó
Supersabichão 4 p.89	É Carnaval	Trabalho de grupo- 3ºano	Escola agrupamento D. Dinis, Vila Real
Aventura das Letras 4 p.134	Oração popular a Santo António	Tradicional	—
Encanto Leitura 4 p.55	1.º de Dezembro	Adolfo Simões Müller	—
Fio-de-Prumo 3 p.44	tradições	Filipa da Palma Costa	aluna Estagiária - ISCE
Despertar 2 p.33	Há magusto na escola	Franclim Neto	—
Fio-de-Prumo 1* p.9	Magusto	Gaspar Cruz	Fio-de-Prumo

Tabela VI

Identificação dos poemas relativos à categoria «Sociedade – Vida Quotidiana» e respectiva localização.

Categoria – Sociedade – Vida Quotidiana

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Aventura da Letras p.108	O senhor vento	Adélia Grande	Vou-te Contar (1989)
Bambi 4 p. 82-83	aniversários	Álvaro Magalhães	O Limpa-Palavras e Outros Poemas
Bambi 4 p.134	A tartaruga	Álvaro Magalhães	Histórias Pequenas de Bichos Pequenos
Trampolim 3 p.120-121;	O Limpa-palavras	Álvaro Magalhães	Conto estrelas em ti (2001)
Bambi 4 p.63	O Limpa-palavras	Álvaro Magalhães	—
Fio-de_Prumo 2 p.97	A comunicação	Escola Activa	Editorial Oceano
Despertar 2 p.65	Um novo ano começa	Ester de lemos	—
Leituras do João 2 p.20	Anúncio de jornal	Fernado Cardoso	Porco Cozinheiro
Fio-de-Prumo 2 p.73	O espantalho	Fernando Cardoso	Novíssimas flores para crianças
Leituras do João 4 p.128	Que piada!	Isabel Lamas	Era uma vez... e outra...
Despertar p.78	A Joanhina	João de Deus	Campo das Flores
Fio-de-Prumo 3 p.100	Saber poupar...	Lourdes Custódio	Dias especiais...
Leituras do João p.140	A pressa do tempo	Luís Infante	Poemas pequeninos para meninas e meninos
Caminhar 4 p.144	Peguei na Serra da Estrela	Luísa Ducla Soares	Adaptado
Caminhar 4 p.128	Poema às massas	Luísa Ducla Soares	—
Pequenos Leitores 4 p.85	Poema às massas	Luísa Ducla Soares	—
Pirilampo 3 p.88	Os sons	Maria Alzira Machado	—
Aventura das Letras4 p.110	Os sons da vida	Maria Alzira Machado	Natalinho

(Continuação) Categoria – Sociedade – Vida Quotidiana

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Pirilampo 2 p.90	Cão polícia	Aida Marcuse	—
Leituras do João 4 p.38	Castanhas quentinhas	António C. De Almeida	—
Leituras do João 2 p.49	Senhor polícia	António Mota	Se tu visses o que eu vi
Caminhar 4.	A fonte	António Mota	—
Encanto da Leitura 4 p.95	A vida na cidade	Fernando Bento Gomes	Aventuras do Espantalho Voador
Fio-de-Prumo 1* p.5	Canção de Outono	Gaspar Cruz	—
Fio-de-Prumo 1 p.17	O Inverno	Gastão Cruz	—
Fio-de-Prumo 2.105	Quem sou eu?	Jean-Philippe Mars	As profissões do mundo
Fio-de-Prumo 2. 101	O carteiro	Jean-Philippe Mars	Adivinha o que eu faço
Fio-de-Prumo 2. 69	Quem sou eu?	Jean-Philippe Mars	As profissões do mundo
Fio-de-Prumo 2. 62	O guarda-florestal	Jean-Philippe Mars	As profissões do mundo
Fio-de-Prumo 3. 28	Cientista	José Jorge Letria	O que vou ser quando crescer
Fio-de-Prumo 3. 110	Jornalista	José Jorge Letria	O que vou ser quando crescer
Júnior 2. 64-65	Modos de vida	José Jorge letria	O que eu vou ser quando crescer
Leituras do João 3 p.96	Mestre Hilário o Pardal	Luís Novo	Onze contos para crianças
Amiguinhos 3 p.126	Profissões	Luísa Ducla Soares	Texto Inédito
Leituras do João 3 p.90	Mistérios	Luísa Ducla Soares	—
Encanto da Leitura 4 p.125	O pescador	Maria João Duarte	—
Encanto de Leitura 4 p.126	O pastor	Matilde Rosa Araújo	—
Amiguinhos 2 p.76	O sapateiro	Soledade Martinho Costa	Vamos adivinhar Profissões
Pirilampo2 p.52	Quem sou eu?	Soledade Martinho Costa	—
Supersabichão 4 p.126	Quem sou eu? (Pescador)	Soledade Martinho Costa	Vamos adivinhar Profissões
Saltitão 2 p.64	Modos de Vida	Tradicional	—
Vai de Roda1 p.156	Paisagem	—	—

(Continuação) **Categoria – Sociedade – Vida Quotidiana**

Manual Escolar	Título do Poema	Autor	Obra
Despertar 2 p.20	Chegou o Outono	Maria Helena Araújo	
Trampolim 3 p.97	A moeda	Mário castrim	Conto Estrelas em Ti, Campo das Letras (2001)
Tramplim 3 p.122	O tempo no jardim	Matilde Rosa Araújo	Mistérios, Livros Horizonte (1988)
Bambi 1 p.120	A vida é feita de nadas	Miguel Torga	Palavras de cristal, Plátano Editora
Trampolim 3 p.84	A fada gigante	Nuno Higino	O menino que namorava paisagens... (2001)
Trampolim 2 p.26	Greve no circo	Sidónio Muralha	Voa, pássaro, voa, Livros Horizonte (1978)
Despertar 4 p.162	O velho, o rapaz e o burro	Sofia de Melo Breyner Andersen	—
Caminhos 2 p.140	Alegre menina	Violeta Figueiredo	Fala bicho, Edições Asa
Leituras do João 4 p.72	O sapo e o caçapo	Violeta Figueiredo	Fala Bicho
Pequenos Leitores 4 p.100	O sapo e o caçapo	Violeta Figueiredo	Fala Bicho
Aventura das Letras 4 p.92	As fadas	Antero de Quental	As fadas (1988)
Despertar 4 p.147	As fadas	Antero de Quental	—